



RAÍZES

Ano XV - Nº 27

São Caetano do Sul

Julho de 2003





Nossa Capa

Nesta edição a revista *Raízes* traz como assunto central o aniversário de uma tradicional paróquia da cidade, a *Candelária*, que em 2003 comemora 50 anos. Sua participação na história da cidade merece destaque não só em virtude do atendimento à comunidade católica, mas também por sua função social e cultural.

A imagem de nossa capa foi criada a partir de duas fotografias que mostram alguns detalhes da edificação, os quais atualmente não mais podem ser vistos. Para realizar a capa e conseguir um efeito estético harmônico, criamos, a partir de duas fotografias, uma imagem única, manipulando-as em processo digital.

Unindo técnicas contemporâneas e tradicionais (através da digitalização preservamos o original) e usando programas gráficos, criamos uma nova imagem que possibilita mostrar em um só enquadramento os arcos na imagem inferior e o campanário que encima a torre. Uma fotografia que teria sido impossível realizar com a câmera e a objetiva utilizadas na época.

Na contracapa reproduzimos seis certificados, de crisma, batismo e primeira comunhão, com ilustrações coloridas, usualmente oferecidos aos fiéis quando recebiam esses sacramentos.

Capa e Arte – Neusa Schilaro Scaléa

 **Fundação Pró-Memória**
São Caetano do Sul

Ano XV - Número 27
Publicação semestral
Distribuição gratuita

ISSN 1415-3173

Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Julho de 2003

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255
Sta. Paula - CEP 09541-520
São Caetano do Sul (SP)
Fonefax (011) 4221-9008 e 4221-7420
www.fpm.org.br
e-mail: fpm@fpm.org.br e
raizes@fpm.org.br

Jornalista responsável

Alexandre Toler Russo
(MTb 33212)

Coordenação geral

Sônia Maria Franco Xavier

Redação

Fabiola Fioravante (digitalização de imagens)

José Roberto Gianello (pesquisa)

Maísa da Silveira (digitalização)

Maria Ap. M. Fedatto (secretaria e coordenação)

Paula Ferreira Fiorotti (assessoria)

Imagens

Antônio Reginaldo Canhoni (fotografia)

Neusa Schilaro Scaléa (capa e arte)

Jayme da Costa Patrão (ilustração)

Programação Visual e Paginação Eletrônica
Carvalho & Reis Gráfica e Editora Ltda-Me

Conselho Editorial

Aleksandar Jovanovic, Alexandre Toler Russo, Domingo Glenir Santarnecchi, Humberto Pastore, Jayme da Costa Patrão, João da Costa Faria, José Roberto Gianello, Maria Aparecida M. Fedatto, Mário Del Rey, Mário Porfírio Rodrigues, José de Souza Martins, Sílvio José Buso, Sônia Maria Franco Xavier (presidente), Valdenízio Petrolli, Yolanda Ascêncio.

Fotolitos e Impressão

Provo Distribuidora e Gráfica Ltda.

Editorial

Neste número procuramos fazer algumas alterações, tanto em relação ao conteúdo, alargando nossos enfoques para temas mais gerais, como quanto à forma de apresentação, sempre com o objetivo de tornar a revista mais agradável e fecunda em suas informações.

Conservamos a missão de investigar, documentar, interpretar, valorizar e difundir testemunhos dos moradores e memorialistas, relacionados à cidade e à região, no intuito de contribuir para a construção e a transmissão das memórias para um desenvolvimento local sustentável.

No dossiê *50 anos de louvor a Nossa Senhora da Candelária (1953-2003)*, apesar de o tema ser local, sua pesquisa foi ampla e enriquecedora, assim como os depoimentos e ilustrações (fotos e documentos). Material esse, aliás, organizado pela própria comunidade.

Nos artigos regionais, a pesquisa trouxe os monges beneditinos na região, além dos 136 anos da estrada de ferro e do integralismo no ABC paulista. Tudo isso tendo como material alguns trabalhos acadêmicos e fotografias locais. São novos articulistas trazendo consigo enfoques condizentes com influências de respeitadas universidades.

Mas apesar das inovações persistirão em nossas edições matérias tradicionais, como os artigos sobre as indústrias, as vilas operárias, as famílias e a imigração, todos com a mesma qualidade ratificada ao longo das 26 edições anteriores.

Desejando uma boa leitura, finalizo citando Walter Benjamin: *Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela brilha no instante de um perigo.*

Sônia Maria Franco Xavier
Presidente

A História de Nosso Sucesso

Luiz TORTORELLO (*)

Sempre querem saber quais as razões de nossa cidade destacar-se no cenário nacional - e também internacional - como modelo de políticas administrativas bem sucedidas, fato comprovado pelos inúmeros prêmios e homenagens que temos recebido nos últimos anos. O primeiro fator é a união de princípios, idéias e atuação da cidadania com sua administração, e ele decorre de nossa história.

A Fundação Pró-Memória é, ao mesmo tempo, a guardiã de nossas melhores tradições e valores e a propulsora da atualidade rumo ao futuro, na medida em que mantém vivos e atuantes esses mesmos fatores, perpetuando a vontade firme que temos de atingir os melhores níveis possíveis de qualidade de vida. É, igualmente, mantenedora de nossa trajetória e estimuladora dos caminhos futuros, ao contar a História.

A revista *Raízes*, já em sua 27ª edição, é a documentação mais completa e bem elaborada a que uma cidade poderia pretender. Sem documentar o passado, jamais teríamos a segurança do desempenho no presente, e não saberíamos como construir o futuro. Ela é o principal vínculo com nossa saga e, assim, com nossa identidade própria, ao informar de onde viemos, o que fizemos e quem somos, abrindo com propriedade o cenário de nossas atuações que virão.



Tenho orgulho ao recomendar a leitura atenta desta edição de *Raízes*, que fala de nossas igrejas, empresas, processos de industrialização e participação da mulher em nossa história, fala de nossas famílias e dos movimentos épicos dos quais participamos, do papel da ferrovia no desenvolvimento regional e da presença dos beneditinos nas nossas origens, dentre outros temas impecáveis tanto na forma quanto no conteúdo.

A Fundação Pró-Memória e sua revista *Raízes* estão de parabéns por mais esta edição. A cidade também, por receber trabalho tão esmerado, atraente e significativo, originário de sua própria maneira de construir a vida.

(*) Luiz Olinto Tortorello é professor, jurista e atual prefeito de São Caetano do Sul em terceira gestão

ÍNDICE

Dossiê

05 *50 Anos de louvor a Nossa Senhora da Candelária (1953-2003)*

Neusa Maria Persona BUENO

25 *Memória Fotográfica da Paróquia N. Sra. da Candelária*



Altar de Nossa Senhora da Candelária

Artigos Regionais

34 *Presença dos monges beneditinos no Grande ABC entre os séculos XVII e XIX*

Cristina Toledo de CARVALHO

37 *Da São Paulo Railway à MRS Logística S/A: 136 anos de Estrada de Ferro no ABC*

José Roberto GIANELLO

42 *Fragmentos de uma história esquecida – o integralismo no ABC paulista*

Renato Alencar DOTTA

Artigos

48 *Vilas Operárias: industrialização e urbanização*

André Luis Balsante CARAM

56 *68 anos de chocolates Pan*

Carlos Alberto de OLIVEIRA

59 *Ferros elétricos de São Caetano para o mundo; a trajetória da Tupy*

Mário Porfírio RODRIGUES



Família Avoli

61 *O cotidiano de algumas famílias do município entre 1930 e 1960*

Deives Manoel CAMARGO

68 *Um caleidoscópio com imagens e personagens da família Del Rey*

Mário DEL REY

74 *USE – União das Sociedades Espíritas de São Caetano do Sul: 50 anos promovendo a harmonia dos espíritas na cidade*

Adilson J.J.PEREIRA e

Luciana C. PEREIRA

Cultura

77 *Paulo Lício Rizzo, por sua arte e fé*

Sônia Maria Franco XAVIER

80 *Um toque feminino em nossas raízes*

Maria Gorete Soares FRAZÃO

82 *A Fotografia e a Cidade III – Waldemiro Chomem, fotógrafo*

Neusa Schilaro SCALÉA

84 *O Patrimônio Histórico e o Direito Difuso*

José Odair da SILVA

Personagens

85 *Armelindo Antonio tem história de bom profissional*

Antonio Julio Pedroso de MORAIS

88 *Entre os imigrantes italianos é ordenado o primeiro padre*

Humberto Domingos PASTORE

90 *Abdollah Sahihi, pioneiro da fé Bahá'í na cidade*

Fariba Shaikhzadeh VAHDAT

Memória

92 *Aurélia Müller: imigrante iugoslava comemora 50 anos em São Caetano do Sul*

Yolanda ASCENCIO

95 *Três gerações, um único lar*

Alexandre Toler RUSSO

100 *Arma na mão, bola no pé, confete e serpentina*

Tatiane Cristina CORREIA

Esporte

103 *Corinthinha, uma glória do futebol varzeano*

Narciso FERRARI

Registro

106

Memória Fotográfica



Trabalho de retificação do Córrego do Moinho



Conforme Livro de Tombo I, pgs. 12-18v –
Matriz Sagrada Família

Matriz Sagrada Família

50 Anos de louvor a Nossa Senhora da Candelária (1953-2003)

Neusa Maria Persona BUENO (*)



Dossiê

I – ORIGEM DA PALAVRA CANDELÁRIA

Eu sou a Luz do mundo, quem me segue não caminha na

escuridão, mas terá a Luz da vida.
(Jó 8,12)

A Virgem Maria foi quem deu a Luz da Verdade ao mundo, por isso os fiéis dos primeiros séculos passaram a invocá-la com o nome de Senhora da Luz ou Senhora das Candeias.

Quarenta dias após o nascimento de seu filho Jesus, a Virgem Maria foi a Jerusalém apresentar-se ao templo, como determinava a Lei de Moisés. Em seus braços levava o pequeno menino Jesus Cristo.

Ao entrar no templo, encontrou-se com o ancião Simeão. Naquela criancinha, que dormia nos braços da mãe, Simeão reconheceu o Messias Salvador que todos esperavam. Chorando de

alegria, tomou consigo o pequenino e rezou agradecido:

Agora posso morrer feliz, Senhor, pois meus olhos acabam de ver a Luz do mundo.

(Lc. 2-3, 25 a 32)

Antigamente, o nosso povo conhecia bem a Senhora das Candeias, lembrada no dia dois de Fevereiro, data em que a Igreja celebra a apresentação da Virgem Maria, com seu filho, no templo.

Esse título de Senhora da Luz nos diz que Nossa Senhora não apenas nos deu o Cristo, a Luz Eterna, mas também que ela é a Luz que nos encaminha e leva até Deus.

II – ORIGEM DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CANDELÁRIA

No dia dois de Fevereiro, é comemorado o dia de Nossa Senhora da Candelária, isto é, Nossa Senhora da Luz.

A atual paróquia começou com uma pequena imagem de barro trazida por um caçador de pássaros que costumava vir caçar nessa região. Ele colocou a imagem entre as pedras que ficavam sobre uma bica, perto da Cruz dos Beneditinos, para marcar a divisa de terras entre a Fazenda São Caetano e o Bairro São Caetano,



Família de José Benedetti, primeiro zelador da capela. Ano de 1926. Da esquerda para a direita, em pé: Rosa Benedetti Federici, Regina Benedetti Coan, Antônio Benedetti, João Benedetti, Ângelo Eugênio Benedetti. Sentados: Maria Benedetti, Teresa Perim Benedetti (mãe), Luiz Benedetti (caçula), José Benedetti (pai), Ângela Benedetti e Giacomo Benedetti

Família Benedetti



Procissão de Nossa Senhora da Candelária, realizada na antiga capela, em dois de Fevereiro de 1932, pelo padre Alexandre Grigolli

no século XVIII. Todos os que por ali passavam paravam para rezar e fazer seus pedidos à santa.

Na década de 1920, o Bairro Monte Alegre estava apenas começando a ser formado quando os irmãos Bento José Gonzaga Franco e José Gonzaga Filho começaram a lotear as terras de sua fazenda, formando o Bairro Gonzaga, hoje Bairro Oswaldo Cruz. Bartolomeu Ferrero Filho e Hermínio Moura, corretor de imóveis do Ipiranga, estavam encarregados da venda desses terrenos.

As famílias que aqui moravam - Benedetti, Ferrero, Carraro, Milani, Linhares, Santi, Di Santi, Aggio, entre outras - almejavam construir uma capela. Atendendo ao anseio dessas famílias, Bartolomeu Ferrero Filho e Hermínio Moura conseguiram dos irmãos Gonzagas a doação do terreno e a construção de uma capela para abrigar a imagem.

A capela construída era bastante rústica, toda de tijolos doados pela família Benedetti. Cabiam apenas seis ou sete pessoas. Com a capela pronta, os irmãos Gonzagas doaram uma imagem de Nossa Senhora da Candelária, que trouxeram do Rio de Janeiro, onde estavam morando. A capela passou então a pertencer à Igreja Sagrada Família.

Em 31 de Janeiro de 1927, foi dada permissão pela Cúria Metro-

politana de São Paulo para serem celebradas missas na Capela de Nossa Senhora da Candelária. As missas eram celebradas uma vez por mês, aos domingos, às nove horas da manhã. Os celebrantes eram os padres Alexandre Grigolli, vigário da Matriz Sagrada Família, e seu coadjutor Ézio Gislimberti.

No dia 16 de Fevereiro de 1928, a Cúria Metropolitana de São Paulo nomeou como zelador o sr. José Benedetti (cf. Livro de Tombo I da Matriz Sagrada Família).

A Capela de Nossa Senhora da Candelária passou a ser ponto de

referência religiosa de vários bairros ao seu redor. Em 27 de Maio de 1928, foi fundada a Congregação Nossa Senhora da Candelária.

No começo tudo foi bastante difícil, mas todos os moradores vizinhos procuravam ajudar conforme suas possibilidades. Em vésperas de festas, os vizinhos ofereciam água de seus poços, a qual era trazida em latas, pelos homens, enquanto as mulheres lavavam a capela. Tudo tinha que ser muito rápido, porque o piso era de tijolos e a água nele jogada secava rapidamente.

Em 1937, o padre Alexandre Grigolli voltou para a Itália e, em seu lugar, ficou como vigário econômico o padre Ézio Gislimberti, que passou a ser o responsável pelas celebrações religiosas e pela assistência espiritual da capela.

III – TRANSFORMAÇÃO DA CAPELA EM PARÓQUIA

Com o passar do tempo, a capela ficou pequena para o número crescente de fiéis. As missas passaram a ser celebradas quinzenal-



Vista parcial da Capela Nossa Senhora da Candelária, ano de 1949. A rua de terra é a Amazonas

Rosa Santil Esteves

mente, sempre aos domingos, às nove horas. Os fiéis frequentadores, juntamente com as freiras do Instituto Nossa Senhora da Glória, na época dirigido pela irmã Julieta de Lourdes, da Ordem das Irmãs Clarissas Franciscanas, organizaram um movimento para transformar a capela em paróquia.

As reformas estruturais para ampliar o espaço físico da capela foram feitas através de doações, quermesses, rifas, livro de ouro etc.

Foi criada uma comissão, formada pelo padre Ézio Gislimberti, *que mais tarde veio a ser o primeiro conselho paroquial*, e membros de antigas famílias locais: Ferrero, Carraro, Benedetti, Bertolin, Caperutto, Aggio, Dall'Anese, De Martini, Santi, De Santi, Fiori, Geraldi, Moraes, Piffer, Roque, Persona, Tozetto, Strufaldi, Veronezi, Vizaqui, Weber, Trentini, Zanon, Zaia, Ferreira Paiva e outras.

A nova igreja foi iniciada em Maio de 1949, sob a responsabilidade do novo zelador, sr. Giacomo Benedetti (filho do antigo zelador), e do pedreiro e mestre de obras Elviro Caperutto. A Construtora Linhares foi designada pela Matriz Sagrada Família para erguer a nova capela.

A nova igreja demorou nove meses para ser construída. Foi inaugurada no dia dois de Fevereiro de 1950, com a presença do então prefeito de São Caetano do Sul, dr. Ângelo Raphael Pellegrino, do presidente da Câmara Municipal de São Caetano do Sul e de todos os fiéis da região.

Em 29 de Junho de 1953, atendendo a antigo pedido dos moradores e das Irmãs Clarissas Franciscanas, a Cúria Metropolitana concordou em transformar a capela em paróquia:

Conforme Livro de Tombo I, pg. 8 – Paróquia Nossa Senhora da Candelária

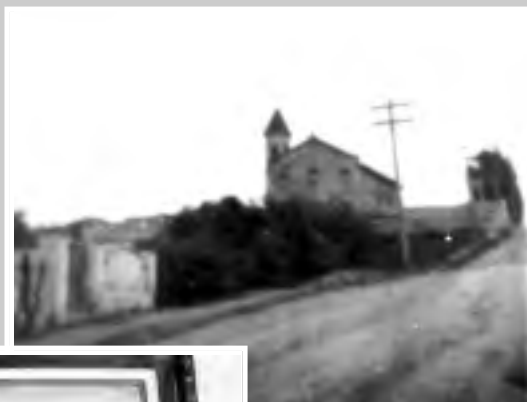


Paróquia Nossa Senhora da Candelária



Neusa Maria Persona Bueno

Cruzeiro dos Beneditinos – Procissão de Nossa Senhora da Candelária, realizada em dois de Fevereiro de 1950



José Persona e Paróquia Nossa Senhora da Candelária



Rua Castro Alves, 1954. Quadro em óleo sobre tela, pintado pelo advogado Renato Correia Pinto

Devido ao aumento de fiéis na Matriz Sagrada Família e de que, sem grave incômodo, não podem os fiéis frequentar para assistir os devidos ofícios e receber os sacramentos. Havemos por bem, separar e desmembrar da Matriz Sagrada Família e instituímos a Paróquia Amovível de Nossa Senhora da Candelária. Tudo in-



Altar-mor original da nova igreja com a imagem doada pelos irmãos Gonzagas. Ano de 1960

tegralmente registrado no Livro de Tombo das Paróquias.

Dado e passado em nossa Cúria Metropolitana de São Paulo, sob o sinal e selo de nossas armas, aos 29 de Junho de 1953, festa dos Apóstolos São Pedro e São Paulo.

Eu, padre Antônio Trivinho, notário da Cúria Metropolitana o escrevi.

Assinatura: Carlos Cardeal Motta (Arcebispo Metropolitano)

Assim, o pároco da nova paróquia passou a ser o padre Ézio Gislimberti. Iniciaram-se, então, na paróquia, celebrações de casamentos, batizados, crismas e primeira eucaristia, antes realizados somente na Matriz Sagrada Família.

Em Março de 1958, assumiu a paróquia, como vigário ecônomo, frei Egydio Carlotto.

Em 28 de Julho de 1958, a paróquia formou a 1ª turma do crisma, com 1.973 pessoas. O evento foi celebrado pelo bispo de Santo André, dom Jorge Marcos de Oliveira, assistido pelo frei Egydio Carlotto.

Em 11 de Setembro de 1960, formou-se a 2ª turma do crisma, com 1.568 pessoas. Dom Jorge Marcos de Oliveira, assistido pelo frei Egydio Carlotto, novamente

celebrou o acontecimento.

Em 27 de Dezembro de 1961 foi designado, como 1º pároco amovível, padre José Caruso. Ele mandou esculpir em madeira, na Itália, a imagem que está atualmente no altar (um pouco maior do que a anterior).

Em dois de Julho de 1975, assumiu a paróquia padre Carlito Dall'Agnese, vigário ecônomo, em substituição ao padre José Caruso, que havia voltado para a Itália por motivo de doença.

Em 1973, a família Dall'Anese doou os três sinos que se encontram na torre, em substituição ao pequeno sino antigo. A inscrição gravada nos sinos é a seguinte:

Metalúrgica Dall'Anese Ltda.; por meio de seus sócios: Arthur

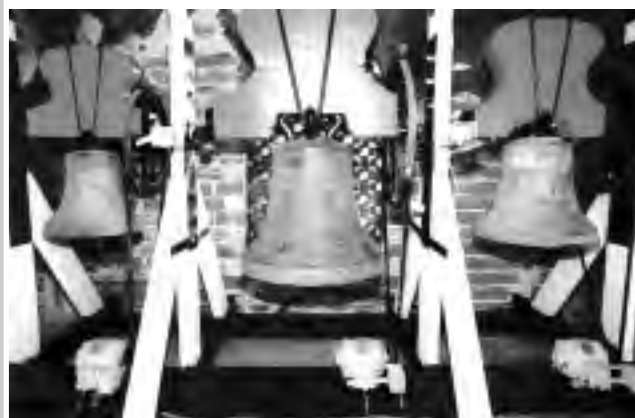
Dall'Anese, Antonio José Dall'Anese, Armando Colatto e Esio Carbonari oferecem à Paróquia Nossa Senhora da Candelária de São Caetano do Sul, em memória de dona Catharina Michelini Dall'Anese.

Em cinco de Março de 1976, padre Carlito constituiu o 2º Conselho Paroquial por prazo indeterminado. Os conselheiros foram substituídos, pois o novo regulamento estipulava mandato de apenas um ano. O padre Carlito promoveu várias mudanças para a modernização da paróquia, entre elas a construção de um *Centro Comunitário*.

Em primeiro de Janeiro de 1977, monsenhor Henrique Zamperetti veio, como pároco amovível, no lugar do padre Carlito.

No dia dez de Julho de 1977, em reunião, foi acertado o início da construção do Centro Comunitário, que seria denominado *Centro Comunitário Paulo VI* e, com algumas alterações, ficaria sob a direção de monsenhor Zamperetti.

Em 28 de Julho de 1977, foi feito o lançamento da pedra fundamental da obra planejada, em comemoração ao 1º Centenário do Município de São Caetano do Sul.



Três sinos doados pela Metalúrgica Dall'Anese. Ano de 1973

Em 17 de Outubro de 1977, nova reunião determinou mudanças no antigo projeto do Centro Comunitário Paulo VI. O plano era inviável, pois tinha custo muito elevado e fora do

alcance da realidade da paróquia. Por motivo de saúde, monsenhor Zamperetti precisou ser afastado da paróquia.

Em 21 de Março de 1979 foi designado, como vigário subs-

tituto, frei Luciano Biásio.

Em três de Abril de 1980 foi designado, como vigário econômico, padre David Vantroba, chefe espiritual da paróquia há 23 anos.

Carta do padre Ézio para o padre David

Caríssimo padre Davi, aqui vão alguns dados a respeito da antiga Capela da Candelária que lhe possam interessar.

Quando eu vim em 1937, no mês de Novembro, como Coadjutor do Vigário padre Alexandre Grigolli, o mesmo me encarregou da assistência espiritual da capela.

Naquele tempo a Santa Missa era celebrada todos os domingos às nove horas, e isto continuou até que a capela foi desmembrada da Paróquia. Nela também era sempre celebrada, com muita freqüência de fiéis, a Novena do Santo Natal.

A festa da Candelária era precedida por uma Novena. No dia da Festa era celebrada a santa Missa e eram benzidas as Velas. A festa solene era celebrada no domingo seguinte ao dia dois de Fevereiro.

Neste era celebrada a Santa Missa no horário de costume e era às 6 horas da tarde celebrada a Solene Procissão com a Imagem que ainda se encontra na Igreja atual. Depois da procissão era dada a Benção com o Santíssimo que, durante o dia, ficava exposto para a Adoração dos Fiéis. Tanto a benção das Velas como a missa do dia da Festa e a Procissão eram muito freqüentadas pelo povo da Paróquia, e isto continuou até que a capela foi desmembrada da Paróquia. Mesmo depois que eu fui escolhido como Vigário da Paróquia em substituição do padre Alexandre que voltava para a Itália, sempre houve um dos Coadjuutores que tomava conta da capela até que foi desmembrada da Matriz.

Em 1953, durante o mês de Março, nela foram realizadas as Santas Missões, como em toda a Paróquia pelos padres Redentoristas. Dou aqui, extraindo do Livro Tombo, o que foi realizado espiritualmente durante o período das Missões: Confissões: 2.110 – Comunhões: 5.300 – Legitimações de Casamentos: 39 – Doentes visitados: 21 – Abjurações: uma – Visita às Fábricas: duas – Pregações: 48 – Conferências: sete –

Missõezinha para crianças: 18 – Procissões: quatro – Colocação do Cruzeiro em frente à capela, depois de solene Procissão: uma.

Em 29 de Junho de 1953 a capela foi, por Dom Carlos Vasconcelos Mota, Arcebispo de São Paulo, do qual ainda dependia a Paróquia de São Caetano, desmembrada da Paróquia de São Caetano, ficando, até a vinda do novo Vigário, aos cuidados do Vigário da Paróquia de São Caetano.

Em 14 de Agosto de 1954 se deu a criação da Nova Diocese de Santo André. Se não me falha a memória foi logo após que Dom Jorge nomeou o novo Vigário da Candelária e o novo Coadjutor nas pessoas dos padres Conventuais, padre Valentini e padre Caruso. Eles passaram a morar numa casa, que a Ordem comprou na Rua Castro Alves bem em frente à capela.

A reforma da capela teve início em Maio de 1949 aos cuidados do zelador, que substitui o pai (sr. José Benedetti): o sr. Jácomo Benedetti. A planta foi feita pelo engenheiro dr. Linhares. A planta ficara comigo até 1964, quando o Coadjutor do novo vigário, impensadamente (?) a fez sumir (com as plantas da Matriz).

A nova capela tinha dimensões: 11 x 18 – mais a Abside de 5 x 6 metros e o pé direito de metros 7,30. O trabalho da construção ficou a cargo do pedreiro e mestre de obras sr. Elviro Capiruto, e durou nove meses. A inauguração da nova capela se deu no dia da festa da Candelária, dia dois de Fevereiro (caiu em domingo) de maneira solene com a presença de muito povo e do prefeito de São Caetano e presidente da Câmara. Ao lado da capela (lado direito) foi construído um pequeno quarto que funcionava como Sacristia (12x4).

Estas são as notas que lhe podem interessar, padre Davi, notas de que me lembro e que extraí do Livro Tombo.

Atenciosamente, padre Ézio

Decreto de erguimento e instituição da Paróquia de Nossa Senhora da Candelária

Carlos Cardeal de Vasconcellos Motta

Aos que esse nosso Decreto virem, saudação, paz e bênção no Senhor.

Fazemos saber que havendo nós deliberado aumentar o número de Paróquias em nossa arquidiocese, em razão do crescimento da população e da grande extensão territorial que esta vem ocupando, de sorte que, sem grave incômodo não podem os fiéis freqüentar a respectiva Igreja Matriz para receber os Sacramentos e assistir aos Divinos Ofícios, depois de ouvir o parecer do Nosso Colendo Cabido, usando de Nossa jurisdição e de conformidade com o Código de Direito Canônico, tendo, principalmente, em vista os Cânones 1426 e 1427: havemos por bem separar e desmembrar da Paróquia de São Caetano do Sul o território que vai abaixo indicado e nele erigimos e canonicamente instituímos a paróquia amovível de Nossa Senhora da Candelária, criada pelo presente Decreto, de conformidade com o Cânone 1426 do Código de Direito Canônico, com as seguintes divisas: com a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, em vila Barcelona:- da intersecção da Rua Piratininga com a Rua Itamaracá, seguem por esta até o córrego do Moinho, buscando sua nascente; daí, em linha reta, até a intersecção da Alameda Amazonas com a Rua Boa Vista.- Com a Paróquia do Beato Inácio de Azevedo: da intersecção da Alameda Amazonas com a Rua Boa Vista, seguindo por esta até atingir o Vale, que é também divisa do Município; seguindo por este vale até a cabeceira do Córrego Água da Grotta, para descerem até o Ribeirão dos Meninos.- Com a Paróquia de São João Batista do Bairro dos Meninos: Da foz do Córrego Água da Grotta no Ribeirão dos Meninos, descem por este até a barra do Ribeirão dos Couros.- Com a Paróquia de São João Clímaco:- Da foz do Ribeirão dos Couros no Ribeirão dos Meninos, descem por este até a Rua São Paulo.- Com a Paróquia de São Caetano Novo:- Do ponto em que o Ribeirão dos Meninos é cortado pela Rua São Paulo, seguem por esta até a Rua Marechal Pedro Villagoin: donde, em linha reta, atingem a intersecção da Rua Piratininga com a Rua Itamaracá, ponto onde tiveram início estas divisas.

Limitada assim a nova Paróquia de Nossa Senhora da Candelária, submetendo à Jurisdição e cuidado espiritual do Pároco que para ela for nomeado e dos que canonicamente lhe sucederem no cargo, mandamos aos habitantes daquele território que, tanto para o Reverendíssimo Pároco, como para a Fábrica da Igreja,

contribuam religiosamente com os emolumentos e obrigações que respectivamente lhes sejam devidos por estatutos, leis e costumes da arquidiocese. Outrossim ordenamos que funcione o novo Pároco e os seus legítimos sucessores na igreja de Nossa Senhora da Candelária, a qual por isto gozará de todos os privilégios e insígnias que em Direito lhe couberem. Pelo que a dita Igreja concedemos pleno direito e faculdade para ter o Sacrário em que se conserve o Santíssimo Sacramento com o necessário ornato e decência, mantida a lâmpada acesa de dia e de noite, bem como a faculdade para aí estabelecer o Batistério, e a Pia Batismal, e ter os livros do Tombo e os do Batismo, Casamentos, óbitos, abertos, rubricados e encerrados em Nossa Cúria Metropolitana, os quais na forma do Direito deverão ser em duplicatas, a fim de um deles ser conservado no Arquivo da Cúria, depois de completo; e ainda lhe concedemos todas as demais honras, insígnias e distinções da igreja paroquial. Portanto, damos por erigida e constituída em Nossa arquidiocese a nova Paróquia de Nossa Senhora da Candelária, a qual terá por padroeiro e titular Nossa Senhora da Candelária, cuja festa se há de celebrar anualmente com pompa e religioso esplendor.

Mandamos que este nosso Decreto seja lido num Domingo ou dia Santificado à estação da missa paroquial da igreja da nova paróquia, bem como nas igrejas paroquiais de V. Barcelona, Beato Inácio de Azevedo, São João Batista do Bairro dos Meninos e da São João Clímaco, do que se passará certidão adiante para a todo tempo constar. Seja este integralmente registrado no livro de criação de Paróquias de Nossa Cúria Metropolitana, e também nos livros do Tombo das Paróquias acima citadas e da nova paróquia de Nossa Senhora da Candelária.

Dado e passado em Nossa Cúria Metropolitana de São Paulo, sob o sinal e sêlo de Nossas Armas, aos 29 de junho de 1953, festa dos Apóstolos São Pedro e São Paulo.

Eu, Pe. Antonio Trivinho, Notário da Cúria Metropolitana, o escrevi.

Carlos Cardeal Motta

Arceb. Metropolitano.

Nada mais continha no Documento arquivado na Cúria Diocesana de Santo André, que fielmente transcrevi.

Do que dou fé e assino.

Pe. David Vantropa (14-06-86)

Padres da Candelária

Padre Alexandre Grigolli nasceu em Zevio, Verona, Itália, em quatro de Agosto de 1881. Ordenou-se padre em Trento, no dia 21 de Agosto de 1904. Terminou o primário em sua cidade e ingressou no Aspirantado de Verona no dia três de Novembro de 1892. Depois de alguns anos de ministério, em Verona e Milão, chegou ao Brasil em dois de Dezembro de 1910. Nove anos depois, voltou à Itália.



Retornou ao Brasil em 1924, dirigindo-se à recém-criada Paróquia São Caetano. Em 1930, foi nomeado vigário da Matriz Velha. Iniciou e concluiu a construção da Igreja Matriz Sagrada Família no período de 1931 a 1939.

Em 25 de Abril de 1946, foi a Roma para o Capítulo Geral, permanecendo na Província do Sagrado Coração.

Foi professor de grego, latim, teologia e filosofia. Gostava de música e artes. É de sua autoria o Hino a Santo Caetano. Com 80 anos retornou à Itália e faleceu no dia 17 de Fevereiro de 1969, em Verona, aos 88 anos de idade.

Padre Ézio Gislimberti nasceu no dia 13 de Janeiro de 1914, em Trento, na Itália. Em Agosto do mesmo ano, seu pai faleceu na Áustria, na guerra. Como sua mãe precisava trabalhar como doméstica em casa de família, le-



vou-o a Pressano para morar com os avós maternos. Lá permaneceu até o terceiro ano da escola elementar.

Voltou depois novamente a Trento para morar com a mãe e completar os estudos. Terminado o 5º ano do grupo, sentiu o desejo de se tornar sacerdote missionário.

Pela convivência que tinha com os padre estigmatinos, entrou para a congregação em Verona, Itália. Lá cursou os estudos preparatórios até o 5º ano do ginásio. Em 1929, ao terminar o ginásio, vestiu o hábito religioso e entrou para o noviciado.

Em 1930, professou os votos, entrando definitivamente na vida religiosa como padre estigmatino. No seminário de Verona estudou filosofia e teologia. Veio para o Brasil em sete de Novembro de 1934, para a cidade de Rio Claro, juntamente com os outros padres brasileiros que estudavam em Roma.

Permaneceu no seminário de Rio Claro, terminando seus estudos teológicos, e por ordem de seus superiores passou a lecionar, para os seminaristas do 4º e 5º ano, o grego, matéria que entendia bem por tê-la estudado com afinco. Em 17 de Julho de 1937, ao terminar o curso de teologia, foi consagrado sacerdote. Permaneceu em Rio Claro até o mês de Novembro, quando foi enviado por seus superiores a São Caetano do Sul, a fim de auxiliar o padre Alexandre Grigolli na Matriz Velha. Lá ficou até 1940.

Foi designado pelos superiores para ir a Goiás e ajudar a congregação. Lá permaneceu até 1942, retornando a São Caetano.

Em 1965, foi para a Paróquia de Santa Cruz, na periferia do Rio

de Janeiro, ficando até 1967. Foi designado, então, para a Praia Grande, onde ficou alguns meses, indo em seguida para Cidade Ocian, onde ficou cuidando da criação da Paróquia Nossa Senhora das Graças. Nesse tempo, ajudou na construção da igreja de Vila Caiçara. Permaneceu 25 anos em Cidade Ocian. Retornou a São Caetano do Sul em 1991.

Padre Ézio sempre fez o possível para acompanhar as atividades dos moços da Congregação Mariana e da Cruzada Eucarística. Cativava as crianças para o ensino do catecismo com jogo de futebol e cineminha. Foi uma pessoa muito importante nos serviços à comunidade de São Caetano do Sul. Participava ativamente dos meios sociais e políticos, sempre em benefício dos paroquianos. Vitimado por um acidente, após um período internado veio a falecer no dia nove de Setembro de 2000. Está sepultado sob o altar da Paróquia Sagrada Família, em São Caetano, conforme seu desejo.

Frei Egydio

Carlotta nasceu no dia 30 de Abril de 1921, em Arzignano, Vincenza, Itália. Era o terceiro dos nove filhos de Giuseppe Carlotta e Antônia Michelato.

Era um rapaz muito vivo: gostava de jogar futebol e fez arte dramática. Em quatro de Outubro de 1932, entrou para o Seminário dos Franciscanos Conventuais, em Camposanto, Padova. Fez os votos seculares em primeiro de Setembro de 1938 e os votos per-



pétuos em quatro de Outubro de 1942.

Foi ordenado sacerdote em três de Junho de 1944, em Peraga di Vigonza (perto de Padova), cidade constantemente bombardeada durante a Segunda Guerra Mundial.

Em Outubro de 1944, partiu para a cidade iugoslava de Pola (que pertencia, naquela época, à Itália) para lutar contra os invasores. Deixou Pola em Fevereiro de 1947, depois de ter enfrentado todo tipo de trabalho. Por ordem de seus superiores, partiu para a Espanha. Lá ajudou como missionário, dando aulas de latim, grego, filosofia e geografia.

Em Março de 1950, partiu para o Uruguai, no intuito de formar um colégio novo nas missões de uma localidade a 100 km de Montevidéu. Em Janeiro de 1955, por ordem dos superiores, veio ao Brasil, onde dedicou todo o seu trabalho exclusivamente ao povo de Deus. Fundou a primeira missão em Caçapava e também foi pároco na Paróquia Nossa Senhora da Candelária, em São Caetano do Sul.

Suas atividades principais foram o cuidado com os paroquianos, a evangelização, a continuidade da construção do Patrono Paroquial e a criação de seis capelas. Nesse período foi também professor de latim no seminário de Nossa Senhora do Bonfim, em Santo André.

Em oito de Setembro de 1964, sofreu um acidente. Quando viajava, juntamente com seu motorista, o veículo caiu, de cima de uma ponte sem parapeito, no Rio Paraná, em um local com aproximadamente dez metros de profundidade. Ambos foram salvos, segundo ele, por Santo Antônio, seu santo de devoção.

Em 1965, foi enviado a

Guaraniaçu, local de missões habitado por caboclos e índios guaranis que viviam em grande miséria. Nessa missão, frei Egidyo fundou 37 capelas, todas em madeira, que serviam também como escola e ambulatório. Foi sempre muito estimado por sua generosidade.

Em 1974, foi enviado como vigário à Paróquia de Nossa Senhora da Boa Esperança, na cidade de Pinhais Piraquara, nos arredores de Curitiba, Paraná. Era comovente como se dedicava de corpo e alma ao serviço de Deus. Não havia tempo para o cansaço em sua vida. Em 18 de Dezembro de 1984, com 63 anos, faleceu por causa de uma hemorragia interna. Seu corpo está sepultado no cemitério de Campo Comprido, Curitiba, Paraná.

Passou toda a vida eclesiástica em terra de missões e dedicou suas forças ao serviço de Deus.

Padre José Caruso nasceu em Catania Nuova, em Cattania, a segunda maior cidade da Sicília, na Itália, em dois de Fevereiro de 1918. Foi professor de latim e história no seminário de Nosso Senhor do Bonfim, em Santo André.



Era muito ativo, atuante, enérgico. Ampliou as irmandades na Paróquia Nossa Senhora da Candelária, criou a Liga Católica e a Liga das Filhas de Maria, a que mais possuía filiadas.

Trabalhou, por um ano, na Matriz do Carmo, em Santo André. Voltou para a Paróquia da Candelária, onde permaneceu até 1975. Por motivo de doença, retornou à Itália em Janeiro de

1976, onde faleceu em 26 de Abril do mesmo ano.

Houve época em que o *Cineminha da Igreja*, na Candelária, orientado por padre Caruso e Frei Egidyo, ficou famoso. Os filmes exibidos eram *Marcelino Pão e Vinho* e *a Paixão de Cristo*. Isso todos os domingos à tarde. O Cineminha só podia ser frequentado por quem comprovasse ter ido à missa e ter feito suas obrigações religiosas. Também auxiliava na orientação frei Marinho, que era catequista e organizava o teatrinho com a ajuda das irmãs Flávia e Maria Assunta, do Instituto de Ensino Nossa Senhora da Glória.

Padre Carlito Dall'Agnese nasceu

em Guaporé, Rio Grande do Sul, em 21 de Abril de 1936. Estudou em seminários do Rio Grande do Sul e de São Paulo, sendo ordenado em 17 de Fevereiro de 1963, no Bairro do Ipiranga, São Paulo.

Em 1964, trabalhou na Igreja Nossa Senhora da Paz com o padre Romano Bevilacqua. Em 1965, foi para a Matriz de Santo André, ainda com o padre Romano.

Foi para Porto Alegre, em 1968, como primeiro vigário de uma paróquia nova, Nossa Senhora do Caravaggio, na periferia da capital gaúcha.

Em 1971, veio como vigário para a Matriz de São Bernardo do Campo. Em 1975, assumiu como vigário a Paróquia Nossa Senhora da Candelária, em São Caetano do Sul, aí permanecendo por um ano e três meses.

Em 1977, prestou serviços à



Catedral de Santo André. Entre 1984 e 1985, ofereceu-se para ser missionário no Pará, no Projeto das Dioceses Irmãs. Lá iniciou como primeiro vigário da nova Paróquia de São José, no quilômetro 1333 da Estrada Cuiabá-Santarém (após a Serra do Cachimbo, com 664 quilômetros de estrada, até Itaituba, no Rio Tapajós. Havia 44 capelas ao longo da estrada e algumas vicinais mata adentro).

Voltando da missão, em 7 de Dezembro de 1985, assumiu como vigário a Paróquia São José, do Bairro Baeta Neves, São Bernardo do Campo, onde se encontra atualmente.

...A Paróquia Nossa Senhora da Candelária, apesar de ter permanecido pouco, me marcou como as outras. Tenho saudades. Desejo que cresça sempre mais e neste seu cinquentenário seja abençoada por Deus.

Parabéns ao Vigário Padre David Vantropa e ao querido povo. Padre Carlito, em Janeiro de 2003.

Monsenhor Henrique Antônio José Maria Zamperetti nasceu em 25 de Outubro de 1907, na cidade de Revereto, Trento, Itália.



Em primeiro de Janeiro de 1977, Monsenhor Henrique Zamperetti assumiu a Paróquia Nossa Senhora da Candelária como pároco amovível. Monsenhor Henrique iniciou a construção do Centro Comunitário, porém, com várias mudanças em relação ao projeto inicial.

Permaneceu na paróquia por dois anos e precisou ser afastado de seus afazeres eclesiais por

motivo de saúde.

Faleceu no dia 15 de Abril de 1985, na cidade de Santo André. No santinho de recordação da sua passagem para o Pai, estão os seguintes dizeres: *Na sua bondade o senhor nos manifestou nele um raio de sua doçura. Entusiasmou platéias transmitindo a sua palavra. Foi humilde, bom e amável com todos. Soube dizer aos atribulados as palavras que confortam. Perdoou e abençoou. Receba-o no meio dos teus Santos, Senhor, porque tu és bom. Deixou na dor os irmãos e parentes, e todos que o amaram o lembram* (conforme Livro de Tombo I da Paróquia Nossa Senhora da Candelária).

Frei Luciano Biasio nasceu em primeiro de Outubro de 1922, na cidade de Piazzola Sul Brenta, Padua, Itália. Ordenou-se padre, em 19 de Março de 1948, em Padua, pela Congregação dos Frades Franciscanos Conventuais.



Foi vigário na Paróquia Nossa Senhora da Candelária no período de 18 de Março de 1979 a seis de Abril de 1980. Era formado em teologia, filosofia e história da educação. Professor, lecionava no seminário Nossa Senhora do Bonfim em Santo André. Na Paróquia da Candelária ficou um ano e um mês. Muito atuante, atarefado, mas sempre cordial e simpático no atendimento às pessoas. Faleceu em Cascavel, Paraná, em 16 de Dezembro de 2002.

Padre David Vantropa nasceu em 13 de Abril de 1932 no Município de Palmeira, Paraná. É filho de Francisco e Victória

Vantropa, sendo o quarto de oito irmãos. Foi ordenado padre em oito de Agosto de 1958, em São Paulo. Até 1965 permaneceu no seminário, onde lecionava. Esteve na Europa, onde estudou. É formado em filosofia, teologia e psicologia.



Trabalhou na Paróquia de São José, em Constantina, Paraná, de 1965 a 1970.

De 1970 a 1980 permaneceu na Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, no Parque Novo Oratório, em Santo André. Desde 1980 é o vigário da Paróquia Nossa Senhora da Candelária, em São Caetano do Sul.

Padre Gino Sorgon nasceu em 25 de Julho de 1937, em San Dona di Piave, Veneza, Itália.



Seus pais, Rita Amélia Buratto e Giuseppe Sorgon, tiveram 12 filhos, sete homens e cinco mulheres. Viviam numa família patriarcal de 60 pessoas. Todos trabalhavam na terra como meeiros. O pai, Giuseppe, participou da Primeira Guerra Mundial. Era uma família pobre de recursos materiais, mas rica de honestidade, de fé e de bondade. Foi o único dos irmãos que cursou todos os níveis escolares, até se ordenar padre na Congregação dos Padres Oratorianos.

Padre Gino Sorgon se ordenou na cidade de Verona no dia de Nossa Senhora de Guadalupe - 12 de Dezembro de 1964 -, padroeira da América Latina.

Além do trabalho pastoral, com grupos de leigos, padre Gino fundou a Associação do Sangue de São Francisco de Assis, com a finalidade de doar sangue para salvar vidas. O dinheiro que o hospital oferecia como contribuição era empregado para ajudar os pobres. Até hoje a associação está funcionando desse modo.

Em 12 de Junho de 1971, padre Gino chegou ao Brasil, dirigindo-se à Paróquia de São Felipe Neri, Parque São Lucas, em São Paulo. Além do trabalho sacerdotal com um grupo de leigos voluntários, fundou a Associação Amigos em Cristo, que ajuda famílias carentes (mais de 250 por mês). A cada ano é comprado material escolar para cerca de 900 crianças.

Por ocasião do Natal, a cada ano é oferecida uma festa para mais de 1.500 necessitados, em que 300 voluntários jovens e adultos colaboram, além de outros benfeitores.

A Associação Amigos em Cristo promove eventos para angariar fundos. Sua sede fica na Rua Padre Bruno Ricco, 112, Parque São Lucas, São Paulo. Padre Gino é o assistente espiritual.

Em 1996, padre Gino veio para São Caetano do Sul, onde trabalhou na Paróquia Santo Antônio e na Paróquia Sagrado Coração de Jesus (Bairro São José).

Atualmente, está na Paróquia Nossa Senhora da Candelária como coadjutor do padre David Vantropa e assiste espiritualmente as idosas e as irmãs do Asilo *Lar Nossa Senhora das Mercês dos Anciões Desamparados*, que se localiza na Rua Arlindo Marchetti, 627, Bairro Santa Maria, São Caetano do Sul.

Padre Alex Sandro Camilo nasceu em 31 de Março de 1977, em Santo André.

Aos 15 anos, após ter cursado o ensino médio e já no 3º colegial, entrou na Pastoral Vocacional para saber qual vocação deveria seguir. Chegou à conclusão de que queria ser padre, a fim de se realizar como ser humano e como cristão.

Então, aos 17 anos, foi para o seminário menor em Ourinhos, divisa com o Paraná. Lá terminou o magistério e aprendeu os aspectos iniciais da vida sacerdotal. Passado um ano, 1996, decidiu voltar para a Diocese de Santo André, onde foi acolhido por dom Cláudio Hummes (atual cardeal de São Paulo) e por dom Airton, que na época era o formador da Casa de Filosofia.

Interessado em filosofia, ingressou na Faculdade de Filosofia do Mosteiro de São Bento. Lá aprendeu as disciplinas iniciais do curso. Sempre afirma que foi um período de grandes esforços, por ser a faculdade muito exigente.

Após a conclusão do curso de filosofia, no ano de 1999, entrou na Faculdade de Teologia (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, no Bairro do Ipiranga, em São Paulo).

Nesse período, seu formador responsável foi padre Beto, atual vigário da Paróquia São Bento, em São Caetano do Sul, que muito o ajudou e o incentivou para chegar ao sacerdócio. Esta faculdade teve a duração de quatro anos. Aprendeu sobre



a fé, a igreja, a bíblia e tudo o que envolve a vida do homem em relação a Deus. Foram quatro anos de luta, estudos e muitas realizações.

No último ano de teologia (2002), teve a graça de ser ordenado diácono em 26 de Maio de 2002. A celebração deu-se na Matriz de São Bernardo do Campo, Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem.

No final desse mesmo ano, em sete de Dezembro, foi ordenado sacerdote na Igreja Particular de Santo André.

Foi a realização de um grande sonho: ser padre e poder oferecer a vida a Deus e aos irmãos.

Após a ordenação sacerdotal, o bispo da Diocese de Santo André, dom Décio Pereira, nomeou-o vigário paroquial de Nossa Senhora da Candelária. Nessa função, auxilia o padre David Vantropa na coordenação do local.

No dia 20 de Janeiro de 2003, foi apresentado ao povo da Paróquia da Candelária. Considera ser um grande desafio ajudar a comunidade local. De fato, as atividades são muitas, mas com a Graça de Deus e com empenho crê que poderá cumprir sua missão.

“...para a comunidade de Nossa Senhora da Candelária, quero dizer para todos que aproveitemos este Ano Jubilar, que é ano de graça, de perdão, de união, onde todos nós, padres e povo, temos como meta anunciar Jesus Cristo e o seu Reino. E mais, testemunhar a Graça de Deus em nossa vida e na vida de todos os irmãos e irmãs.”

“o jubileu será para vós coisa santa, e que ninguém prejudique a seu irmão!” (Lv.25, 12-13)

Arma na mão, bola no pé, confete e serpentina

Ameaça de guerra e jogos de futebol marcaram a vida de Ubelina Maio Garcia e Benedito Garcia em São Caetano do Sul

Tatiane Cristina CORREIA (*)

Benedito Garcia e Ubelina Maio Garcia nasceram no interior do Estado de São Paulo – ele, em uma fazenda em Araras, no dia quatro de Outubro de 1924, ela em Corumbataí, em dois de Fevereiro de 1928. Filho de Pedro Garcia e Fausta Hernandez, Benedito teve uma infância marcada pelo trabalho na fazenda antes de vir para São Caetano do Sul com a família. *Vim para cá com oito anos de idade, mais ou menos, oito ou dez anos. Lá em Araras eu trabalhava no meio do gado (...)* Trabalhava descalço, não tinha calçado, não tinha nada. *Quatro horas da manhã, eu ia buscar o gado naquele frio, sem sapato, sem nada.*

A vida de Ubelina não foi menos difícil. *Meu pai sempre foi bem de vida. Tinha sítio, tinha fazenda, tinha de tudo na venda. Mas foi vendendo fiado, ficou sem nada e viemos embora para cá. Éramos em oito irmãos e uma que a minha mãe criou. Não passamos fome, mas também não foi aquela maravilha.*

Ela rememora o esforço que o pai, João Maio, fazia para sustentar a casa ao chegar à cidade. *Chegou aqui, ele começou a trabalhar na Cerâmica São Caetano. Onde é hoje o Chico Mendes eram todos aqueles morros, e o meu pai trabalhava com a carrocinha. Com o burro, tirava terra de lá e trazia para a Cerâmica São Caetano com os meus irmãos. Ele era bem de vida e olha o que ele acabou fazendo aqui. Mas trabalhava, nunca desistiu. Depois, onde são esses portões da GM hoje, tinha uma fábrica de prego. Ele começou a trabalhar ali, e nisso ele se aposentou.*



Benedito e Ubelina Maria Garcia casaram-se na Igreja Sagrada Família em sete de Maio de 1949

Apesar dos esforços do pai, Ubelina e seus irmãos também começaram a trabalhar. *Quando viemos para São Caetano, todos nós começamos a trabalhar. Meu pai trabalhava na Cerâmica São Caetano, as minhas irmãs que tinham mais idade também trabalhavam lá, e eu comecei a trabalhar na Pan, embrulhando bala. Daí começou a melhorar um pouco a nossa vida. Eu tinha 14 anos. Entrei em 1942 na fábrica e trabalhei até quando eu casei, em 1949.*

Os anos de convivência uniram de tal modo o casal, que Ubelina até mesmo fala a respeito dos percalços do marido. *Ele veio aqui e trabalhou na Louças Adelinas, onde tem o terceiro terminal da Rodoviária (Avenida Conselheiro Antônio Prado, no centro da cidade). Lá era a Louças Adelinas. Ele trabalhou dois anos lá. Depois saiu, veio trabalhar na Casemira, aqui na (rua*

Luiz Gama, onde ficou por mais dois anos. Quando ele saiu do Exército, ele começou a trabalhar na General Motors, e trabalhou durante 29 anos. Faltavam dois meses para completar 30 anos de serviço e ele se aposentou.

Assim como muitos rapazes de sua época, Benedito serviu o Exército em um clima cheio de tensão. *Tinha dois anos que estava acontecendo a Segunda Guerra Mundial, e nós estávamos prontos para ir, mas aí a guerra acabou. Eu ia na Segunda Guerra, mas aí estavam chegando os Expedicionários.*

Ubelina diz que o treinamento que Benedito fazia em Caçapava, interior de São Paulo, era muito duro e cansativo. *Quando ele estava no Exército, lá em Caçapava, a mãe dele não tinha dinheiro para mantê-lo (...) Ele era pobre, não tinha dinheiro e a mãe dele não tinha. Lá, os capitães, ou tenentes, não sei - o que mandava nele -, chegava no final de semana e falavam pra ele: "Você está liberado, você pode ir embora". Mas sem dinheiro, sem nada, não tinha esse negócio de soldado andar de ônibus de graça, eles não tinham direito. Mandavam ele embora e diziam: "Você vai embora, e se vire, ou mando gente atrás de você". E mandavam uns soldados atrás de toda a turma. Eles vinham de Caçapava para o Brás de trem. Antes dele chegar no Brás, com o trem correndo eles tinham de se jogar para a polícia não pegá-los. Se sujavam, se faziam de tudo. E com farda. Vinha de lá de farda.*

Benedito recorda que esse tipo de treinamento era para preparar os soldados caso fossem convocados

para lutar na Segunda Guerra Mundial. *A gente fazia treinamento para guerra mesmo. Então, você tinha que andar assim. Se passava um bicho, a gente tinha que passar por baixo. E quanta mordida que a gente tomava. Nós ficamos quase dois anos lá. Depois que terminou a Segunda Guerra, nós ficamos mais um tempo e depois viemos embora. Mas foi muito sofrimento.*

FUTEBOL – O casal se conheceu em São Caetano, como relata Ubelina. *Nós nos conhecemos na rua, porque uma amiga minha conhecia um primo dele, a namorada de um primo dele. Daí a gente se conheceu.* Ubelina e Benedito se casaram em São Caetano do Sul, no dia nove de Maio de 1949, e tiveram dois filhos.

Na década de 40, São Caetano do Sul possuía uma grande quantidade de clubes e times de futebol amador. Normalmente, os jogadores se conheciam, e alguns eram amigos fora das quatro linhas. Contudo, os jogos eram marcados por muita confusão e algumas brigas, características de campeonatos de várzea disputados em todos os lugares do Brasil. *Ele (Benedito) jogava no Ipiranguinha e era um grande jogador pelo que a mãe dele me contava. Todo jogo, o pai e o irmão iam atrás dele, porque ele brigava, mas todo mundo o queria para jogar (...) Queriam que ele fosse para o São Caetano, mas como ele gostava do Ipiranguinha ele não foi. O Ipiranguinha era aqui, na (rua) Martim Francisco com a (rua) Piauí, e tinha um time muito bom. Saíam muito na revista, essas coisas. Nos convidavam para ir nesses times grandes, mas não queríamos sair daqui, queríamos ficar em São Caetano, aqui no Ipiranguinha.*

Nessa época vários clubes da cidade promoviam bailes, muito freqüentados por jovens dos mais diversos lugares. Ubelina rememo-



Benedito Garcia em uma partida pelo Clube Atlético Ipiranguinha. Um torcedor invade o campo. Década de 40

Time do Clube Ipiranguinha, campeão de São Caetano em 1947

Benedito Garcia recebe homenagem pelos 29 anos de serviços prestados à GM. Ano de 1972

ra alguns momentos. *Tinha o Tamoio, o América, o São Caetano, o Lázio (...) Era a coisa mais bonita que tinha lá na (Avenida Conde) Francisco Matarazzo. Não tinha esse viaduto, era uma porteira. Quando os trens passavam, a porteira fechava, e todos ficavam esperando para atravessá-la e ir lá no final da Rua Perrella, onde tinha o Clube de Várzea São Caetano, que era o mais sossegado que existia (...) Tinha o Cerâmica, tinha o Monte Alegre, que ficava na Rua Monte Alegre, tinha o Espanha, tinha o Lázio (...) Tinha todos esses clubes, e eram todos cheios, mas era uma maravilha da gente ir. Eu dançava no São Caetano de domingo. O baile lá era de domingo, e era chique antigamente. O Baile de Carnaval era bom, na esquina da Castro Alves com o final da (aveni-*

da) Roberto Simonsen. Era lá o Espanha. Se você visse cada baile que tinha lá. Vinha gente de longe!

A moradora do Bairro Santa Paula rememora um episódio ocorrido no Clube Teuto, local freqüentado por representantes da colônia alemã em São Caetano, atualmente localizado no cruzamento da Rua Piauí com a Rua Venceslau Brás. *Quando eu tive meu filho mais velho, ele nasceu em um Sábado de Aleluia. Naquele tempo tinha-se filho em casa, porque não tinha hospital, e apenas os mais ricos tinham acesso. Eu tive meu filho em casa, e dizem que as músicas dos bailes tocavam no clube até que ele caiu. O Teuto desabou com uma chuva forte que teve durante o baile. Como era tudo velho, e era feito de madeira, o teto desabou. Nisso, eles compraram aí na (rua) Piauí com a (rua) Venceslau Brás.*

Ubelina lembra que, na época do carnaval, a Rua Marechal Deodoro – onde reside até hoje – ficava intransitável devido à grande quantidade de pessoas nos bailes dos clubes. *Vinha gente para ficar de fora, para escutar, ver (...) Porque você via através daquelas janelas antigas, e da rua você podia ver todo o pessoal lá dentro.*

Além dos bailes, existiam outras opções de passeio na cidade, como relata Ubelina. *A gente passava a (avenida) Francisco Matarazzo, onde era aquela Lojas Glória (Avenida Francisco Matarazzo, entre as ruas Santa Catarina e João Pessoa), a Casas Bahia (...) A gente atravessava tudo aquilo e ia até a Rua Perrella lá embaixo, onde era o Lázio, que também realizava bailes. Eu comecei a passear lá mais ou menos em 1945, porque todo mundo ia para lá e aqui não tinha nada.*

Além dos bailes, que mobilizavam a juventude sancaetanense na época, os cinemas também eram bastante frequentados. Fizeram o *Cine Max, onde é uma igreja lá embaixo (Avenida Conde Francisco Matarazzo, próximo ao Terminal Rodoviário, onde atualmente se localiza um templo da Igreja Universal do Reino de Deus), e depois fizeram o Cine Lido (Rua Manoel Coelho, que atualmente abriga uma danceteria). Depois fizeram o Cine Vitória. (...) Onde é a Coop também era um cinema (Cine Planalto, na Rua Joana Angélica, no Bairro Barcelona) (...) Ali era uma cooperativa da GM. Era bom aquele tempo, mas quando era tempo de voltar... Ai, que sacrifício!*

CIDADANIA – 1948, ano que marcou a história de São Caetano do Sul. O então Segundo Subdistrito de Santo André se encontrava em permanente agitação política, e a

idéia de autonomia se fazia presente na localidade. No dia 24 de Outubro daquele ano, a população participou de um plebiscito, marcado por alguns conflitos entre os chapas brancas (a favor da autonomia) e os chapas pretas (contra a emancipação) e pela esmagadora vitória dos autonomistas. Entre os eleitores que votaram a favor da emancipação estavam Benedito Garcia e Ubelina Maio Garcia. Ela relembra alguns eventos da época, além de, de uma forma geral, tecer comentários a respeito das eleições. *Não tinha essa campanha que tinha agora. Naquele tempo, era o (Ângelo Raphael) Pellegrino, que foi o primeiro prefeito de São Caetano. Era gostoso. Naquele tempo não tinha essas campanhas, e quando era o tempo de votar, que você não sabia onde era o local de votação, e que tinha de procurar, você tinha carro. Eles te levavam. Naquele tempo já tinha o carro que levava para lá, levava para cá, mas não tinha esse negócio de eleição que nem tem agora, essas campanhas. O povo votava porque gostava do político.*

Um dos itens que mais incomodavam a população nesse tempo era a infra-estrutura de transporte e saneamento. Ubelina rememora as dificuldades que ela e muitas outras pessoas passaram nos primeiros anos do município. *Depois que eu casei (1949), a gente morava na Rua São Paulo. Água sempre faltava, e as ruas eram todas de barro. Quando chovia, passava carro, as casas ficavam todas sujas de barro (...) Aquelas valetas (...) Os carros não passavam de jeito nenhum. Não tinha mercado, não tinha nada. O que tinha era aquelas vendinhas. Você comprava a comida para o dia. Se acabava uma lata de óleo, você ia buscar.*

Na Rua Marechal Deodoro

existia uma grande feira livre, que ia até o cruzamento com a Rua Afonso Pena, mas, aos poucos, a extensão da feira foi diminuindo até se restringir a um pedaço da via pública, até o cruzamento com a Rua Tiradentes.

Aos poucos, as ruas foram recebendo calçamento. Ou melhor, pedras. *Só tinha uma rua calçada com macacos (paralelepípedos), a Avenida Goiás. Essa (rua) Afonso Pena, quando chovia (...) Aquela terra, como é descida, ficava aqueles buracos que nem a gente conseguia passar. Aí começaram a macacar (sic) as ruas principais.*

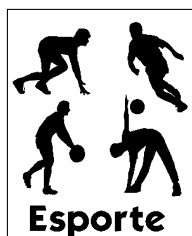
Os únicos meios de locomoção existentes eram os trens e alguns ônibus que transitavam em uma parte da Rua Amazonas. Na época, essa era a principal via da cidade, com mão dupla, e concentrava boa parte do comércio. *A estação não era aquilo. Era tudo loja lá. É que foi tudo desapropriado. Tinha o Vicenzi, o Maluf. Tinha loja do lado de lá, que foi tudo desapropriado. Abriu o Eletro naquele pedaço ali (na Rua Serafim Constâncio, em frente à estação de trem). Naquela época era tudo loja, a gente passeava tudo ali. Era o centro de São Caetano. Roupas de noiva, naquele pedaço (...) Era tudo ali*

O casal continua residindo na Rua Marechal Deodoro, no Bairro Santa Paula, em meio ao barulho dos motores dos automóveis que transitam pela Avenida Goiás e à modernidade, mas sempre rememorando os bailes de carnaval, que ocorriam perto de seu quintal, e a algazarra infantil em meio às ruas de terra batida na São Caetano do Sul do início do século XX.

(*) Tatiane Cristina Correia é colaboradora da Fundação Pró-Memória

Corinthinha, uma glória do futebol varzeano

Narciso FERRARI (*)



Um grupo de jovens apaixonados por futebol, em sua maioria torcedores do SC Corinthians Paulista, reuniu-se na noite de primeiro de Junho de 1933, na residência do sr. Manoel Neves e de sua abnegada e torcedora esposa, dona Albertina, na Rua Pernambuco, 250, local da primeira sede, com a finalidade de fundar um clube de futebol.

Estavam presentes os senhores Humberto Lodi, Alberto Mingardi, Victor Tasca, Luiz Rosalino, João Guita, Máximo Rueda, Francisco Pires, Rosicler Visibelli, Hermínio Lopes, Victor Gaspar, Afonso Timpani e Raul da Silva Paula. Já em 1925, em sua adega, na Rua Alagoas, local das primeiras reuniões, o sr. Francisco Garcia (Paco) e os irmãos Ribeiro haviam fundado um clube com o mesmo nome, o qual teve curta duração.

Por unanimidade foi dado o nome de Atlético Corinthians Futebol Clube, usando as cores branca e preta, assim como o homônimo da capital. A diferença estava no distintivo. Disputando de início a categoria infantil, depois de um ano e meio, após realizar uma campanha vitoriosa, de 56 vitórias em 71 jogos disputados, com seis derrotas e nove empates, passou para a categoria juvenil. Jogou,



Da esquerda para a direita, em pé: José Del Poente, Hermínio Maniasso, Octávio Cavana, Armando Ramello, Bebê, Romeu Negro, Ênio Bergamini, Francisco Fiali, Antônio Benitez, Bruno Gaspari, Renato Braido. Agachados: Miguel Perin (Briguela), João Guita, Rovalino, Ângelo Perin (Garnisé), Lúcio Perin

entre os anos de 1937 e 1938, 101 partidas amistosas, das quais perdeu 13, empatou 12 e venceu 76.

Como a campanha foi vitoriosa, em 1939 passou para a categoria de esporte, da qual faziam parte atletas adultos, e disputou vários torneios, destacando-se o do jornal *o Dia*, da capital, no qual foi vice-campeão.

Realizou várias excursões pelo interior do estado. Destaca-se a primeira partida em Araraquara, contra o Usina Tamoio, que resultou em honroso empate de 1x1.

A segunda viagem foi a Jundiaí. O jogo contra o Princesa Isabel foi vencido por 3x1. Posteriormente foi para Atibaia enfrentar o time local, e empatou por dois gols. Jogando em São Roque, contra o São Bento, venceu por 4x2. Em São

Vicente, no litoral, foi vitorioso por 2X1.

Até o ano de 1943, quando se filiou à Liga Santoandreense de Futebol, o clube disputou 132 jogos, perdendo 14, empatando 19 e vencendo 99 vezes.

No campeonato da Liga de Santo André, o Corinthinha, como era carinhosamente chamado, sagrou-se bicampeão com equipe principal e com o segundo quadro, fazendo frente a times como Mecânica, Lázio, Vila Alpina, Cruzada e outros. Aos domingos, os torcedores e simpatizantes do bairro lotavam o campo, que não era fechado.

Nesse ano, as três ligas de futebol do ABC deram início a um torneio entre os campeões de cada cidade. O Corinthinha sagrou-se campeão por dois anos consecutivos.

Em 1955, o Corinthians



Narciso Ferrari

Da esquerda para a direita, em pé: Antônio A. Previateli (Sapeca), Bizoca, Dedão, Otávio Fiorotti, Sebastião, César, Mendes, Lodi, Nabi. Agachados: Fernando, (?) Pasqualetti, Atilio, Silva, Rafael Timpani, Mono (Guita)

Paulista promoveu um torneio chamado Torneio Inter-Corinthians, do qual participaram dezenas de clubes com o nome de Corinthians, sendo que o Atlético sagrou-se campeão. O clube possuía equipe juvenil, orientada pelo diretor José Rodrigues Pires, e sagrou-se campeão dos torneios promovidos pela liga local.

Foi campeão de vários torneios, como por exemplo o Torneio Início da liga local.

Uma escalação que marcou época foi, sem dúvida, Bebê, Valdemar Braido e Ênio, Danilo Casareggio (Máquina), Antônio Benites e João Guita (Mono), Lúcio Perin, Perez, Paleco, Ângelo Perin (Garnisé) e Natalino.

Possuía, além da equipe titular, o extra, a categoria juvenil, e também uma equipe de atletismo, liderada pelo sr. José Joaquim Fernandes. Esta última teve representantes em torneios locais e na São Silvestre, oportu-

nidade em que foi considerada a melhor equipe do interior. O atleta Lourival dos Santos foi o 28º colocado da tradicional corrida de fim de ano. A parte social inexistia, a não ser por bailes esporádicos na sede social do São Caetano Esporte Clube. Também promovia piqueniques em cidades do interior.

Vários atletas do São Caetano EC, quando se desligavam do clube, preferiam defen-



Da esquerda para a direita, em pé: Miguel Nobile, Odone Tosetto, Lino Galo, José Fiorotti, Luiz Pavim, Bendazolli, Grigoletto, Ângelo Herrerias, Alberto Rossini, Francisco Garcia (Paco). Agachados: Durval Fregnani, Albino Ribeiro, Pasquale, Oswaldo Garcia (mascote Paquito), Zaca Ribeiro e Lolo

Narciso Ferrari



Equipe de atletismo.
Da esquerda para a
direita: Antônio
Brandão, José Pazzoto
Tofanelo, Cláudio
Tofanelo, Geraldo
Carvalho e Lourival
dos Santos

der o *Corinthinha*. Entre esses, destacaram-se Loris Cersósimo, Hélio, Lauro (Bolão), Otávio Fiorotti, Aristides Balsamo (Vinte e sete), Danilo Casareggio (Máquina), Francisco Fiali, Milton Pavin, Antônio Moraes (Andó), Antônio Chiorlin, Duílio Buzzo, Gallo e Jaime Gardezani (Ninim).

O clube revelou para o São Caetano Esporte Clube o lateral direito José Fiorotti, que defendeu também a Portuguesa de Desportos e a Seleção Paulista, além de Luiz Fernando Figueiredo, conhecido como *Canhotinho*, que se transferiu para os Estados Unidos a fim de defender um clube local e acabou constituindo família. Reside até hoje naquele país.

Exercia função de técnico das equipes principais o incansável Antônio Atílio Previatelli, mais conhecido como Sapeca. Antonio Pilatti era considerado o árbitro oficial do clube.

O local do campo de futebol, primeiramente, era a Rua Santo Antônio, esquina com a Rua Pernambuco, onde se localizavam as Indústrias Anhembi. Depois se transferiu para a Rua Pitagoras. Na sequência foi para o cruzamento das ruas Major

Carlo Del Prete e José do Patrocínio, em terreno de Batista Negro, violinista da orquestra Batista Negro. Finalmente, foi transferido para o cruzamento das ruas Pernambuco e José do Patrocínio.

A primeira sede social localizava-se na Avenida Conde Francisco Matarazzo, 96, para efeitos legais. O sr. Benedito Molinari, que possuía um armazém na esquina da Rua Pernambuco com a Rua Alagoas, construiu um salão na Rua Pernambuco, 303, que servia de sede, transferido, posteriormente, para a Rua Pernambuco, 365, junto ao Bar e Restaurante Piola, local em que se reuniam muitos simpatizantes do clube. Um detalhe: o nome desse restaurante tem uma história interessante: Seu fundador, sr. Pedro Manzini, admirador da seleção italiana, campeã do mundo de 1938, campeonato realizado na França, resolveu homenagear o meia-direita Piola, considerado o melhor jogador da equipe. Finalmente, depois de muito tempo adquiriu, com a ajuda de empréstimos bancários, sua sede própria, na Rua Paraíba, 304.

No final da década de 40, foi

instituído, pelo cantor Toni Tonini, num festival no Cine Max, concurso para a votação do *Clube mais Simpático da Cidade*. O título foi dado ao *Corinthinha*, que também foi assim reconhecido pelo *Jornal de São Caetano*. Fato curioso é que o campo de futebol foi cercado por iniciativa de José Augusto Borracha e dos irmãos Ribeiros (Norival, Armindo, Sérgio e Eduardo). Aliás, a família Ribeiro contribuiu decisivamente para o progresso do clube. Para a inauguração, foi convidada a equipe de veteranos do Palmeiras, que jogou (e perdeu por 2 a 1) com Og Moreira, Fiume, Lima, Manjuba, Lourenço, Moraes, Washington, Aquiles, Xisto e outros. Após o jogo, houve uma festa de confraternização na sede social.

Com o campo cerrado, evitava-se também a pastagem de animais que estragavam o gramado.

Os ex-presidentes foram: Humberto Lodi, Renato Braido, Victor Tasca, Agostinho Rodrigues, Durval Frignani, Pedro Manzini, Belmiro Facchin, Abílio Morcelli, Édson Monico de Amorim, Antônio Pilatti, Waldemar Simão, Máximo Rueda, Henrique Baldarena Tobá, Sebastião Ribeiro, Domingos Dalle Mole, Valdir Ribeiro, Sérgio Ribeiro e Augusto Constanzi. Esse último tem um conhecimento profundo a respeito do clube e forneceu as informações para a realização desse trabalho.

(*) Narciso Ferrari, ex-presidente do São Caetano Esporte Clube

Apresentação de corais marca lançamento da revista Raízes



A apresentação de cinco corais de Natal marcou o lançamento da revista *Raízes*, edição número 26, no dia 12 de Dezembro de 2002. O evento reuniu os corais Harmonia da Lapa, de São Paulo, Quatro Cantus, de São Bernardo, e os corais da ADC General Motors e da Escola Municipal de Educação Fundamental Ângelo Raphael Pellegrino, de São Caetano.

A edição contou com a seção Dossiê, sobre o comércio na cidade nos anos 50, e com artigos abordando assuntos como: arte (pintura dos irmãos Gentilis na Matriz Sagrada Família), religião (história do primeiro templo espírita da cidade), arquitetura (Paço Municipal e Estádio Municipal), entre outros.

No mesmo evento, em parceria com a Academia Brasileira de Letras, a Fundação promoveu o lançamento do livro de poesias *Pier do Capitão*, de Claudino de Lucena.



Fundação Pró-Memória em novo endereço

No início deste ano, a sede administrativa da Fundação Pró-Memória mudou de endereço, passando a funcionar no Complexo Educacional do Ensino Fundamental, na Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255, Bairro Santa Paula.

Neste local já estavam funcionando, desde Abril de 2002, o Centro de Documentação Histórica e a Pinacoteca Municipal, mantidos pela Fundação.

Vitrines divulgam trabalho da Fundação na Passagem de Nível

Desde o início do ano, três vitrines localizadas na Passagem de Nível da Estação Ferroviária es-

tão divulgando o trabalho desenvolvido pela Fundação Pró-Memória. Além de 12 fotografias anti-



gas de São Caetano em vários aspectos, estão em exposição nas vitrines exemplares da revista *Raízes*, livros editados pela Fundação e folhetos das histórias dos bairros. O objetivo é chamar a atenção das milhares de pessoas que passam pelo local diariamente e despertar nesse público o interesse em adquirir o material na própria Fundação.

Objetos que nossos avós usavam em exposição no Museu Municipal

Mais de 80 objetos e 19 quadros com fotos dos primeiros moradores de São Caetano do Sul fizeram parte da ex-



posição *Objetos que nossos avós usavam*, que ficou em cartaz no Museu Histórico Municipal de dez de Janeiro a 29 de Março.

Retratos de personalidades do passado, como Antônio Baraldi, Hermínio Jacob Lorenzini, Luiz Fiorotti, padre João Palendra, Francisco e Ângela Fiorotti, Ana Perin Martorelli e outros, fizeram parte da mostra. A exposição retratou ainda o dia-a-dia das pessoas, entre as décadas de 20 e 40, através da reprodução de alguns ambientes domésticos. Em um deles, cadeira de balanço, vitrola a manivela, relógio de parede e chapeleira reproduziram uma sala de antigamente.

Velhos Carnavais no Shopping ABC

A Fundação Pró-Memória entrou no clima de Carnaval e manteve a exposição *Velhos Carnavais*, no Shopping ABC, de dez de Fevereiro a

cinco de Março. Foram expostas 22 fotografias, das décadas de 30 a 60, que lembraram os carnavais de clubes esportivos e grandes fábricas, além das folias de rua que, nos anos 30 e 40, transformavam as cidades em passarelas de foliões. Fantasias como as de bailarina e as de baiana, usadas em carnavais das décadas de 70 e 80, também completaram a mostra.



Painéis no Estádio Anacleto Campanella resgatam futebol amador

A Fundação Pró-Memória, em parceria com o IMES (Instituto Municipal de Ensino Superior), instalou, no mês de Fevereiro, 16 painéis históricos nos muros internos do Estádio Municipal Anacleto Campanella.



Os painéis têm 2,5m por 1,5m e trazem fotografias de times de futebol amador da cidade. Os times retratados são: ABC Futebol Clube, Cruzada Esporte, São Caetano Esporte Clube, Atlético Vila Alpina, Botafogo, General Motors, Cerâmica, Rayon Matarazzo, Esporte Clube Vila Bela, Flor do Mar, América do Sul, Sub-liga Getúlio Vargas, Arco Verde, Rio Branco, Ypiranguinha e AA Corinthians. Os painéis têm como objetivo resgatar a fase de ouro do futebol amador na cidade.

Sérgio Niculitcheff no projeto Diálogos

A Pinacoteca Municipal de São Caetano deu continuidade ao Projeto Diálogos com a participação do artista plástico Sérgio Niculitcheff (de

25 de Fevereiro a 15 de Abril). A idéia desse projeto é estabelecer um paralelo entre as obras antigas e as mais recentes produções dos artistas participantes da exposição Retrospectiva 2002 - *Onze anos de Salões de Arte em São Caetano do Sul*.

O artista já realizou exposições no Brasil e no exterior, e tem obras em coleções de vários museus brasileiros. Caracterizado por uma pintura figurativa, cheia de volumes, Niculitcheff costuma utilizar imagens comuns que considera de domínio público, dando sempre mais importância à forma e ao fundo, deixando a cor em segundo plano.



Exposição inaugura espaço cultural no Consórcio Intermunicipal do Grande ABC

A exposição *São Caetano nas fotos de Waldemiro Chomem, fotógrafo*, da Fundação Pró-Memória, foi a primeira a integrar a nova iniciativa do Consórcio Intermunicipal do Grande ABC em abrir um espaço cultural para exibir produções das sete cidades da região.



Em cartaz de seis de Março a dez de Abril, a exposição contou com fotografias de paisagens urbanas da cidade nas décadas de 50 e 60, representando um painel histórico e social dos primeiros anos de uma cidade recém-emancipada.

As fotografias transportam o passado para o presente, produzindo uma história visual que enfoca o espaço social em suas transformações urbanas constantes.

Fundação Pró-Memória lança livro com depoimentos de antigos moradores da Cidade

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul lançou no dia 22 de Março o livro *Vozes da Vizinhança – Os bairros de São Caetano por seus moradores*. A publicação, que faz parte do Projeto Editorial da Fundação, foi idealizada pela presidente Sônia Maria Franco Xavier e é um dos primeiros frutos colhidos do Projeto Memória e



Cidadania, realizado em 2001 e 2002 durante o Governo Itinerante (iniciativa da Prefeitura através da qual o prefeito e seus diretores percorreram os bairros da cidade para ouvir de perto reclamações, solicitações e sugestões da população).

Mais de 300 moradores antigos da cidade foram homenageados pela Fundação através da entrega de uma placa com os seguintes dizeres: *Homenagem àqueles que ajudaram a construir a cidade*. A Fundação teve a intenção de reconhecer e valorizar a participação destas pessoas na formação de São Caetano do Sul.

Os homenageados foram entrevistados por uma equipe da Fundação, a fim de se compor uma base de dados com depoimentos de moradores. Histórias de vida de 48 pessoas resultaram no livro *Vozes da Vizinhança*. Os textos são de jornalistas, professores, funcionários da Fundação e estagiários da área de Comunicação Social (estudantes do Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano).

O livro oferece ainda um resumo da história

de cada bairro e mapas, também separados por bairros, com a localização dos pontos mais importantes da cidade.



Pinacoteca inicia programa educativo com visitas monitoradas

Aproximar crianças e adolescentes da arte e do fazer artístico é o objetivo do programa *Aprendendo a Ver*, desenvolvido pela Pina-



coteca Municipal de São Caetano do Sul. Através de visitas monitoradas previamente agendadas, o programa reforça o lado educativo da nova instituição. *Nossa intenção é fazer com que as crianças entendam o que estão vendo na Pinacoteca, que saibam o significado das obras de arte penduradas na parede*, comenta a presidente da Fundação Pró-Memória, Sônia Xavier.

Durante a visita, que pode contar com até 30 alunos, são realizados jogos e exercícios de apreciação e expressão, visando aguçar a apreciação do aluno e ampliar seu entendimento de arte. Crianças a partir dos quatro anos podem participar, e as abordagens são adequadas às diferentes faixas etárias.

Além das atividades com os alunos, os professores também podem participar de um workshop para conhecer o trabalho pedagógico desenvolvido pela Pinacoteca e preparar os alunos para a visita. Com isto, depois da visita podem, na escola, realizar atividades relativas ao que foi apresentado aos alunos na Pinacoteca.



Museu abre espaço para exposição de alunos de escola estadual

De 15 de Abril a 31 de Maio o Museu Histórico Municipal recebeu a exposição *Nosso Bairro da Fundação – A História Revisitada*, fruto da parceria firmada entre o museu e a Escola Estadual Profº Edgar Alves da Cunha. A exposi-

ção reuniu fotos dos principais pontos do bairro e depoimentos de moradores antigos colhidos pelos alunos (autores das fotografias).

Gregório Gruber e filhos na Pinacoteca

O artista plástico Gregório Gruber, conhecido como o Pintor de São Paulo, participou do Projeto Diálogos, na Pinacoteca Municipal.



A exposição aconteceu de 29 de Abril a 30 de Junho e contou com trabalhos de Lorena Hollander e Lúcio Tamino, filhos de Gregório.

Gruber trouxe pinturas e litografias com paisagens urbanas de São Paulo, constante marca de seu trabalho. Paisagens, objetos, pessoas, automóveis, edifícios e postes estão em praticamente todas as suas telas.

Pró-Memória levou o romantismo dos antigos casamentos ao Shopping ABC

De 20 de Maio a primeiro de Junho, fotografias e objetos de antigos casamentos estiveram em cartaz no Shopping ABC, em Santo André, na exposição Retratos de Casamento, produzida pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul para homenagear o mês das noivas.



Além de fotografias, que resgatam o romantismo do casamento através da lembrança da união de antigos casais, sete modelos de vestido de noiva fizeram parte da mostra. Desde um simples, de 1923, até um vestido um pouco mais moderno, de 1985, com todas as características da época. Dentre os objetos, foram expostos ainda peças de enxovais, acessórios utilizados em casamentos, como luvas e grinaldas e lembrancinhas de diversas cerimônias.

Exposição da Pró-Memória na General Motors

Durante todo o mês de Maio, a exposição Caminhos da Memória circulou por vários prédios e departamentos da fábrica da General Motors em São Caetano.



A exposição Caminhos da Memória é composta por dez banners, que trazem fotografias antigas e atuais dos pontos históricos da cidade localizados nos bairros Centro e Fundação, além de informações sobre a história de cada local, como data da inauguração e curiosidades.

Projeto da União Européia oficializa publicação

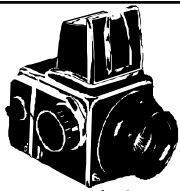
De sete a nove de Maio, a presidente da Fundação Pró-Memória, Sônia Maria Franco Xavier, esteve na província de Terni,



Itália, para mais uma reunião do projeto URB-AL, criado pela Comissão Européia em 1995, como resultado de uma parceria entre países da União Européia e da América Latina. A URB-AL objetiva promover relações internacionais de cooperação mútua e troca de experiências entre as duas regiões.

Na reunião foi oficializada a produção do Manual de Boas Práticas, uma publicação contendo os projetos de cada participante, que será um ponto de partida para políticas de proteção e programações no âmbito urbanístico, favorecendo a recuperação do contexto histórico e urbano. A Fundação Pró-Memória apresentou o projeto Caminhos da Memória, que tem o objetivo de inventariar todos os imóveis ou locais de importância histórica, a fim de sensibilizar e conscientizar a população.

Paula Fiorotti é jornalista



Memória Fotográfica



Fundação Pro-Memória

1 – Foto aérea de São Caetano, de autoria do aviador Néelson Smith, publicada no Suplemento de Rotogravura do jornal *O Estado de São Paulo* de 29 de Agosto de 1931. Na parte superior, à direita, as recentes instalações da General Motors. No centro, o prédio do Moinho Santa Clara. À esquerda, partes dos bairros Centro e Fundação. Ao fundo, o Morro do Pelado e uma grande área descampada, onde seriam formados os bairros Nova Gerte, Olímpico e Barcelona. Em primeiro plano, os bairros paulistanos Vila Bela, Vila Califórnia e Vila Alpina



Fundação Pro-Memória

2 – À direita, o bar de Antônio Ramos. À esquerda, a loja de Ema Abib. Da esquerda para a direita: Leila, Antonieta, Ema e Albertina. Década de 40



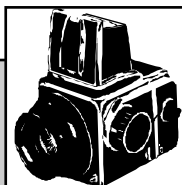
Fundação Pro-Memória

3 – Em 1961, como parte dos festejos comemorativos do 84.º aniversário de São Caetano do Sul, foi realizada missa campal na Praça Ermelino Matarazzo, Bairro da Fundação. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: (?), Anacleto Campanella – prefeito, Concetto Constantino – presidente da Câmara, (?), Cezário Migliano – vereador, padre Gil Eulálio – vigário da paróquia e Orlando de Souza – ex-vereador



Fundação Pro-Memória

4 – Em 1958, este era o aspecto da esquina da Avenida Conde Francisco Matarazzo com a Rua João Pessoa. À direita, o Bar dos Autonomistas, muito freqüentado na época. À esquerda, parte da fachada do Cine Max (demolido). Ao fundo, à direita, o sobrado que abrigou no térreo as instalações da Casa Weigand. Mais adiante, as porteiras da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí



**Memória
Fotográfica**

1 – Armazém de Alceo Brajato, localizado na Avenida Roberto Simonsen, 243. O proprietário está encostado ao balcão



Fundação Pró-Memória

2 – Nas décadas de 50 e 60, funcionou, perto da antiga Estação Ferroviária de São Caetano, uma bem organizada cadeia distribuidora de jornais e revistas dirigida por Cezário Migliani, vereador por três legislaturas seguidas e presidente da Câmara Municipal em 1966. O local era o ponto de encontro de políticos, funcionários públicos e trabalhadores em geral. Com a demolição da antiga estação, a banca de jornais foi desativada. Ano de 1967



Fundação Pró-Memória

3 – Em solenidade realizada no SESI (Serviço Social da Indústria) de São Caetano do Sul, durante a primeira administração do prefeito Oswaldo S. Massei (1957-1961), estiveram presentes, da esquerda para a direita: Raimundo da Cunha Leite, sua esposa Maria Dulce Cerqueira Leite, Antônio Caparroz Guevara, (?), prefeito Oswaldo S. Massei, Anacleto Campanella, e mais três pessoas não identificadas

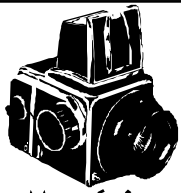


Raimundo da Cunha Leite

4 – Ano de 1966. Trabalho de retificação do Córrego do Moinho, hoje canalizado sob a Avenida Presidente Kennedy, Bairro Olímpico. As obras foram realizadas durante a primeira administração do prefeito Walter Braido (1965-1969). O local fica próximo à esquina da Avenida Tijucussu. Ao fundo, o antigo Bosque do Povo, hoje Cidade das Crianças



Fundação Pró-Memória



Memória Fotográfica



Fundação Pró-Memória

1 e 2 – Vista aérea de São Caetano do Sul, em cartão postal, na terceira administração Walter Braido (1983-1989). No verso do cartão, informações gerais sobre o município



Fundação Pró-Memória



3 – Em 1948, durante o movimento autonomista de São Caetano do Sul, foram realizados diversos bailes, com venda de votos para a escolha de rainha e princesa da primavera de 1948, com o objetivo de arrecadar fundos para o movimento. Nesse ano foi eleita princesa a senhorita Maria Dulce Cerqueira, que viria a ser a primeira-dama da cidade como esposa do prefeito Raimundo da Cunha Leite (1977-1983)



Fundação Pró-Memória

4 – A revista mensal ilustrada *Panorama – a vida no triângulo do ABC* circulou pela região, de 1956 a 1971, como um dos mais importantes veículos de comunicação social local. Era dirigida por Miguel V. Maly, José Pereira Martins, Rene Zinekhal e Luiz Ganes. Na capa da revista n.º 6, de Julho de 1956, aparece o Jardim Primeiro de Maio, na Avenida Goiás, da principal praça pública de São Caetano, construída na primeira administração do prefeito Anacleto Campanella (1953-1957)

1 – Em 1968, na primeira administração do prefeito Walter Braidó (1965-1969), foram inauguradas as novas instalações do Pronto-Socorro Municipal, na Rua Vital Brasil.



Fundação Pró-Memória

2 – Inauguração da Creche Zilda Natel, em 13 de Maio de 1974, junto à Paróquia Nossa Senhora da Aparecida, Bairro Barcelona. Em primeiro plano, da esquerda para a direita: Bruno Aggio, vereador; Walter Braidó, prefeito municipal; dom Jorge Marcos de Oliveira, bispo diocesano de Santo André; padre Olavo Paes de Barros Filho; vereador Sebastião Laureano dos Santos; vereador Oswaldo Martins Salgado; Zilda Natel; Maria Braidó, primeira dama de São Caetano do Sul



Fundação Pró-Memória

3 – Ano de 1966. A Avenida Tijucussu estava sendo recapeada. O trecho fica entre as ruas Ingá e Itápolis, em frente à E.E. Yolanda Ascencio

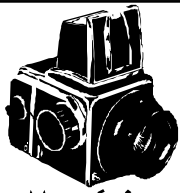


Fundação Pró-Memória

4 – Rua Alagoas entre as ruas Senador Vergueiro e Major Carlo Del Prete, ano de 1936. Da esquerda para a direita, em baixo: João Stefan, Jorge Netzer, (?), Carlos Netzer, Walter Netzer e Mário Stefan. Atrás: Carlos Stefan, Rodolfo Netzer e Willy Stefan



Fundação Pró-Memória



Memória Fotográfica



Salvador Lorente

Três imagens da Lagoa dos Parentes, que se localizava no fim da Rua São Paulo, onde hoje está a sede do Clube Atlético Tamoyo.

1 – No barco, grupo de amigos das famílias Lorente e Borasi

2 – Ao fundo, a antiga linha de tiro do Tiro de Guerra 277, de São Caetano do Sul

3 – Salvador Lorente no barco. Ao fundo, o Morro do Penteado, atual Bairro São João Clímaco, no Município de São Paulo



Salvador Lorente



Salvador Lorente

4 – Francisco Gonçalves Ferreira (Gonçalves) foi um grande futebolista. Nasceu em primeiro de Abril de 1940, na Vila Prosperidade. Começou jogando no Vila Prosperidade Futebol Clube. Disputou vários campeonatos pelo Nacional AC e pelo Juventus. Em 1959, servindo o Exército, integrou a seleção militar no mesmo time de Pelé, e conquistou a Taça Intercontinental Sul-Americana dos Militares. Jogou ainda no San Lorenzo de Almagro da Argentina, no Corinthians Paulista e no São Bento de Sorocaba. Foi campeão mato-grossense, em 1975, pelo EC Comercial. Hoje, aos 61 anos, é professor de futebol na Escolinha do Rádio Clube de Campo Grande – MS. Em pé, da esquerda para a direita: Nélsion, Gonçalves, Aluísio, Daniel, Mileze e Mané. Agachados: Santana, Batalha, China, Pelé, Viana e Parabé. No destaque, o jogador Gonçalves



Seleção Militar de 1959

1 – Em 1951, os funcionários da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul criaram um time de futebol para disputas amadoras e lazer. Chamava-se Clube Municipal e era formado por funcionários públicos de todas as categorias. No campo do São Caetano Esporte Clube, na Rua Paraíba, aparecem, em pé, da esquerda para a direita: Jackson, Nobile, Carlão, Paulinho, Valdir e Armando. Agachados: Cláudio Musumeci, Veiguiinha, Balila, Riera e Fabião



Fábio Vieira de Souza

2 – Jardim Primeiro de Maio, Avenida Goiás, 1958. À esquerda, e com o filho João Vieira de Souza no colo, Fábio Vieira de Souza. Ao lado, Walter Tomé, jornalista do *Jornal de São Caetano*. Ambos participaram do movimento autonomista de 1948



Fábio Vieira de Souza

3 – Em 1955, um grupo de sancaetanenses realizou uma viagem de carro à Argentina e ao Uruguai, enfrentando o estado calamitoso das estradas de rodagem daquela época. Em Buenos Aires, da esquerda para a direita: Joaquim Carlos, Hermínio Marinotti, Fábio Vieira de Souza, Imbrione Paolone e Silvério Manilli

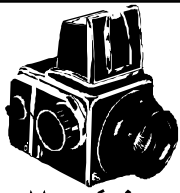


Fábio Vieira de Souza

4 – Inauguração do Centro de Recreação Infantil do Bairro Olímpico, depois transformado em Cidade das Crianças. No centro, o vice-prefeito Antônio Russo e a primeira-dama Dolores Massei desatam a fita inaugural. À direita, o prefeito Oswaldo Samuel Massei e os vereadores Gentil Monte e Fábio Ventura



Fundação Pro-Memória



Memória Fotográfica



Família Hernandés

1 – Guilherme Hernandes, descendente de espanhóis de Granada, passeia pela Rua Lemos Monteiro. Ano de 1953.

2 – Vista aérea da Fábrica Confab-Ibesa, no Bairro Prosperidade, década de 60. A Confab iniciou atividades em 16 de Abril de 1942. Os fundadores foram Luiz Emanuel Vianchi, Gregório Paes de Almeida, Antônio Benedito Machado Florence, Sebastião Paes de Almeida, Celso Santos, Hélio Pereira de Sampaio, Joaquim Pereira de Castro e Luiz Nascimento. Fabricava, então, principalmente material de guerra, ou seja, granadas e projéteis. Em 1953, foram interrompidas suas atividades industriais e a totalidade das ações passou para o grupo que controlava a IBESA – Indústria Brasileira de Embalagens S/A. A produção foi reiniciada em 1957, com a fabricação de botijões para gás liquefeito, tambores de aço, tanques subterrâneos e reservatórios para armazenagem de derivados de petróleo. Em 1998, forneceu tubos de aço para o gasoduto Brasil-Bolívia.



Fundação Pro-Memória



Fundação Pro-Memória

3 – Em 1956, um grupo de sancaetanenses liderados por Inácio Del'Rey fundou a Associação de Amadores de Astronomia de São Caetano do Sul. A sede estava localizada no quarto andar da loja Irmãos Del'Rey, na Rua Baraldi, 833. O associados de 1959 estão diante da maquete de um satélite artificial. Da esquerda para a direita: (?), (?), Inácio Del'Rey, Cláudio Musumeci, Francisco Del'Rey, Antônio Caparroz Guevara (semi-encoberto), Manuel Gutierrez Duran, Odilon de Souza Mello, (?), (?), (?), e professor José Teixeira

1 – Operários da General Motors no pátio interno da fábrica de São Caetano. Ao fundo, as casas térreas da Avenida Goiás, entre as ruas General Osório e Tiradentes. No canto esquerdo, o sobrado da família Bisquolo, em cujo andar térreo estavam as instalações da padaria Bom Gosto. Década de 40



Fundação Pro-Memória

2 – Bodas de Ouro de Tereza e José Benedetti, em 14 de Janeiro de 1949. Membros das famílias Perin, Peruchi e Benedetti participaram da festa. Padre Ézio está atrás da moça de branco sentada no braço da cadeira. À esquerda da moça está padre Arthur. O local é preservado, em sua parte externa, pela família Benedetti, e fica na esquina das ruas Rio de Janeiro e José Benedetti. Ao fundo vemos a construção que abrigou por muito tempo a Fábrica de Pastilhas Argilex, além da Garagem Municipal da Prefeitura de São Caetano do Sul



Maria Luíza Benedetti

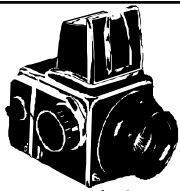
3 – A Casa Laranjeira, tradicional loja de roupas do Bairro Santa Paula, foi inaugurada em 27 de Novembro de 1950, na Avenida Goiás, esquina com a Rua Martim Francisco. No dia 14 de Outubro de 1955, muitas pessoas foram à loja no intuito de concorrer a uma viagem para Hollywood. Tratava-se de promoção da fábrica de brinquedos Estrela



4 – Gertrudes Hernandes e a irmã Eduarda Hernandes, descendentes de espanhóis oriundos de Granada. Ano de 1953



Família Hernandes



Memória Fotográfica



Fundação Pro-Memória

1 – João D'Agostini e Maria D'Agostini eram, filhos de imigrantes italianos que aqui chegaram em 1877. Ele nasceu em 1881, ela em 1879. Casaram-se em 29 de Agosto de 1908. Em 1958, compraram a edição histórica do Jornal de São Caetano sobre a imigração italiana



Francisco J. Fiorotti

2 – Em sete de Setembro de 1963, os patrulheiros mirins de São Caetano, na época membros da Guarda Infanto-Juvenil, desfilaram com sua fanfarra pela Rua Santa Catarina. Em primeiro plano, da esquerda para a direita, o instrutor Faustino, Milton Feijão e o cabo Schimidt. O terceiro patrulheiro da esquerda para a direita é Francisco J. Fiorotti, doador da foto



Fundação Pro-Memória

3 – No Vale do Anhangabaú, durante os festejos do quarto centenário de São Paulo (1954), os componentes do Clube do Trabalhador n.º 4 do Sesi de São Caetano do Sul, organizaram um desfile



Fundação Pro-Memória

4 – Desfile de carro alegórico do Botafogo Futebol Clube, time amador de São Caetano, durante os festejos do 83.º aniversário de São Caetano do Sul, em 1960. O menino é Valdir Cavinatti, filho de Oaldir Cavinatti, que aparece à esquerda do caminhão

Instruções para a remessa de artigos

A revista *Raízes*, desde o seu lançamento até os dias de hoje, já contou com a colaboração de 130 articulistas, com trabalhos publicados em 720 artigos, sob os mais diferentes pontos de vista mas sempre com o objetivo de resgatar a nossa história a nossa memória, enfim, as nossas raízes.

A partir do nº 28, a ser lançado em Dezembro de 2003, um espaço ainda maior para quem desejar enviar artigos e sugestões será aberto.

No intuito de esclarecer eventuais dúvidas sobre o envio de artigos, estabelecemos algumas normas. →

- ❶ - A revista está aberta à colaboração de pesquisadores e memorialistas da História do ABC paulista vinculados ou não a instituições públicas e privadas;
- ❷ - Os artigos devem ser enviados à Fundação Pró-Memória, e serão apreciados e selecionados pelo Conselho Editorial da Revista *Raízes*;
- ❸ - Em artigos de caráter histórico, deverá constar no próprio corpo do texto, ou em notas de rodapé, a bibliografia utilizada;
- ❹ - A Fundação Pró-Memória se reserva o direito de revisar os artigos, quando necessário, para adequá-los ao nosso estilo de publicidade;
- ❺ - A Fundação Pró-Memória se reserva o direito de escolher imagens quando não houver sugestão ou remessa por parte do articulista ou quando as imagens sugeridas não puderem ser utilizadas por problemas de origem etc.;
- ❻ - Originais encaminhados à revista não serão devolvidos, com exceção de fotografias.
- ❼ - Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores, e não refletem, necessariamente, a opinião da revista;
- ❽ - Os autores de artigos selecionados terão seu texto publicado na Revista *Raízes* e receberão cinco exemplares do número em que seus trabalhos forem publicados;
- ❾ - Os artigos selecionados podem ser publicados em qualquer número da Revista *Raízes* com notificação prévia aos autores;

O endereço para postagem é:
**FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
DE SÃO CAETANO DO SUL**
Av. Dr. Augusto de Toledo, 255
09541-520 São Caetano do Sul-São Paulo
Fones: 4221-9008 e 4221-7420
raizes@fpm.org.br

Museu Histórico Municipal

Rua Maximiliano Lorenzini, 122 -
Fundação
Telefone: 4229-1988



*“Aquele que
conhece o
passado,
sabe o que quer
no presente,
e o que
pretende no
futuro”*



Fundação Pró-Memória
São Caetano do Sul



Sede Administrativa

**Centro de
Documentação
Histórica**

Pinacoteca Municipal

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255 - Santa Paula
Telefones: 4221-9008 /
4221-7420

Depoimentos

As quermesses da Paróquia Nossa Senhora da Candelária

As quermesses da Paróquia Nossa Senhora da Candelária, também conhecida como Igreja da Colina, foram sempre muito animadas e bastante concorridas já nas décadas de 40 e 50.

A comunidade era sempre muito ativa, as famílias doavam muitas prendas. A meninada saía para as ruas, com a carriola, arrecadando prendas nas casas e lojas do comércio. As filhas do meu tio Cristiano Carraro confeccionavam bonitos vestidos para as bonecas que seriam sorteadas, durante a festa, para a alegria das meninas.

As barracas eram todas enfeitadas pelos seus responsáveis. As mais concorridas eram a do bingo (adultos), do coelhinho (crianças) e do leilão.

Havia também as barracas da roleta e tiro de espingarda com rolha. O meu tio Cristiano era o responsável pelas barracas do coelhinho, do bar e do leilão.

As pessoas doavam porcos, frangos e coelhos assados. Muitos eram preparados com muito capricho na própria igreja, pelo senhor Elviro e pela dona Regina Caperutto, e assados gratuitamente, no forno de barro, pela Padaria Portuense, para serem arrematados na barraca do leilão. Muitas vezes o próprio doador fazia questão de arrematar o assado, para comer com seus amigos na própria quermesse.

No pátio havia um coreto, onde a banda se apresentava. O



Cristiano Carraro

senhor Trentini, fabricante na época do famoso Ferro-Quina Trentini, doava grande parte da bebida utilizada na quermesse. Com seu pequeno caminhão, ia buscar os integrantes da banda para tocar na festa.

No início da quermesse erguiam-se devidamente enfeitados os mastros de Santo Antônio, São João, São Pedro e o pau-de-sebo. Os fogos usados na festa meu tio Cristiano ia buscar, a pé, no Sacomã.

O serviço de alto-falantes ficava aos cuidados dos irmãos Caperuttos: Durval e David. Faziam propaganda da quermesse, tocavam músicas, faziam anúncios de estabelecimentos comerciais que pagavam para ter seus serviços anunciados: Casa Weigand, Casa Fernandes, Casa de Rádio Hillos, Modas Mariana, Padaria Portuense e outros. Os moços ofereciam músicas para as moças com quem simpatizavam. No último dia da quermesse era dançada a quadrilha.

Ainda hoje nossa quermesse

é bem freqüentada. Conta com uma cozinha bem equipada, onde a saborosa comida servida é feita com capricho. As barracas estão em lugar fechado e coberto.

Graças à quermesse é possível manter a área externa à Igreja, que conta com instalações disponíveis para eventos religiosos e obras de assistência social como Narcóticos Anônimos, Jogadores Anônimos (compulsivos), CVV, Pastoral da Criança e Vicentinos (Neusa Maria Persona Bueno).

Assunta Ferrero, filha de Bartolomeu Ferrero Filho e Maria Vicentini Ferrero, conta como tudo começou

Quando ainda em São Caetano não tinha muitos moradores, mas tinha a Igreja de São Caetano, no Bairro da Fundação, que foi construída pelos próprios moradores, o padre Luiz Capra vinha todos os domingos rezar a Santa Missa. Ele era de Santo André.

Eram missas aos domingos e as de sétimo dia.

Mas este padre teve que partir para a Itália e em seu lugar veio o padre João Pelanda, que



Assunta Ferrero, 92 anos

passou a ser vigário e que permaneceu até a sua ida para a Itália, onde veio a falecer mais tarde.

Em seu lugar veio o padre Alexandre Grigolli tendo como coadjutores os padres Ézio Gislimberti e Artur de Vigili.

A Igreja Sagrada Família foi construída em um terreno doado pela família Baraldi e foi entregue ao padre Alexandre Grigolli, que passou então a ser o vigário.

Mas aqui em São Caetano tinha um grande terreno baldio de propriedade dos irmãos Gonzagas: José e Bento. Eles tinham ido morar no estado do Rio de Janeiro e vinham às vezes visitar as terras e um amigo que morava no Ipiranga, bem perto do museu, chamado Hermínio Moura.

Não sei como, mas o sr. Hermínio tornou-se amigo de meu pai e nos visitava com frequência.

Os irmãos Gonzagas resolveram lotear a fazenda e mandaram pedir a meu pai para vender os lotes.

Meu pai então respondeu que venderia os lotes com uma condição: se fosse dada uma pequena parte do terreno para construir uma igreja.

O terreno foi cedido e logo que a cúria o recebeu, foram reunidos os vizinhos: família Benedetti, a família do sr. Oscar, os Carraros, os Nóbregas, De Santi, Milani, Ferrero, Linhares e outros. Formaram uma comissão e começaram a construir uma capela, muito rústica, com piso de tijolos. Tijolos que foram doados pela olaria do sr. José Benedetti.

Com a capela construída, os irmãos Gonzagas ofereceram a

imagem de Nossa Senhora da Candelária que mandaram trazer do Rio de Janeiro.

Foi uma festa para São Caetano. O padre Alexandre Grigolli, vigário da Matriz Sagrada Família, passou a rezar missa a cada quinze dias e fazer a Festa da Padroeira no dia dois de Fevereiro de cada ano.

No começo tudo era bastante difícil, mas todos os vizinhos procuravam ajudar conforme as possibilidades de cada um. Em véspera das festas os vizinhos ofereciam água dos poços. Uns puxavam a água com uma corda que, na extremidade, tinha um balde amarrado. Outros traziam as latas cheias. As mulheres lavavam rápido, porque os tijolos secavam logo a água.

Colhiam-se flores ou faziam-nos com papel crepom, nas casas dos vizinhos ou mesmo na nossa casa, para adornar a igreja e enfeitar o andor que os homens preparavam com todo o cuidado para a procissão.

No ano de 1934, quando teve a revolução, essa capela serviu de refúgio de um pelotão de soldados que vieram enganados e procuravam fugir. Nesta época a capela ainda não tinha porta. Mais tarde, a comissão conse-

guir colocar a porta. A entrada para a capela era pela Rua Itapiru, hoje é pela Rua Nossa Senhora da Candelária. Tinha alguns degraus para subir (Assunta Ferrero).

...morou por algum tempo em uma pequena casa no terreno da Capela da Candelária...

Eugênia Santi de Martini, natural de Veneza, era casada com o sr. Antônio Francisco de Martini, natural de Verona.

A família veio direto da Itália para trabalhar nas fazendas de São Caetano. Com o tempo, foram trabalhar nas fazendas de São Bernardo do Campo para fazer carvão.

Antes de adquirirem o próprio sítio, residiram por algum tempo em uma pequena casa, no terreno da Capela da Candelária, depois ocupada pela família Caperutto.

Eugênia ajudava nas atividades da capela, principalmente quando era época de festas. Ela recebia as comitivas, padres e demais autoridades. Mais tarde a família adquiriu um sítio, próximo à capela, e lá foram criados os filhos.



Ano de 1938. Da esquerda para a direita: Maria Gomes, Antônio Gomes, Ricardo Gomes, Palmira Gomes, Tereza Santi Gomes (filha), Eugênia Santi De Martini (mãe)

Maria Gomes Strufaldi

Teresa Santi, filha de Eugênia, teve os filhos Maria Gomes, Antônio Gomes, Ricardo Gomes e Palmira Gomes.

A filha Maria Gomes casou-se com o sr. Luciano Strufaldi, criador e regente do Coral da Paróquia (1950 a 1960), que chegou a ter 30 vozes, e também da Banda da Candelária.

O sr. Luciano Strufaldi nasceu no ano de 1926, em Pistoia, Toscana, Itália. Trabalhou por oito anos na Fábrica de Botões Aliberti, onde conheceu a sra. Maria Gomes, depois trabalhou um ano nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. Em seguida foi trabalhar na Companhia Brasileira de Cartuchos, onde permaneceu até se aposentar (Maria Gomes).

Família Caperutto: ele encarregado das obras da construção da igreja Nossa Senhora da Candelária, ela da longa lista de afilhados

A família Caperutto, entre tantas outras, também foi importante para nossa paróquia, pois foi sob a orientação e o trabalho de seu patriarca, Elviro Caperutto, que a nova igreja foi construída.

Elviro Caperutto nasceu na cidade de Jaú, São Paulo, no dia 26 de Fevereiro de 1911. Era casado com Regina Germani Caperutto, nascida em Itapuú, São Paulo, no dia 13 de Fevereiro de 1910. Tiveram seis filhos: Durval, David (falecido), Jurandir, Ruth, Altevir e Guiomar.

O sr. Elviro trabalhava como pedreiro e mestre de obras para a Construtora Linhares, empre-



Elviro Caperutto e Regina Caperutto

sa que foi designada pela Matriz Sagrada Família para a construção da nova igreja de Nossa Senhora da Candelária.

A construtora nomeou o sr. Elviro para ser o encarregado das obras, então, ele passou a morar com a família em uma pequena casa que ficava ao lado da antiga capela.

Era uma pessoa simples, mas muito exigente com as pessoas que trabalhavam com ele. Soube conduzir a obra com eficiência e, após nove meses de trabalho, a igreja ficou pronta.

Após o término da construção, a igreja conservou o casal Caperutto, que continuou a residir no local e passou a tomar

conta da conservação e limpeza do lugar.

Dona Regina cuidava de todos os afazeres: limpava, lavava e cozinhava para o pároco. Quando havia cerimônias religiosas, cuidava também dos padres que vinham para auxiliar o pároco. Além disso, ela servia também como sacristã nas missas semanais. Foi a pessoa que teve mais afilhados na paróquia: todas as vezes em que surgia alguém com uma criança para batizar e não tinha madrinha, ou uma criança doente precisando receber o sacramento do batismo, o pároco logo a chamava e pronto: mais um afilhado para a sua longa lista de madrinha.

O primeiro coroinha oficial da nova paróquia foi o filho do casal: Jurandir Caperutto.

Os filhos mais velhos do casal, Durval e David, cuidavam da parte elétrica e do som: microfones, alto-falantes, músicas para as festas e quermesses. As meninas ajudavam a mãe nos afazeres domésticos.

A família Caperutto permaneceu na paróquia até 1955, quando o sr. Elviro foi transferido para ajudar na construção que se iniciava (Igreja de São João Batista) na Rua Piauí, 774, Bairro Santo Antônio, também em São Caetano do Sul.

O filho Jurandir guarda uma lembrança marcante de seu pai. Em 1958, quando servia o Tiro de Guerra e também trabalhava, para não chegar atrasado ao quartel, o pai, enquanto ele se alimentava, fazia questão de amarrar-lhe o coturno, a fim de ganhar mais tempo. E não adiantava o filho protestar.

O sr. Elviro faleceu no dia oito de Janeiro de 1975 e dona Regina no dia 22 de Abril de 1992 (*Jurandir, Altevir e Durval Caperutto*)

Caterina Dall'Anese

A sra. Caterina Michelin Dall'Anese chegou ao Brasil em 30 de Junho de 1931, a bordo do navio italiano Princesa Maria, com seus cinco filhos: Arthur, Augusta, Ada Ângela e Mário. Veio encontrar seu marido, Giovanni Dall'Anese, que viera no ano anterior fugindo do clima de instabilidade política instaurado por Benito Mussolini.

Caterina era filha de Defendente e Augusta Martorelli Michelin. Nasceu em San Giacomo di Veglia, Província de Treviso, em seis de Junho de 1895.

Católica fervorosa, dona Caterina procurou o pároco de sua cidade, dom Giuseppe Di Biasi, seu primo, e pediu-lhe a bênção antes de partir para a longa viagem em direção ao Brasil. O sacerdote abençoou a família e assinou um documento de recomendação ressaltando o caráter religioso dos Dall'Aneses. No Brasil nasceram dois filhos: Antônio José e Ana Maria.

Desde os tempos em que viveu em Atibaia até sua chegada a São Caetano, em 1936, a sra. Caterina nunca descuidou da recomendação de dom Giuseppe e aplicou sua fé católica na educação dos filhos e netos, na convivência com os vizinhos e, mais tarde, na profissão de parteira.

Ainda em Atibaia, quando chegava a Semana Santa ela fazia questão de ir à igreja. A mais próxima, porém, ficava em Bragança Paulista, a cerca de dez quilômetros da fazenda. Seguiam todos a pé.

Uma vez, a filha Ângela ficou com um dente seriamente



inflamado, com grande inchaço no rosto. Não era possível consultar um dentista. Só se faziam bochechos com ervas. Naquela noite, dona Caterina colocou embaixo do travesseiro da filha um santinho de São Bosco e outro de Santa Terezinha. Sonhou com os santos. No dia seguinte, a infecção veio a furo para o lado de dentro, por sorte, pois muita gente tinha cicatrizes no rosto por causa do mesmo problema.

Quando chegava Outubro, que é o Mês do Rosário, dona Caterina reunia todas as crianças da redondeza e rezava o terço, todas as tardes. Quem não sabia ela ensinava. Até hoje suas filhas encontram amigas que relembram esses momentos.

Ainda em Atibaia, dona Caterina escreveu uma carta para um conhecido na Itália, que era médico, pedindo para que lhe enviasse livros sobre o ofício de parteira (que tinha aprendido na Itália). O médico atendeu ao pedido e ela começou a exercer sua atividade de partei-

ra. A cada dia foi adquirindo mais prática.

Em São Caetano, era conhecida como dona Catarina. Fez muitos partos, tanto de pessoas ricas como de pobres. Às vezes, atendia mulheres deitadas em esteiras. Quando o parto era difícil e precisava da ajuda de um médico, ela o chamava. Conviveu com os médicos da época na cidade. (Souza Voto, Zambom e Kirche), e eles aprovavam o seu trabalho. O que ela queria é que as mulheres se recuperassem sem problemas.

Muitas vezes não cobrava nada de quem não podia pagar. Quando fazia partos para uma família abastada, dizia: *Esta noite fui a uma casa e a mãe não tinha quase nada para vestir no bebê. Você tem muita roupa, portanto me dê alguma coisa para levar para ela.*

Quando chegava ao barraco e entregava as roupas, a pobre mãe não sabia como agradecer. Dona Caterina então respondia: *Reze por mim.* Ela cuidava ainda dos bebês depois do parto, indo às casas para dar os primeiros banhos.

Sua fé levou-a sempre a colaborar com a Igreja Nossa Senhora da Candelária. Na década de 60, doou imagens de santos como Sant'Ana (da qual era devota) e Nossa Senhora das Dores, além de vitrais. Intimava os filhos a doarem materiais ou qualquer coisa que servisse à igreja, uma vez que estavam estabelecidos e prosperavam em sua indústria, a Metalúrgica Dall'Anese.

Falecida em 20 de Junho de 1968, em São Caetano, dona Caterina deixou às novas gerações da família seu exemplo de fé, caridade e amor (*Ângela Dall'Anese Nóbrega*).

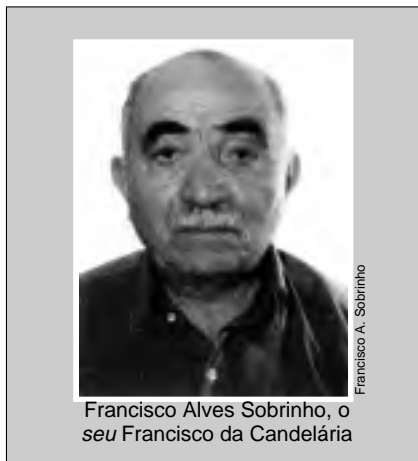
...“*seu Francisco*” da Candelária...

Francisco Alves Sobrinho nasceu no Estado do Ceará, no dia 26 de Junho de 1925, na cidade de Lavras da Mangabeira. Foi casado com Maria Nerci Alves, já falecida.

Chegaram a São Caetano em 24 de Agosto de 1951, e a primeira coisa que fizeram foi assistir a uma missa na Matriz Sagrada Família. Ali foram informados sobre a Igreja Nossa Senhora da Candelária. Em 27 de Agosto de 1951, após assistir à missa vespertina, *seu Francisco* foi conversar com um senhor que estava arrumando o altar. Esse senhor era o zelador José Benedetti.

Seu Francisco contou-lhe que lá na sua cidade ele fazia também o serviço de zelador na igreja, e que estava chegando de mudança com a família. Teria o maior prazer em ajudá-lo nos serviços da igreja. José Benedetti ficou grato e disse que havia muito serviço a ser feito. Desde então, *seu Francisco* passou a atuar voluntariamente na igreja, onde está até hoje.

Faz 20 anos que ele abre a igreja todos os dias, às cinco horas. Isso desde que se aposentou na Matarazzo, onde trabalhou durante 30 anos. Ele atua na paróquia há 51 anos. É o mais antigo paroquiano ainda em atividade. Atuou com todos os párocos, desde o padre Ézio. Na paróquia foi fundador da Conferência de São Vicente de Paula (faz 53 anos que é vicentino); primeiro provedor da Irmandade do Santíssimo Sacramento; fundador da Legião de Maria, onde militou durante 28 anos e atualmente é auxiliar; e presidente do



Francisco Alves Sobrinho, o *seu Francisco* da Candelária

Conselho Paroquial por 12 anos.

Em 1954, por ordem do pároco José Caruso, *seu Francisco* foi encarregado de roçar o mato que cercava a capela Nossa Senhora das Graças, na Rua Tocantins, 436, no Bairro Nova Gerte, para dar início à construção da nova paróquia, pois a Paróquia da Candelária já estava ficando pequena para tantos fiéis.

Como o serviço era muito, o pároco enviou Ângelo Armelindo, Salvador Buso e Joaquim Pedro Filho para ajudar *seu Francisco*. Aos sábados e domingos, os quatro amigos faziam visitas às casas dos fiéis que residiam perto da capela, avisando-os sobre a transformação da capela em paróquia, sobre as missas diárias, sobre a realização de casamentos, bati-

zados, crismas etc.

Por ordem do padre José Caruso, todos os fiéis que frequentassem a Paróquia da Candelária, mas morassem perto da nova paróquia, seriam transferidos para lá.

Na nova paróquia, *seu Francisco* fundou: Apostolado da Oração; Congregação Mariana e Filhas de Maria; e Liga Católica, cujo presidente foi Joaquim Pedro Filho.

Após tudo organizado, *seu Francisco* preferiu continuar trabalhando na Paróquia Nossa Senhora da Candelária (*Francisco Alves Sobrinho*).

Dona Paulina era da Ordem Terceira de São Francisco: chamava-se Irmã Benvinda

Dona Paulina veio com a família de Cafelândia, em 1945, e sua filha Cida tinha três meses. Em 1956, quando ambas entraram para a Ordem Terceira Franciscana, já estavam na igreja frei Egydio Carloto, padre José Caruso e frei Marinho.

Na década de 50, já havia na igreja os seguintes movimentos: Irmandade de Nossa Senhora da Candelária, Apostolado da Oração, Ordem Terceira Franciscana, Filhas de Maria (a maior de todas), Congregação



Liga da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, da Paróquia Nossa Senhora da Candelária, ano de 1956

Dominigas Paulina Grigoleto Neto

Mariana, Cruzada Eucarística e Liga Católica Jesus, Maria e José.

Dona Paulina lembrou também que, quando a procissão de Corpus Christi era em Santo André, a Ordem Terceira ia de caminhão até lá. Era muito difícil, para as mulheres, subir no caminhão por causa do hábito. Por onde o caminhão passava, todos olhavam, pensando se tratar de freiras. A outra filha de dona Paulina, Izabel, foi batizada e casou na Paróquia Nossa Senhora da Candelária.

Aparecida Antônia, dona Cida, fez a primeira comunhão, no ano de 1955, com padre Caruso e frei Egydio.

Gostava muito de ir, nos domingos à tarde, ao cineminha da igreja. Também ajudava nas quermesses, na Barraca do Café e no Café com Leite. Dona Cida lembra também que, com 13 ou 14 anos, junto das colegas, já pensava em *namoradinhos*, mas frei Marinho não queria que namorassem antes dos 18 anos. Se percebia alguma coisa, fazia ameaça de expulsá-las da Ordem Terceira.

Ele ficava escondido num canto da igreja e via as mocinhas conversando com os rapazes. Ao passar por ele, as moças recebiam chibatadas, que ele dava com o seu cordão de frade.

Isso no meio da quermesse e na frente dos rapazes.

Dona Cida casou-se na Paróquia Nossa Senhora da Candelária no ano de 1967. A cerimônia foi celebrada por padre Caruso. Sua filha Silmara Novembrini foi batizada e fez a primeira comunhão e a crisma com padre Caruso, bispo dom Jorge e monsenhor Henrique Zamperetti (*Domingas Paulina e Aparecida A.N. Novembrini*).

Antônio e Olga, ajudando na arrecadação de fundos para a construção da igreja

Antônio Pavan é um dos muitos, das várias famílias, que ajudaram na construção da igreja de Nossa Senhora da Candelária.

Ele fazia parte da Liga Católica da Matriz Sagrada Família.

Padre Ézio, que era o pároco da matriz, convidou todas as pessoas que estivessem dispostas a ajudar na construção da nova igreja.

Quem fazia parte da Liga Católica e morava nas proximidades do local da construção, se unia aos que já faziam parte da comissão de obras.

Antônio Pavan nos conta que

fizeram várias coisas para arrecadar fundos para a construção da igreja: rifas – objetos de uso doméstico, bonecas (que eram enfeitadas pelas mulheres), visitação com a imagem de Nossa Senhora da Candelária nas casas de família. Era rezado o terço e, posteriormente, os presentes davam a sua contribuição financeira. Cada dia a imagem visitava uma família. No final do mês, o dinheiro arrecadado era entregue ao padre Ézio. O nome das pessoas que doavam quantias para a construção do templo eram registrados no Livro de Ouro.

O sr. Antônio nos conta que a fundação da Liga Católica Jesus, Maria e José, na Igreja da Candelária, foi obra dos irmãos Venâncio Gonçalves e Luiz Gonçalves (*Antônio Pavan*).

Pequeno histórico da Congregação Mariana e Santo Antônio da Paróquia Nossa Senhora da Candelária – São Caetano do Sul

Eu, Atílio Moraes dos Santos, ao chegar aqui em São Caetano do Sul, vindo do interior, da cidade de Santo Antônio do Jardim, no mês de Junho de 1943, ingressei nas fileiras da Congregação Mariana, na Igreja Sagrada Família, como candidato a congregado.

No fim daquele ano, recebi a fita estreita de noviços juntamente com outros jovens.

Em Maio de 1944, todos nós nos tornamos congregados definitivos, recebendo a fita larga e o diploma em prêmio ao cumprimento de todas as regras e man-





Congregação Mariana e Santo Antônio da Paróquia Nossa Senhora da Candelária, no primeiro aniversário de fundação

tor de noviços, conselheiro etc.

Porém essa congregação durou todo esse tempo graças à proteção de nossa Mãe Santíssima e à colaboração e perseverança de todos os congregados que por ela passaram, com grandes méritos e aplausos.

Grandes realizações foram concretizadas, porém, não vamos enumerá-las todas, apenas duas, pois iríamos gastar algumas folhas de papel.

A nossa congregação possuía um grande coral musical misto, com 30 vozes, composto de congregados e filhas de Maria, dirigido pelo competente maestro Luciano Strufaldi. Nossa função era cantar nas santas missas e nos apresentar também em outras localidades quando convidados. Tínhamos também um grupo teatral que apresentava muitas peças em nossa paróquia e fora dela.

Não podemos deixar de fazer justiça e prestar nossas homenagens a alguns dos nossos irmãos congregados que já apresentaram suas almas ao reino do Senhor. São eles: Ignácio Borges, Albano Aggio, Valentim Bevidas, Hugo Tozzeto, Rivail Lopes, Joaquim Manoel de Souza, Rodolfo Zenidalxis, José Gomes da Silva e tantos outros que também trabalharam muito para a glória do Senhor e hoje, temos certeza, estão gozando da divina bondade do Senhor. Muitos outros, porém, para nossa alegria, ainda permanecem junto a nós neste mundo.

Queremos também não esquecer e agradecer a todos os senhores padres que passaram por esta paróquia, que nos deram toda a assistência espiritual, sempre tratando a todos os nossos congregados com muita

damentos exigidos pela congregação.

Lá permaneci até o dia seis de Setembro de 1949. No dia seguinte, ou seja, dia sete, eu, minha esposa e uma filhinha com três meses de idade nos mudamos para o perímetro desta igreja Nossa Senhora da Candelária, quando na época ainda era capela.

Nessa mesma época, existia aqui um agrupamento de congregados, chamado de Setor da Congregação Sagrada Família e dirigido e orientado pelo grande e competente congregado sr. Ignácio Borges.

Subordinado àquela congregação, esse setor realizava reuniões todas as quartas-feiras. No segundo domingo de cada mês, participávamos de reuniões na congregação central, na Igreja Sagrada Família, juntamente com os demais setores das respectivas capelas de São Caetano.

Ao chegar aqui, em 1949, fui nomeado secretário desse setor, cargo esse que exerci até 1953.

Com a chegada de dom Jorge Marcos de Oliveira como bispo da Diocese de Santo André, as capelas existentes aqui em São Caetano foram transformadas em paróquias.

Com essas transformações,

todas as novas paróquias eram obrigadas a fundar oficialmente suas Congregações Marianas.

Portanto, em reunião realizada entre os congregados existentes na época em nosso setor, foi escolhido o dia oito de Novembro de 1953 para a realização da eleição da primeira diretoria da Congregação Mariana Nossa Senhora da Candelária e Santo Antônio.

Após a realização dessa eleição, a primeira diretoria ficou composta da seguinte maneira: diretor espiritual - padre Martinho, depois Padre José Caruso; presidente - Atílio Moraes dos Santos; vice - Albano Aggio; primeiro secretário - José Domingos Bonifácio; segundo secretário - Orlando Acorinte; tesoureiro - Hermenegildo Toledo.

Após a composição da diretoria, foram escolhidos o instrutor de noviços e os conselheiros.

Essa congregação teve a honra e a alegria de sobreviver durante 40 anos, ou seja, de 1953 a 1993, e, pela graça de Deus e de nossa Mãe Maria Santíssima, eu pude servi-la, como humilde e simples congregado, em 12 oportunidades como presidente, e em diversas outras como secretário, instru-

atenção e carinho.

Portanto, além dos nossos agradecimentos, queremos também prestar nossas homenagens aos padres Martinho, José Caruso, Segundo, monsenhor Henrique, aos padres Egídio e David. Este, para nossa alegria, está entre nós há muitos anos, prestando grandes e relevantes serviços a nossa querida paróquia. Esperamos em Deus que essa permanência dure para sempre (Atílio Moraes dos Santos).

**Elza Balbino da Silva
Vitório, há 22 anos
trabalhando na
Irmandade Nossa
Senhora da Candelária**

Em 27 de Julho de 1980, demos nova vida à Irmandade de Nossa Senhora da Candelária, que estava morrendo por falta de membros. Muitas sócias foram deixando a Irmandade, por doença ou por outros problemas, deixando quase tudo acabar.

Foi então que fui convidada, pelo padre David, para presidir a irmandade. Fiquei muito assustada, pois nunca tinha sido dirigente. Após muita insistência, eu resolvi assumir, com muito medo, mas com fé e coragem.

Estou há 22 anos trabalhando na irmandade. No começo foi difícil, mas eu, com a ajuda de Nossa Senhora da Candelária e das minhas companheiras, fui em frente.

Atualmente são 24 sócias ativas. É muito bom dirigir as minhas colegas. Elas gostam de mim e eu delas. Nos reunimos



Elza Balbino da Silva Vitório e
Sebastião Vitório

no quarto domingo de cada mês para orações, conselhos, desabafos, bate-papos. Procuro dar muita atenção aos problemas de cada uma. Fazemos uma coleta mensal de dois reais por pessoa. Com esse dinheiro nós pagamos os gastos da Festa da Padroeira todos os anos. Temos também o Livro de Ata, onde relatamos todas as reuniões. O livro é datado de 27 de Dezembro de 1953 (Elza Balbino da Silva Vitorio).

Foi com inspiração de Nossa Senhora da Candelária que compus este hino:

**Hino Oficial da
Congregação de Nossa
Senhora da Candelária**

Senhora da Candelária
Nós te oferecemos
Essas flores tão lindas, com
tanto amor,
Prá mãe do Senhor, prá mãe
do Senhor

Viva Mãe Santíssima, viva
mãe do amor

Viva todas as Marias, viva a
Mãe do meu Senhor
(refrão)

Senhora da Candelária
Nós estamos aqui
De joelhos aos vossos pés
A paz viemos pedir, a paz
viemos pedir

Senhora da Candelária
Nós te agradecemos
Todas as bênçãos divinas que
recebemos
E a ti louvaremos e a ti lou-
varemos

Letra e música de Elza Bal-
bino da Silva Vitório presidente
da Irmandade de Nossa Senhora
da Candelária

**Irmã Maria Crescência
teve passagem brilhante
na comunidade**

A minha alma tem sede de
Deus, pelo Deus vivo anseia
com ardor (Salmo 41)

Irmã Maria Crescência
Moras, nascida na Itália, na ci-
dade de São Quirino (Porde-
nome), era filha de Giovanni
Moras e de Elisa Moras
Romanin.

Ingressou na vida religiosa,
na Família das Irmãs da
Providência, em Agosto de
1937. Entregou-se totalmente a
Deus, pela profissão perpétua,
no dia 16 de Outubro de 1949.
Neste ano de 2003, celebraria
os seus 60 anos de vida religio-
sa.

Trabalhou alguns anos como
enfermeira nos hospitais da
Itália e, em Agosto de 1954, foi

enviada ao Brasil como missionária. Também aqui, como enfermeira, desenvolveu sua missão nos vários hospitais confiados aos cuidados das Irmãs da Providência: Hospital Frei Galvão, em Guaratinguetá; Leão XIII, em São Paulo; Beneficência Portuguesa, em São Caetano do Sul; Santa Casa de Misericórdia, em Tietê; Lar São Vicente de Paulo, em Tatuí. Animada por grande zelo missionário, fez de sua vida uma contínua doação.

A nossa caríssima irmã tinha o gosto de alegrar os doentes com o canto, confortando-os no sofrimento, ajudando-os a compreender, na fé, os momentos difíceis da enfermidade.

Acompanhava com muita solicitude os doentes que, por motivos vários, eram transferidos para outros hospitais. Não os deixava até que estivesse certa de que seriam bem assistidos.

Com muito amor preparava os doentes, especialmente os terminais, para receberem os sacramentos, a fim de que, com serenidade, pudessem realizar o encontro com o pai do amor e da misericórdia. Na hora da morte confortava todos com palavras de fé e de esperança cristã, rezava, sustentava... Quando acontecia alguma morte inesperada, causada por acidente, a presença de irmã Crescência era indispensável: suavizava a dor e acompanhava os familiares nos momentos difíceis que atravessavam. Depois, visitava os parentes dos mortos, levando conforto aos lares.

Estava sempre disponível para atender quem tivesse necessidade de atenção e apoio no seu serviço de enfermagem e, se algum médico não estivesse pronto para atender algum paciente,

sabiamente o repreendia.

Recordava, na sua caminhada, a mensagem que o pároco de sua cidade lhe havia deixado antes de partir para o Brasil, fazendo da mesma o programa de sua vida missionária: *Tritura-te no sacrifício de Cristo*. Assim ela viveu a sua doação, com alegria e generosidade.

Amava o canto. Cantava porque gostava de deixar as pessoas felizes. Dizia sempre que a caridade não era feita somente dando um prato de comida para saciar a fome, mas também comunicando alegria às pessoas, dando-lhes novo estímulo para viver. E isso dizia sobretudo quando trabalhava com os anciãos.

Na vida de comunidade procurou ser sempre disponível, caritativa, pronta para ajudar, para alegrar. Foi sempre fiel à oração pessoal e à comunitária.

Que a nossa querida irmã Crescência interceda por nós, a fim de que possamos ser fiéis a Deus e à missão que ele nos confiou: a de servir nossos irmãos, principalmente os mais pobres.

Que do céu vele também por todos os seus caros familiares que amou e os quais, distantes, com saudades dela se recordam. E também vele por todos quantos, com afeto e reconhecimento, jamais a esquecerão.

Escolástica Lectícia Buznardi Capovilla, 40 anos na paróquia

Escolástica Lectícia Buznardi Capovilla nasceu em Jaboticabal, no dia 20 de Julho de 1908. Foi casada com Luiz Cláudio Capovilla Filho, antigo escrivão de polícia em São Caetano do Sul.



Bodas de Ouro de Lectícia B. Capovilla e Luiz Cláudio Capovilla Filho. Ano de 1978

O casal teve sete filhas: Célia, Flora, Neide, Terezinha e Letícia (duas não sobreviveram).

Dona Letícia, como todos a conhecem, casou-se em 1928 na cidade de São João de Ariranha, São Paulo.

A família chegou a São Caetano em 1959 e passou a frequentar a Matriz Sagrada Família. Em 1963, mudou-se para a Rua Castro Alves e passou a frequentar a Paróquia Nossa Senhora da Candelária. Na época, o pároco era frei Egidio Carlotto.

Em oito de Fevereiro de 1978, o casal comemorou as Bodas de Ouro na Paróquia Nossa Senhora da Candelária. Faz 40 anos que a família reside em São Caetano do Sul (*Lectícia Buznardi Capovilla*).

Carmelita da Silva – Catequista da Paróquia Nossa Senhora da Candelária

- És cristão?
- Sim, sou cristão pela graça de Deus.

Até hoje quando passo pela Igreja de Nossa Senhora da Candelária, essa pergunta e essa resposta ressoam em meus ouvidos e atingem as profundezas de minha alma.

Trata-se da lição preliminar do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, adotado em 1958 pela catequista da Igreja da Candelária, Carmelita da Silva (1917–1996), nas aulas preparatórias para o sacramento da Eucaristia, que seria recebido através da primeira comunhão.

Éramos mais ou menos dez ou 20 meninos que, durante quase o ano todo, recebíamos lições de catecismo de dona Carmelita, ministradas no antigo salão paroquial. Lá também funcionava o *cineminha*, com sessões gratuitas nas tarde de domingo para as crianças que haviam participado da missa.

Dona Carmelita da Silva era membro da congregação *Filhas de Maria e*, com inesgotável paciência e severidade, nos mostrava o caminho para os mistérios da fé cristã.

Agora, 45 anos depois daquelas aulas de catecismo, descobrimos que dona Carmelita utilizava a 13ª edição do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*. Uma comissão especial encabeçada por dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, bispo de Petrópolis, lançou o livro em 21 de Agosto de 1957.

Na preparação da nossa primeira comunhão, dona Carmelita era rigorosa. Explicava detalhadamente os efeitos do sacramento da Eucaristia sobre nós: conservar e aumentar a vida da alma; apagar os pecados veniais e preservar dos mortais; unir-se a Jesus



Cristo e fazer-nos viver de sua vida.

Dona Carmelita também não se esquecia das disposições necessárias para bem comungar: estado de graça; jejum desde a meia noite até o momento da comunhão; saber o que se vai receber e apresentar-se à comunhão com fé e devoção.

A igreja católica, no final dos anos 50, já se preparava para as grandes transformações do Conselho Ecumênico de 1962, promovido pelo Papa João XXIII, sacerdote que trouxe a Igreja Católica Romana para o século XX. Aos 77 anos, Ângelo Giuseppe Roncalli se convenceria de que a Igreja andava muito afastada do mundo moderno e precisava de reformas.

A geração que aprendeu o catecismo com dona Carmelita cresceu e partiu para a vida, trilhando os mais variados caminhos. Mas aquela pergunta do catecismo contudo, acompanha, com certeza, todos aqueles meninos:

- És cristão?
- Sim, sou cristão pela graça de Deus (e graças à senhora

também, dona Carmelita) (José Roberto Gianello)

Poesia em comemoração ao Jubileu de Ouro da Paróquia Nossa Senhora da Candelária

João Miguel dos SANTOS

“Paz e Bênção a Igreja implora,
Mãe benfazeja envolvente de Luz,
Cinquentenária Paróquia Na. Sra.
Sois candelária, brilho é Jesus!...

Do alto da torre o sino convida
À missa diária, a uva e o trigo,
Padres e leigos, ensino de vida
Sois Candelária, o povo é amigo!...

Meio século Amém! 50 Conquistas!
Viver o Evangelho desde criança,
Novo ou Velho somos Catequistas.

Acender a Fé, além da Esperança!...
Aqui se ora, Luz Cinquentenária:
Paróquia de Na. Sra. Candelária!...

Bibliografia

Livro de Tombo I da Paróquia Sagrada Família;

Livro de Tombo I da Paróquia Nossa Senhora da Candelária;

Carta do padre Ézio Gislimberti, enviada ao padre David Vantropa quando este assumiu a paróquia;

Livro Migração e Urbanização, Ademir Médice, Editora Hucitec;

Revistas Raízes, editada pela Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul;

Praticidades, jornal Diário do Grande ABC, 22 de Outubro de 1999;

Entrevistas com os moradores mais antigos do bairro.

(*) Neusa Maria Persona Bueno, pedagoga e catequista da Paróquia Nossa Senhora da Candelária



**Memória
Fotográfica da
Paróquia N. Sra.
da Candelária**

1, 2 e 3 – Igreja Nossa Senhora da Candelária. Década de 50



Fotos: Neusa Maria Persona Bueno



4 – Igreja Nossa Senhora da Candelária,
final da década de 70



Padre Carillo Dall'Agnese



**Memória
Fotográfica da
Paróquia N. Sra.
da Candelária**



1

Neusa Maria Persona Bueno

1 – Igreja Nossa Senhora da Candelária.
Ano 2000



2

José Visachi

2 – Igreja Nossa Senhora da Candelária.
Casamento de José Visachi e Vladimira
I.C.Visachi. Padre Carlos Folbrini celebrou
o matrimônio em 26 de Maio de 1957

3

D. Jorge Massao de Oliveira
PARÓQUIA DE SÃO JOÃO

Este é o sumário do livro de habilitação matrimonial do casal José Visachi e Vladimira I. C. Visachi, celebrado em 26 de Maio de 1957.

DECLARACIONES:

DECLARACIONES:

DECLARACIONES:

DECLARACIONES:

3 e 4 – Sumário de
habilitação matrimonial de
José Visachi e Vladimira I.
C. Visachi

4

FORMULARIO DE HABILITACION MATRIMONIAL DE:

DECLARACIONES:

DECLARACIONES:

DECLARACIONES:

DECLARACIONES:

Livro de Registro de Casamento



**Memória
Fotográfica da
Paróquia N. Sra.
da Candelária**

1 – Primeira Eucaristia realizada na Igreja Nossa Senhora da Candelária. Frei Egydio celebrou o acontecimento



Neusa Maria Persona Bueno

2 – Altar de Nossa Senhora da Candelária, ano 2000



Neusa Maria Persona Bueno

3 – Coroação de Nossa Senhora, mês de Maio, década de 80



4 – Coroação de Nossa Senhora, mês de Maio, década de 90



Fotos: Paróquia Nossa Senhora da Candelária



**Memória
Fotográfica da
Paróquia N. Sra.
da Candelária**



Maria Gomes Strufaldi

1 – Coral da Igreja Nossa Senhora da Candelária. Maestro Luciano Strufaldi. Início da década de 50



Adelina Aggio Pozzani

2 – O coral da Igreja Nossa Senhora da Candelária, de 1950 a 1970, era composto por 30 vozes



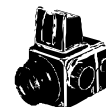
Maria Gomes Strufaldi

3 – Bandinha da Paróquia Nossa Senhora da Candelária, entre as décadas de 50 e 70. Maestro Luciano Strufaldi



Paróquia Nossa Senhora da Candelária

4 – Grupo de canto da Igreja Nossa Senhora da Candelária. Década de 80



**Memória
Fotográfica da
Paróquia N. Sra.
da Candelária**



1 – Apostolado da Oração. Ao fundo, a antiga Casa Paroquial. Década de 60

Paróquia Nossa Senhora da Candelária



2 – Interior do antigo Salão Paroquial. Marianinhos, membros mirins da Congregação Mariana. Ano de 1964

Paróquia Nossa Senhora da Candelária



3 – Pátio interno da Igreja Nossa Senhora da Candelária. Turma da Primeira Eucaristia. Ano de 1967

Paróquia Nossa Senhora da Candelária



4 – Cópia do registro de casamento do sr. Maurício Soares de Almeida, prefeito de São Bernardo do Campo, em 23 de Setembro de 1966

Paróquia Nossa Senhora da Candelária



**Memória
Fotográfica da
Paróquia N. Sra.
da Candelária**

Francisco de Aguiar



1 – Congregação Mariana. O segundo, da direita para a esquerda, agachado, é o senhor Roberto Manso, que foi dirigente dos corais da Igreja Matriz Sagrada Família e da Fundação das Artes

Rubens Sanches



2 – Congregação Mariana. Ano de 1979

Durval João Azzi



3 – Grupo de Teatro da Paróquia Nossa Senhora da Candelária. Ano de 1969

Rubens Sanches



4 – O cargo de primeiro ministro da Eucaristia da Paróquia Nossa Senhora da Candelária foi dado ao senhor Rubens Sanches



**1 – Igreja Nossa Senhora da Candelária,
interior da igreja. Ano 2000**



Paróquia Nossa Senhora da Candelária

**2 – Bodas de Ouro de Tereza e José
Benedetti, ocasião em que se reuniram os
nove filhos do casal, além de alguns
parentes**



Maria Luiza Benedetti

**3 – No dia 23 de Novembro de 1962 foi
realizada, na Paróquia Nossa Senhora da
Candelária, uma missa em homenagem às
Bodas de Ouro do casamento de Primo
Gianello e Maria Zelma Giudetti Gianello.
No alto, da esquerda para a direita, em pé:
José Augusto de Oliveira, Bertina Gianello
de Oliveira, Odair Fábio, Basília Gianello
Fábio, João Fábio, José Luiz Gianello,
Osmar Gianello, Luiz Carlos Gianello, José
Roberto Gianello, Devanir Fábio. No centro:
Belmiro Gianello, Zenarte de Souza
Gianello, Laurentina de Souza Gianello,
Bruno Gianello, Maria Izabel Gianello, Dirce
Gianello, José Ari Marques, Helena
Gianello Marques, Sueli Fábio, Ari
Marques, Maria Helena Marques, Isaura
Fábio Gianello, Neusa Gianello, Benício
Gianello, Maria Estela Tosetto Gianello,
Antônio Gianello, Nair Gianello Baldin, Luiz
Geraldo Baldin (no colo) e João Baldin.
Sentados: Maria Emília Gianello, Antônio
Aparecido Gianello, José Carlos Gianello,
Lourdes Aparecida Marques, Valter
Gianello, Mauro Marques, Ana Maria
Baldin, Primo Gianello (nono), Zelma
Guidette Gianello (nona), Felício Giudette
(tio), Natalino Gianello, Antônio Carlos
Marques**



Família Gianello

**4 – Casamento realizado pelo padre Ézio
Gislumberti, em cinco de Março de 1959. Da
esquerda para a direita: Ricardo Gomes,
Maria Anunciata Gubert Gomes, Elisa
Gubert de Alvarenga (irmãs) e José Basílio
de Alvarenga**



Maria Gomes



**Memória
Fotográfica da
Paróquia N. Sra.
da Candelária**

Mensagens de Fé



Salve  Maria

1993 - 6 de Novembro - 1954

Lembrança do primeiro Aniversário
de fundação da
Congregação Mariana na
Paróquia de
Nossa Senhora da Candelária.

Per Maria, em Maria, com Maria
hoje e sempre

A DIRETORIA

São Caetano do Sul,
14 Novembro de 1954



SALVE MARIA!

*Em todas as perigos, em
todas as dificuldades e em
todas as doenças confie na
proteção, no amparo da Virgem
Santa.*

*Lembrança do mês de Maio
do Ano Santo Mariano de
1994*

Matriz da Candelária (S. Caetano)



Senhor, bom é nós estar-
mos aqui.

OO

S. Mateus XVII, 4-5

OO

Farejá minha alma a eter-
na morada de Jesus Eucaristia.
Bem Contardo Ferrini

OO

PASCÓIA 1961
Paróquia N. S. da Candelária



LEMBRANÇA

DO 4o ANIVERSÁRIO
DA
FUNDAÇÃO
DO
APOSTOLADO
DA ORAÇÃO DA

PARÓQUIA DE N. S. DA CANDELÁRIA



São Caetano do Sul
11-11-1957



VIVA O SAGRADO
CORAÇÃO DE JESUS



Salve Maria!

*Ter Jesus bem dentro do
coração e senti-lo por toda a
parte pela atitude sempre edifi-
cante, pela palavra apostóli-
ca, pelo exemplo que domina
e convence, é brilhante expressão
dos mistérios de Maria.*

LEMBRANÇA DO MÊS DE MAIO - 1991

- Matriz da Candelária -

São Caetano do Sul

Fotos: José Roberto Gianello e Dirce Gianello



**Memória
Fotográfica da
Paróquia N. Sra.
da Candelária**

Mensagens de Fé



Tenho desejado ardentemente comer carne nesta Páscoa.
(Slm-Lucas: Cap. 22) Vol. 15)

LEMBRANÇA DA
MINHA
COMUNHÃO PASCOAL
DE 1958

Matriz de N. S. da Candelária



Com lembrança desta
— Páscoa —
quando esta criança
— dedicou a sua vida
para Deus imitando com
contentamento sua vida e com a
Comunhão frequentada e fervorosa.

Matriz N. S. da Candelária
Páscoa de 1959



ORAÇÃO

Nossa Senhora da Candelária, Mãe de Deus e doceíssima esperança dos pecadores, serviu-se da feliz beatidão da Anjoressa virgem deste mundo e realizou-se no porto seguro da salvação, como nos dignastes levar ao templo de Jerusalém como Divino Filho e nome sendo Redentor. Concedei-nos Virgem Santíssima, a luz e vivificação de vossa pureza e o fogo de vossa ternura amor, para que, livres da regredida do pecado e do erro, possamos estar ao olhar a claridade infinita do céu, e, investigados os prêmios de todas as virtudes, alcançarmos ardentemente a glória do amor de Nosso Senhor Jesus Cristo. Amem.

Nossa Senhora da Candelária
Regi por nós
(Com aprovação eclesial)

Paróquia de Nossa Sra. da Candelária
São Carlos de São



"E eu de mi bõ vontade
darei o que é meu e se
darei o não mesmo pelas
vossas almas." II Cor. 12, 15

Jesus pelo meu Sacrifício
conceda a quem esta
gratidão e amor,
e abundância das suas bênçãos
e a plenitude do seu amor

O seu-Sacerdote
P. Frei Odorino Maria Paulista
O. S. M. Corr.

Ordem de Serviço: Primeira Missa Solene
Matriz de Nossa Sra. da Candelária
São Carlos de São
17-5 — 1959 — 24-5
J. M. 1958 1970



«Quem comer a minha carne
e beber o meu sangue, vi-
verá eternamente.»
(Slm-João 6 V. 54)

PASCOA DE 1960

Paróquia N. S. da Candelária

Presença dos monges beneditinos no Grande ABC entre os séculos XVII e XIX

Cristina Toledo de CARVALHO (*)



A santa regra que deu origem aos fundamentos da Ordem de São Bento foi publicada por este patriarca no ano 529. A partir do

Monte Cassino, local que se transformou no centro das pregações daquele patriarca, os princípios beneditinos disseminaram-se, ao longo dos séculos, pelo mundo ocidental.

No Brasil, o estabelecimento dos religiosos de São Bento verificou-se em 1581. A Congregação Beneditina de Portugal^[1], atenta aos sucessivos pedidos dos habitantes da Bahia e consciente de sua função missionária, tratou de enviar no dito ano a Salvador o primeiro grupo de monges. Sob o comando do padre Antônio Ventura do Laterão, estes religiosos deram início a um árduo trabalho na região, coroado muitas vezes pelas doações de terra e por tantos outros donativos provenientes dos fiéis. Não foi à toa, portanto, que o mosteiro construído em Salvador foi elevado, já no ano de 1584, à categoria de abadia. A este mosteiro sucederam-se outros pelas diversas capitâneas brasileiras. Segundo dom Joaquim G. de Luna, *a fama da boa observância dos monges*^[2] fez com que Olinda e Rio de Janeiro disputassem *a primazia de ter dentro de seus muros os filhos de São Bento*.^[3] Estabeleceram-se, assim, na capital da Capitania de Pernambuco, em 1590 ou 1592, e no Rio de Janeiro em 1586, provavelmente. Em 1596, um outro grupo beneditino foi enviado à Paraíba



São Bento, patriarca dos Monges do Ocidente (tela antiga existente na sacristia do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro)

Livro Os Monges Beneditinos no Brasil de Dom Joaquim G. de Luna

do Norte, e em 1598 a São Paulo.

ATIVIDADES – Inúmeras foram as atividades desenvolvidas pelos monges beneditinos nos mosteiros

espalhados pelo território brasileiro. Convém, contudo, classificá-las em internas e externas. As primeiras diziam respeito às obrigações da vida monástica, tais como o estudo da Sagrada Escritura, as meditações, os exercícios de austeridade e mortificações, enfim, tudo o que se referia às observâncias inerentes à vida contemplativa. Por outro lado, entre as atividades externas estavam as obrigações concernentes ao apostolado, tais como a cura de almas, a vida paroquial, a educação da juventude e a catequese de índios.

Cumprе, ainda, ressaltar que figuravam também entre as chamadas atividades externas todos os esforços empreendidos pelos religiosos da Ordem de São Bento em prol da aquisição de um patrimônio próprio, capaz de assegurar-lhes a autonomia econômica de que tanto necessitavam para caminhar com as próprias pernas na colônia. Tais esforços, traduzidos pelas atividades de cunho econômico que os monges comandavam nas suas inúmeras fazendas, tornam-se justificáveis diante das sujeições impostas à



Mosteiro de São Bento, em São Paulo, demolido em 1910, em gravura do pintor beneditino irmão Paulo Lachenmayer

Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento

Igreja Católica pelo Padroado. Este instituto, originário das concessões feitas pela Santa Sé aos monarcas portugueses, no século XVI, submeteu a Igreja do império lusitano ao poder real. Desta forma, tal poder passou a intervir, de um modo geral, nas questões eclesiásticas. Sendo assim, vale salientar que uma das conseqüências mais perversas de tal intervenção foi a dependência econômica da Igreja em relação ao aparelho estatal, visto que o clero era pago pela Fazenda real.

Estas considerações explicam, portanto, o porquê de a Ordem de São Bento ter possuído inúmeras fazendas pelo Brasil-Colônia, nas quais comandou empreendimentos de natureza diversa. Para não prolongar demasiadamente o assunto, mencionaremos apenas duas fazendas que pertenceram à comunidade beneditina de São Paulo e que se desenvolveram em parte das áreas hoje pertencentes ao ABC paulista.

FAZENDAS – Segundo Wanderley dos Santos, os religiosos da Ordem de São Bento podem ser considerados os fundadores do atual Município de São Bernardo do Campo. No dia 24 de Abril de 1637 foram doadas aos monges beneditinos as terras localizadas na Borda do Campo, herdadas, no passado, por Miguel Aires Maldonado do sogro, Amador de Medeiros, outrora ouvidor da Capitania de São Vicente. Sobre tais terras, conhecidas na época como *Tamandati*^[4], de acordo com informações contidas no título de doação, fundaram aqueles monges uma fazenda e uma capela de invocação a São Bernardo, nome pelo qual ficaram sendo conhecidas as terras beneditinas da Borda do Campo.

O autor mencionado acima fez ainda outras revelações interessantes. Segundo ele, a Fazenda de São Bernardo, no ano de 1730, apresen-



Livre Os Monges Beneditinos no Brasil de Dom Joaquim G. de Luna

Vista parcial do interior da Basílica de São Bento, São Paulo

tava grande pomar com 250 laranjeiras e mais de 900 pés de marmelos. Preciosas foram também as considerações feitas pelo abade frei Antônio do Pilar, que se referindo às fazendas do Mosteiro de São Bento, em 1764, assim se pronunciou quanto à de São Bernardo: *Foi esta fazenda legada por um devoto para todos os anos se lhe fizerem cinqüenta missas e terá meia légua em quadra pouco mais ou menos; nela se acham vinte cabeças de gado vacuum entre grandes e pequenas, e dela resulta ao Mosteiro, alguma farinha, milho, feijão e algu-*



Irmã Gertrudes Marker, O.S.B.

Contracapa do Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento

mas madeiras para as obras.^[5]

Documentos comprovam que, além dos recursos descritos acima, possuía, ainda, a Fazenda de São Bernardo, uma olaria. Todavia, as informações a este respeito, bem como as relativas a outros aspectos desta fazenda, não serão abordadas no presente artigo, o que, obviamente, não descarta a possibilidade de serem retratadas numa outra oportunidade.

Sendo assim, cabe destacar, mesmo que brevemente, as principais informações atinentes a uma outra fazenda beneditina que também se desenvolveu em parte das áreas que hoje compõem o ABC paulista.

Por 246 anos, uma parcela do Município de São Caetano do Sul serviu também de palco para os empreendimentos dos monges da Ordem de São Bento. As terras sobre as quais estes monges formaram uma fazenda ficaram conhecidas como *Tijucuçu*^[6], durante boa parte da dominação portuguesa no Brasil. Tal fazenda, que entre os anos de 1631 e 1877 integrou o patrimônio da comunidade beneditina de São Paulo, formou-se a partir de duas doações.

A capela edificada em louvor a São Caetano entre 1717 e 1720 fez com que o nome do dito santo designasse a fazenda beneditina do Tijucuçu, que gradativamente foi adquirindo uma feição própria. Contribuíram para isso os esforços dos religiosos no sentido de conceder vida a uma região pobre economicamente. Tais esforços culminaram, assim, em diversos empreendimentos. Dentre estes, merece destaque especial a construção, em 1730, de uma olaria que, com o passar dos anos, tornou-se não só a principal atividade econômica da fazenda de São Caetano como também a segunda maior fonte de renda dos beneditinos de São Paulo, conforme os dados descritos num relatório acerca da receita do Mosteiro. A produção

de telhas e tijolos foi acompanhada de perto por outras atividades, como as agrícolas, que também compuseram, embora de maneira complementar, o quadro econômico da fazenda ora analisada.

Estes empreendimentos, ao terem se expandido significativamente, passaram a atrair mão-de-obra escrava para o interior da fazenda e também a exigir medidas destinadas a viabilizar a administração dos recursos obtidos a partir de tais empreendimentos.

Desta forma, as necessidades inerentes às atividades desenvolvidas na fazenda de São Caetano acabaram por conceder-lhe um dinamismo nas esferas social e econômica, dinamismo este que se contrastava com o marasmo em que se encontrava o Tijuçu no período anterior ao da chegada dos religiosos da Ordem de São Bento.

Pelas razões expostas, estes religiosos, em virtude da resistência que opuseram ao Padroado por meio das atividades que foram absorvidas por suas incontáveis fazendas, acabaram criando condições para o desenvolvimento de certas regiões que estavam à margem das estruturas coloniais. As fazendas de São Bernardo e de São Caetano constituíram a prova disso, além, é

claro, de terem sido, por mais de 200 anos, o palco no qual os beneditinos atuaram como verdadeiros personagens históricos, por conta das preciosas iniciativas que legaram aos agentes que os sucederam nas citadas regiões.

FONTES

- CARVALHO, Cristina Toledo de. A Vida Econômica no Tijuçu: Do Ostracismo ao Dinamismo in Raízes, n°26, P.M.S.C.S. (Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul), Dezembro/2002.
- SOUZA, Ney de. Um Panorama da Igreja Católica no Brasil (1707 – 1808) in Revista de Cultura Teológica, n°39, Abril/Junho – 2002.

NOTAS

- [1] De 1581 a 1827, os Mosteiros da Ordem de São Bento presentes no Brasil mantiveram-se subordinados à Congregação Beneditina de Portugal.
- [2] LUNA, Dom Joaquim G. de, OSB. Os Monges Beneditinos no Brasil. p.18.
- [3] Ibidem. p.18.
- [4] Tamandatii era o nome do ribeirão que se localizava nas proximidades da fazenda de São Bernardo. Posteriormente, este ribeirão passou a ser chamado dos Couros, e atualmente é conhecido como ribeirão dos Meninos.
- [5] TAUNAY, Afonso de E. História Antiga da Abbadia de São Paulo (1598 – 1772) apud SANTOS, Wanderley dos. Antecedentes Históricos do ABC Paulista (1550 – 1892). p.53.
- [6] Tijuçu é uma palavra proveniente da língua tupi que significa grande lamaçal,

barreiro grande, charco, atoleiro. Para maiores informações sobre a região do Tijuçu e, conseqüentemente, sobre a Fazenda de São Caetano, consultar: CARVALHO, Cristina Toledo de. A Vida Econômica no Tijuçu: Do Ostracismo ao Dinamismo in Raízes, n°26, Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, Dezembro/2002.

BIBLIOGRAFIA

- HOORNAERT, Eduardo. (coord.). História da Igreja no Brasil. Tomo II/1. 4 ed. Petrópolis: Vozes, s.d.
- HOORNAERT, Eduardo. A Igreja no Brasil-Colônia (1550 – 1800). 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LUNA, Dom Joaquim G. de, OSB. Os Monges Beneditinos no Brasil. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1947.
- MARTINS, José de Souza. São Caetano do Sul em IV Séculos de História. São Paulo: Saraiva, 1957.
- _____. A Escravidão em São Caetano (1598 – 1871). São Caetano do Sul: Co-edição Associação Cultural Recreativa e Esportiva Luís Gama, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de São Caetano do Sul, CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1998.
- SANTOS, Wanderley dos. Antecedentes Históricos do ABC Paulista (1550 – 1892). São Bernardo do Campo: Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1992.
- TAUNAY, Afonso de E. História Antiga da Abbadia de São Paulo (1598 – 1772). 1 ed. São Paulo: Typographia Ideal, 1927.

(*) Cristina Toledo de Carvalho, graduada em História pela Universidade do Grande ABC

São Bento servia-se do Sinal da Cruz para fazer milagres e vencer as tentações. Daí veio o costume, muito antigo, de representá-lo com uma cruz na mão.

Através dos séculos, foram cunhadas medalhas de São Bento de várias formas. Desde o século XVII, começaram-se a cunhar medalhas, tendo de um lado a imagem do Santo com um cálice do qual sai uma serpente e um corvo com um pedaço de pão no bico, lembrando as duas tentativas de envenenamento, das quais São Bento saiu, milagrosamente, ileso. O outro lado da medalha apresenta uma cruz e entre os



seus braços estão gravadas as iniciais C S P B; em latim: Crux Sancti Patris Benedicti: Cruz do Santo Pai Bento.

Na haste vertical da cruz lêem-se as

iniciais: C S D M L: Crux Sacra Sit Mihi Lux; A Cruz Santa seja minha Luz; na haste horizontal: N D S M D: Non Draco Sit Mihi Dux: Não seja o dragão o meu guia; no alto da cruz está gravada a palavra PAX, Paz, que é lema da Ordem de São Bento. Às vezes, PAX é substituída pelo monograma de Cristo: I H S: A partir da direita de PAX estão as iniciais: V R S N S M V: Vade Retro Satana Numquam Suade Mihi Vana: Retira-te, Satanás, nunca me aconselhes coisas vãs e SMQLI

VB: Sunt Mala Quae Libas Ipse Venena Bibas: É mau o que ofereces, bebe tu mesmo os teus venenos!



Vista panorâmica de Paranapiacaba, centro dos trabalhos da São Paulo Railway, na Serra do Mar, entre 1867 e 1946

Fundação Pró-Memória

Da São Paulo Railway à MRS Logística S/A: 136 anos de Estrada de Ferro no ABC

José Roberto GIANELLO (*)

Desde 16 de Fevereiro de 1867, os trilhos da estrada de ferro ligando Santos a Jundiaí cortam a região do ABC. Passaram-se 136 anos de história, dividida em várias fases, de acordo com o contexto socioeconômico do país e em razão de ingerências políticas dos mais variados níveis e interesses. Os fatos que enriquecem a história dessa estrada de ferro seriam suficientes para uma grande obra literária, abrangendo todos os aspectos que envolvem uma empresa de transporte desse tipo, a começar pelos ingleses, construtores e administradores da estrada até 1946, ano da encampação pelo governo federal, quando o último superintendente da São Paulo Railway, Alexander M. Wellington, após 20 anos no cargo, despediu-se com estas palavras: *Sinto-me feliz de ter desempenhado, como superintendente de uma estrada de ferro inglesa, neste país, um elemento de leal e sincera cooperação com seus homens e suas coisas, no sentido do bem geral, circunstância essa que, em sã*

consciência, de certo modo me suaviza e atenua a tristeza de interromper uma tarefa com a qual identifiquei uma vida.

Até hoje os antigos ferroviários desta estrada, e também seus descendentes, repetem a lenda de que o indômito espírito de Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, ainda sobrepara à ferrovia, cuja construção lhe é atribuída, embora sua participação efetiva tenha ocorrido apenas em 1855. Mesmo sendo o autêntico propulsor da construção da ferrovia, Mauá foi afastado pelos capitalis-

tas britânicos e, mesmo julgado pelos juízes ingleses como vencedor moral da contenda, não reconheceram seu crédito.

O traçado da estrada de ferro dos ingleses previa três planos diferentes de trabalho: a Baixada de Cubatão, a Serra do Mar e os planos inclinados. O antigo e extenso aterro produzido pela passagem dos tropeiros facilitou sobremaneira o traçado na Baixada de Cubatão. O grande e misterioso obstáculo estava na Serra do Mar e na técnica a ser utilizada para transpor esse imenso paredão por ela representa-



Atual estação ferroviária de São Caetano do Sul, inaugurada em 1973 pela Rede Ferroviária Federal. Ano de 1973

Fundação Pró-Memória



Locomotiva da MRS Logística, pintado em azul e amarelo, adotado pela empresa em 1996

do de uma forma racional e equilibrada. A aderência direta não seria possível sem o desdobramento de 40 quilômetros, e impunha-se ainda vencer 800 metros de desnível na curta distância de oito quilômetros. Além disso, seriam necessários inúmeros operários especializados. A sugestão aceita para o grande desafio foi a adoção de planos inclinados para vencer os declives fortes. Cada um deles seria acionado por máquina fixa, comportando 60 toneladas como carga máxima em uma extremidade e 30 toneladas em outra. O trabalho diário foi calculado em 2500 toneladas para cima e 1000 toneladas no sentido do mar. O trecho da serra foi dividido em cinco seções de 2000 metros, com rampas máximas de 8%. Túneis de 1350 metros de extensão perfuraram a encosta. Grutas de 43 metros foram transpostas por vigas de 190 metros. Somente para cuidar das máquinas e da linha foram destacados 1400 homens, correspondendo a 140 por quilômetro.

Todo este período, de 1867 a 1945, já foi registrado e documentado em várias obras acadêmicas e teses universitárias.

Em 1945, a administração dos ingleses chegava ao fim. No decorrer de 1946, o governo federal, invocando a cláusula do contrato que previa a encampação, tomou conta da empresa. Em 13 de Agosto de

1946, pelo Decreto 9869, a *The São Paulo Railway Company* passou a se denominar *Estrada de Ferro Santos-Jundiaí*. Esta data pode ser considerada como sendo o marco inicial da total transformação da ferrovia tendo em vista a sua adaptação a padrões mais modernos, aptos a torná-la mais útil ao progresso e ao desenvolvimento econômico do Brasil.

Como medidas modernas, adotadas da encampação da ferrovia, foram tomadas as seguintes decisões:

- Projetou-se e construiu-se o oleoduto;
- Foram iniciados os trabalhos de eletrificação entre Jundiaí e Paranapiacaba;
- Foram operadas grandes transformações no sistema de sinalização da estrada;

- Foram adotadas locomotivas diesel-elétricas substituindo o uso do carvão;

- Foi construída uma terceira linha entre a Lapa e Santo André;

- O teletipo substituiu o telégrafo.

Enfim, era uma nova fase na história da ferrovia. A conquista mais importante na época da encampação foi, sem dúvida, a eletrificação, responsável inclusive pela solução do problema do combustível. Iniciando-se no trecho correspondente a São Paulo-Jundiaí / São Paulo-Santo André, prosseguiu até o Alto da Serra, abrangendo os pátios de manobras e desvios.

A Estrada de Ferro Santos-Jundiaí seguiu com esta denominação até 1957, quando foi absorvida pela Rede Ferroviária Federal, criada com o objetivo de racionalizar a administração e o desenvolvimento das estradas de ferro sob controle da União. A partir daí a Estrada de Ferro Santos-Jundiaí passou a ser conhecida como SR-4-São Paulo, ou superintendência regional como a 9ª Divisão Santos-Jundiaí que prevaleceu até os anos 90, marcando o início da desestatização operacional com o surgimento da pré-fusão das SRs com empresas privadas.

Na região do ABC, a fusão, a estatização e a estadualização das ferrovias provocou o surgimento da CBTU, depois CPTM, para o



Trem de subúrbio da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) trafegando em São Caetano próximo à divisa com Santo André. Ano de 1997

Foto de José Hilário

transporte de passageiros (o popular *Subúrbio*), enquanto que o transporte de carga a partir de 1996 ficou a cargo da MRS Logística, empresa privada que assumiu várias linhas ferroviárias na região sudeste.

A MRS Logística iniciou suas operações, em primeiro de Dezembro de 1996, como a nova operadora privada de transportes ferroviários de cargas da chamada Malha Sudeste da Rede Ferroviária

Federal, então em processo de desestatização pelo Governo Federal.

O Edital de Privatização foi publicado em Julho de 1996 pelo gestor do processo, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (Bndes), tendo sido elaborado a partir de estudos junto ao setor governamental, auditores independentes e consultores especializados na área de transportes, cujos trabalhos já estavam em andamento desde a inclusão da Rede Ferroviária

Federal no Programa Nacional de Desestatização (PND) em 1992.

A MRS começou a dividir parte do tronco da antiga SPR e Santos-Jundiaí com os trens suburbanos da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), que concedeu o direito de passagem para os trens de carga nos trechos da antiga Santos-Jundiaí.

O trecho atual da MRS incorporou a linha tronco da antiga SPR/EFSJ entre Santos e Rio Grande da Serra, vencendo a espetacular escarpa da Serra do Mar pelo sistema cremalheira-aderência, inaugurado pela Rede Ferroviária Federal em 1974.

A linha da MRS em São Paulo também inclui a variante Suzano - São Paulo - Rio Grande da Serra, construída pela Rede Ferroviária Federal no início da década de 70, como parte do anel ferroviário de São Paulo, permitindo que os trens de carga destinados a Paranapiacaba e à Baixada Santista não passem pelo centro de São Paulo.

A região do ABC tem parte do livro de sua história escrita sobre trilhos. No dia 16 de Fevereiro de 2003 foi escrito o 136º capítulo. Uma história impressionante que começou com uma velha locomotiva puxando uma feira de vagões. Um capítulo chamado *Maria Fumaça*. Depois vieram a eletrificação e as locomotivas a diesel pelas estradas não eletrificadas. Vieram ainda o Trem Cometa, o Trem Húngaro, a Cremalheira e as novas estações ferroviárias. Veio o futuro e o resgate do passado: a CBTU, a CPTM e a MRS Logística. Quem sabe, a partir do 137º capítulo teremos o metrô de superfície, ... o trem bala. Aguardemos.

(*) José Roberto Gianello, sociólogo e assessor cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Posições quilométricas, altitudes, datas inaugurais, suas modificações e sede de atuais municípios

Nome	Ref.	Posição km.	Altitude	Data Inaug.
Santos		0.000	2.87	16/02/1867
Cubatão		12.248	2.74	16/02/1867
Raiz da Serra	(1)	22.030	20.70	16/02/1867
Piassaguera	(2)	18.972	5.62	01/01/1902
Alto da Serra		30.312	796.50	(x) 1875
Campo Grande		34.569	762.30	01/08/1889
Rio Grande	(3)	41.100	749.50	16/02/1867
Ribeirão Pires		45.526	753.85	01/03/1885
Pilar	(4)	53.100	764.30	01/04/1883
Capuava		56.294	755.30	05/03/1937
São Bernardo	(5)	60.384	744.00	16/02/1867
Utinga		63.832	738.55	01/08/1933
São Caetano do Sul		67.436	737.80	01/05/1883
Ipiranga		71.627	728.50	01/04/1886
Moóca		74.628	731.40	07/09/1898
Brás		76.325	727.90	16/02/1867
São Paulo	(6)	78.507	732.35	16/02/1867
Barra Funda		81.391	722.15	19/05/1892
Água Branca		84.398	723.80	16/02/1867
Lapa		86.062	725.90	20/02/1899
Pirituba		90.273	732.68	01/02/1885
Taipas	(7)	95.050	814.12	01/10/1891
Perús		101.485	738.25	16/02/1867
Caieiras		106.176	721.40	01/07/1883
Juquerí	(8)	111.293	723.70	01/02/1888
Bethlen		177.460	771.90	16/02/1867
Campo Lindo		127.935	740.00	01/01/1881
Várzea		133.910	720.50	01/07/1891
Jundiaí		139.040	707.00	16/02/1867

Fonte: Revista Ferroviária de Fevereiro de 1967

(1) Raiz da Serra, estação inicial dos planos inclinados (primitivos), ainda em funcionamento, posto que não trafeguem trens de passageiros pela Serra Velha (Município de Cubatão).

(2) Piassaguera (sic), estação inicial dos novos planos inclinados, no Município de Cubatão.

(3) Rio Grande - dali partiria o traçado da estrada de ferro que atenderia o Vale do Paraíba, (não executado). No futuro a EF São Paulo-Rio de Janeiro chegaria a Cachoeira com a bitola de 1,00 m, mais tarde encampada pela EF Central do Brasil (ex D. Pedro II), que lhe modificou a bitola para 1,60 m (Município de Ribeirão Pires).

(4) Pilar, passou a se denominar Mauá em 18 de Outubro de 1934, quando foi criado o distrito do mesmo nome, no município, a primeiro de Janeiro de 1954.

(5) São Bernardo do Campo. Foi inaugurada em 16 de Fevereiro de 1967 e servia à vila de mesmo nome, hoje Município de São Bernardo do Campo.

(6) A Estação de São Paulo, entre a Rua da Estação e o Jardim da Luz, foi reconstruída em 1900 e passou a denominar-se Estação da Luz.

(7) Taipas - recentemente recebeu o nome de Serra de Jaraguá.

(8) Juquerí, estação inaugurada em primeiro de Fevereiro de 1888, servia à antiga Vila de Juquerí - o nome do rio que atravessa o município. Mais tarde, esse município recebeu o nome de Mairiporã.

O fotógrafo Militão Augusto de Azevedo e a construção da São Paulo Railway

Em 1996, o Museu Paulista da USP, mais conhecido como Museu do Ipiranga, recebeu o acervo do fotógrafo carioca Militão Augusto de Azevedo, autor de uma obra importantíssima do ponto de vista documental. Militão mostra, no livro *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo 1862-1887*, uma obra bem conhecida: o retrato mais fiel de como São Paulo deixou seu aspec-

to colonial para se transformar em uma cidade cosmopolita. O acervo de Militão no Museu Paulista é constituído de 11000 retratos que traçam o perfil da sociedade paulista da segunda metade do século XIX. No Museu Paulista todo este acervo está à disposição do público e dos pesquisadores.

Um dos passatempos do fotógrafo era registrar paisagens em suas horas de folga. Nessa tarefa,

não se restringia apenas à cidade de São Paulo. Com efeito, em sua coleção há 72 chapas registrando a implantação da São Paulo Railway na Serra do Mar. Desse acervo, a revista *Raízes* selecionou dez fotos, gentilmente cedidas pelo Departamento de Pesquisa do Museu Paulista, e colocou ao alcance dos pesquisadores esse material de grande relevância para a história do Grande ABC.



Ponte da Grotta Funda



Grande Corte – Terceiro Plano



Segunda máquina – Princípio do terceiro plano



Fim do Primeiro Plano

Fotos: Museu Paulista da USP



Raiz da Serra – Princípio do primeiro plano



Início do segundo plano



Corte do segundo plano



Fim do terceiro plano



Meio do terceiro plano



Corte do terceiro plano

Fotos: Museu Paulista da USP

ÍNDICE

Dossiê

05 *50 Anos de louvor a Nossa Senhora da Candelária (1953-2003)*

Neusa Maria Persona BUENO

25 *Memória Fotográfica da Paróquia N. Sra. da Candelária*



Altar de Nossa Senhora da Candelária

Artigos Regionais

34 *Presença dos monges beneditinos no Grande ABC entre os séculos XVII e XIX*

Cristina Toledo de CARVALHO

37 *Da São Paulo Railway à MRS Logística S/A: 136 anos de Estrada de Ferro no ABC*

José Roberto GIANELLO

42 *Fragmentos de uma história esquecida – o integralismo no ABC paulista*

Renato Alencar DOTTA

Artigos

48 *Vilas Operárias: industrialização e urbanização*

André Luis Balsante CARAM

56 *68 anos de chocolates Pan*

Carlos Alberto de OLIVEIRA

59 *Ferros elétricos de São Caetano para o mundo; a trajetória da Tupy*

Mário Porfírio RODRIGUES



Família Avoli

61 *O cotidiano de algumas famílias do município entre 1930 e 1960*

Deives Manoel CAMARGO

68 *Um caleidoscópio com imagens e personagens da família Del Rey*

Mário DEL REY

74 *USE – União das Sociedades Espíritas de São Caetano do Sul: 50 anos promovendo a harmonia dos espíritas na cidade*

Adilson J.J.PEREIRA e

Luciana C. PEREIRA

Cultura

77 *Paulo Lício Rizzo, por sua arte e fé*

Sônia Maria Franco XAVIER

80 *Um toque feminino em nossas raízes*

Maria Gorete Soares FRAZÃO

82 *A Fotografia e a Cidade III – Waldemiro Chomem, fotógrafo*

Neusa Schilaro SCALÉA

84 *O Patrimônio Histórico e o Direito Difuso*

José Odair da SILVA

Personagens

85 *Armelindo Antonio tem história de bom profissional*

Antonio Julio Pedroso de MORAIS

88 *Entre os imigrantes italianos é ordenado o primeiro padre*

Humberto Domingos PASTORE

90 *Abdollah Sahihi, pioneiro da fé Bahá'í na cidade*

Fariba Shaikhzadeh VAHDAT

Memória

92 *Aurélia Müller: imigrante iugoslava comemora 50 anos em São Caetano do Sul*

Yolanda ASCENCIO

95 *Três gerações, um único lar*

Alexandre Toler RUSSO

100 *Arma na mão, bola no pé, confete e serpentina*

Tatiane Cristina CORREIA

Esporte

103 *Corinthinha, uma glória do futebol varzeano*

Narciso FERRARI

Registro

106

Memória Fotográfica



Trabalho de retificação do Córrego do Moinho

109

Fragmentos de uma história esquecida - o integralismo no ABC paulista

Renato Alencar DOTTA (*)

O integralismo foi uma das correntes políticas que marcaram o século XX no Brasil. Considerado como uma vertente nacional do fascismo, fenômeno político que marcou profundamente o período entre as duas Guerras Mundiais em todo o mundo, foi estruturado num partido político de características *sui generis*, a Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada em sete de Outubro de 1932, em São Paulo, pelo escritor modernista Plínio Salgado.

Sua doutrina possuía caráter autoritário, nacionalista, anti-liberal e anti-comunista. Além disso, assim como os movimentos e regimes autoritários europeus dos anos 20 e 30, os integralistas possuíam toda uma simbologia e ritualística próprias, a começar pela saudação *Anauê* (palavra de origem tupi que significa *você é meu parente*), pelas vestimentas (a camisa verde, que se tornou sinônimo de militante integralista) e pela bandeira (campo azul com círculo branco, e dentro deste a letra grega sigma - Σ).

A AIB foi, na prática, o primeiro partido a se impor nacionalmente, já que os partidos dominantes até então eram partidos estaduais (por exemplo, o Partido Republicano Paulista - PRP, o Partido Republicano Mineiro - PRM, o Partido Republicano Riograndense - PRR etc.). O Partido Comunista Brasileiro (PCB), que também tinha pretensões num plano nacional, até aquele momento apenas havia



Vito Palo, ex-chefe distrital de Ribeirão Pires, ano de 1958

atingido algumas capitais de estado e algumas cidades médias, porém, nunca atingindo proporções tão grandes, como o fez a AIB.^[1]

Ultimamente, o integralismo tem sido foco de inúmeras dissertações de mestrado e teses de doutorado em diversas universidades pelo Brasil. Recentemente, diversos pesquisadores do tema apresentaram suas pesquisas no I Encontro dos Pesquisadores do Integralismo, realizado em Outubro do ano passado, no Arquivo Municipal de Rio Claro (SP), depositário do acervo pessoal de Plínio Salgado e o mais completo acervo sobre o tema.

O que me motivou a desenvolver a pesquisa sobre o integralismo na região do ABC foi, sobretudo, o crescente número de trabalhos acadêmicos sobre o movimento integralista em diferentes estados e cidades do Brasil, formando um mosaico complexo que demonstra que o integralismo não era um monolito e tinha que se adaptar às diferentes conjunturas

regionais.^[2] No antigo Município de São Bernardo (que compreendia os atuais sete municípios do ABC), o integralismo também teve características distintas, como veremos.

Como o material encontrado é esparso, formado por notícias de jornais diversos, livros de memórias etc., fiquei mais à vontade em desenvolver um texto mais factual do que analítico. Diferentemente de outras partes do Brasil, a AIB não teve uma grande acolhida da população local (em algumas cidades como Presidente Prudente - SP e Blumenau - SC chegaram a eleger seus prefeitos), apesar de ter feito adeptos na classe média local e, pelo menos aparentemente, mesmo entre os operários.

Não encontramos a data de fundação do núcleo integralista do Município de São Bernardo, mas já em 1934 era um grupo organizado, dispoendo de sede, escola e milícia (força paramilitar) locais. Sua publicidade era feita nas páginas do jornal *O Imparcial*.^[3] O chefe municipal, ao que parece durante toda a existência da AIB, era o advogado Paulo Paulista de Ulhoa Cintra, um dos responsáveis pelo diário integralista *Acção* (que circulou entre 1936 e 1938).

O núcleo municipal ficava na Rua Luís Pinto Fláquer, nº 10-A, no Distrito de Santo André (o mais populoso), e ficava aberto diariamente das 19h30 às 22h. A escola Tenente-General Jayme Guimarães, segundo notícia publicada em *O Imparcial*, em 1934, *vem funcionando regularmente na sede social [do núcleo], com vários cursos, diurnos e noturnos, já possui*

cerca de 100 alunos, da seção infantil e feminina. O curso de alfabetização especial para operários já matriculou 42 operários.^[4]

A notícia destacava também um imponente desfile ocorrido no dia 25 de Novembro do mesmo ano, pelas ruas do Distrito de Santo André, em comemoração ao dia do santo padroeiro do distrito.

Com um conjunto de 180 elementos, conduzindo as bandeiras nacional e do sigma, desfilou pelas ruas Cel. Oliveira Lima, Elisa Flaquer, Av. Portugal, Largo da Feira, rua Cel. Alfredo Flaquer, Santa Cruz e Praça Santo André onde uma comissão de camisas verdes assistiu, incorporada, à solene missa cantada, na igreja Santo André, em homenagem a esse padroeiro.

Ao terminar a missa, e diante de grande massa popular, foi realizado um entusiástico comício, em frente ao cruzeiro, naquele Largo, tendo feito uso da palavra os companheiros Letício Luiz Lycarião, e Orlando Schreiner, do Departamento Universitário de São Paulo [órgão interno da AIB] e o Dr. Paulo Paulista, chefe municipal. Disseram poemas alusivos aos camisas-verdes as plinianas^[5] Lourdes Fioravante, Julia Pucci e Judith Concas, que foram muito aplaudidas. Foram erguidos os três anauês ao Chefe Nacional, Plínio Salgado, entre vibrantes aclamações da multidão que ovacionou, com entusiasmo, os camisas-verdes sambernardenses.

A volta se deu pela rua Santa Cruz e Senador Flaquer, até a sede social, onde se dispersaram. Ao embarcar nos caminhões, os integralistas de São Paulo foram saudados pelos camisas-verdes de Santo André, com vibrantes anauês.^[6]

O gabinete do núcleo municí-

pal de São Bernardo, em 1934, era o seguinte: Paulo Paulista, chefe municipal; Emílio Baldacci, secretário do Departamento de Organização Política; Manoel Deodoro de Carvalho, secretário do Departamento de Finanças; Leonardo Fioravante, secretário do Departamento Juventude; Menotti Pannunzio, comandante da milícia.^[7]

Além do núcleo municipal no



Distrito de Santo André, havia os núcleos distritais. Segundo o jornal integralista *A Offensiva*, publicado no Rio de Janeiro, o Município de São Bernardo possuía núcleos da AIB organizados em quase todos os distritos: além da sede em Santo André, havia os de São Bernardo (vila), São Caetano, Mauá, Ribeirão Pires e Paranapiacaba (este último estava em coordenação).^[8]

Armando Mazzo, militante comunista, que anos depois seria prefeito eleito, mas não empossado, em Santo André, falou sobre a presença integralista na vila de São Bernardo, sugerindo como seria a cooptação que os

integralistas faziam entre os populares.

Eu trabalhava na fábrica de móveis dos irmãos Copedé, em São Bernardo. Um jovem trabalhava em serviços gerais. Igual a todo jovem gostava de se divertir. Bom trabalhador, modesto e ótimo companheiro.

Os dirigentes integralistas convidaram-nos para uma reunião na sua sede, à rua Marechal Deodoro. No dia seguinte, o jovem me contou o que se passou na reunião. Fizeram um discurso e deram aos jovens um belo uniforme, calça e blusa verdes, sapatos e gravata pretos, um cinturão com argolas niqueladas e um cacete no cinturão. O jovem estava satisfeito, não só pelo efeito que aquele traje marcial influíra em seu ânimo, como também por lhe servir de vestimenta de luxo. Lógico, isso sensibilizava a juventude. Creio ter essa forma de recrutamento sido usada em todo o país e atraía não só pela elegância como, principalmente, por ser totalmente gratuita.^[9]

Segundo Mazzo, a sede do núcleo ficava na Rua Marechal Deodoro, perto da Fábrica de Móveis São Luiz. A casa ocupada era alugada. O chefe do Núcleo Distrital de São Bernardo era Orlando Setti.

Conforme a militância integralista ia crescendo, eram inevitáveis os choques com os comunistas e outros grupos antifascistas (socialistas, anarquistas etc.). Assim foi, por exemplo, em Bauru, em três de Outubro de 1934, quando num desfile integralista, um militante, o ferroviário Nicola Rosica, foi baleado e transformado no primeiro mártir do integralismo.^[10] Esses mártires eram lembrados, nas solenidades do movimento, para inspirar um espírito de sacrifício entre os militan-

tes, em nome de sua causa.

Quatro dias depois, houve outro choque entre integralistas e grupos antifascistas, na Praça da Sé, centro de São Paulo, no qual houve dois mortos entre os primeiros - também transformados em mártires - e um entre os antifascistas. Um dos integralistas mortos foi o operário Jayme Guimarães (transformado *post-mortem* em *tenente-general*), que nomeou a escola do Núcleo Municipal de São Bernardo. Outros conflitos ocorreram em São Sebastião do Caí, no Rio Grande do Sul (1935), e em Campos, no Estado do Rio de Janeiro (1937).

Em São Bernardo, não chegou a haver conflitos nessas proporções, mas Mazzo lembra um episódio em que uma refrega ideológica entre os camisas-verdes e sindicalistas antifascistas era iminente, dias depois do choque ocorrido na Praça da Sé.

Terminada a reunião no sindicato, quando saímos da sede, mais ou menos às 22h30, inopinadamente fomos cercados por jovens integralistas todos fardados e de cassetetes nos ameaçando. Exigiam que mudássemos o rumo político do sindicato. Discutimos e argumentamos que o sindicato era propriedade dos operários e como tal defensor de seus interesses.

Quando a discussão estava acalorada e os galinhas verdes nos ameaçavam com seus cassetetes, terminava a sessão do cinema. Companheiros nossos vieram saber o que acontecia. Explicamos o que eles queriam e um companheiro intimou-os a darem o fora, “se não faremos de vocês caldo verde de galinha verde”, parafraseando o Barão de Itararé. Como ficamos em maioria, os galinhas foram embora, com

medo de apanharem com cassetete e tudo.^[11]

Em Ribeirão Pires, o chefe distrital, aparentemente durante toda a existência da AIB local, foi o farmacêutico Vito Palo. O núcleo parece que não tinha sede. Segundo Antonieta Palo, filha de Vito, que era criança na época, *os integralistas se reuniam na Capela de Santo Antônio, e ao ar livre, no Morro Santo Antônio*, no atual centro de Ribeirão Pires, onde realizavam seus encontros políticos. Primeiro farmacêutico de Ribeirão Pires, abrindo estabelecimento em 1927, Palo foi candidato a vereador pela AIB nas eleições de 1936, mas não ganhou. Após o fim do Estado Novo, abandonou o integralismo, tornando-se ademarista roxo. Faleceu em 1958.^[12]

A instalação do Núcleo de Mauá é a mais bem documentada que conseguimos encontrar. O núcleo foi inaugurado em 15 de Novembro de 1935 durante uma

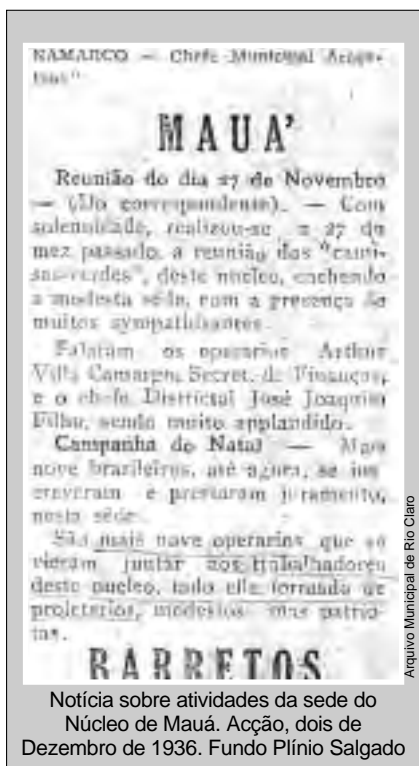
excursão de militantes integralistas de São Paulo, São Bernardo e Santos a Ribeirão Pires. Foi instalado na *rua principal do distrito*, isto é, muito provavelmente na então Rua Barão de Mauá. Entre os presentes a essa inauguração, estavam o então estudante Gofredo da Silva Teles Jr., hoje importante jurista e professor aposentado da USP, e Paulo Zingg, jornalista que mais tarde exerceria importante papel na história da imprensa na região do ABC.^[13]

O episódio mais curioso dessa excursão - que passou também por Santo André - foi a visita que os integralistas - certamente uniformizados, como era praxe - fizeram à *velha casa onde residiu o Barão de Mauá*, hoje o Museu Barão de Mauá. Eis a descrição do ocorrido:

Aí, com a licença da família do sr. Adolfo Ferreira, morador nessa casa, os camisas-verdes tiveram oportunidade de visitar esse solar antigo, de grossas paredes, construção de pau-a-pique, onde residiu, por bastante tempo, o grande brasileiro José Irineu Evangelista de Souza, depois Barão de Mauá, o engenheiro brasileiro construtor da primeira estrada de ferro do Brasil, e quiçá da América do Sul.

Dentro desse casarão histórico, o companheiro Paulo Paulista fez pequena oração, alusiva a essa solenidade, e procedeu à chamada desse grande brasileiro, que foi respondida “presente” pelas trezentas vozes de camisas-verdes, as quais, em seguida, cantaram, com entusiasmo, o hino nacional.^[14]

Ressalte-se ainda que, segundo a mesma notícia, *o núcleo fora organizado e é dirigido exclusivamente por operários dessa cidade*. Seu coordenador era Sebastião Vieira. Isso nos leva a crer que o





Chácaras e pires comemorativos dos 25 anos de fundação do Partido Integralista (1932-1957). Estes objetos foram fabricados pela Porcelana Mauá

discurso que: *Ninguém mais do que o proletariado deve participar da revolução integralista, que é a revolução nacional colimadora de uma situação de justiça social para os brasileiros.*^[21]

Em 15 de Março de 1936, foram realizadas eleições municipais em todo o estado, e ao lado dos partidos oligárquicos, o Partido Constitucionalista (PC - do governador Armando Salles de Oliveira), o PRP, e a dissidência local do PC, o Partido Independente Municipalista (PIM), a AIB lança seus candidatos em São Bernardo. Foram eles: Amílho Nello, Eugênio Felipe Balducci, Andrea Ippolito, Luiz Salvi Palmieri, Ernest Hermann Moritz Richtler (chefe distrital de Santo André), Manuel Deodoro de Carvalho, Tognato Oliver, Vito Palo, Antônio Palmieri Jr., Dino Gino Giorgi, Gino Gambini, Theodoro Macedo, Attilio Di Palma, Sebastião Américo Vieira (ex-coordenador do núcleo de Mauá). Nenhum deles foi eleito, ficando a Câmara Municipal de São Bernardo dividida entre o PC (que ficou com a maioria e elegeu o prefeito Felício Laurito) e o PRP.^[22]

O dia de fundação da AIB, sete de Outubro, era comemorado regularmente nos núcleos, com cerimônias repletas de rituais e simbologia. Nesse dia havia uma cerimônia chamada *Noite dos Tambores Silenciosos*, que segundo o protocolo deveria ser realizada em todas as sedes integralistas do Brasil.^[23] Em São Bernardo não foi diferente:

No núcleo distrital de Santo André, deste município, foi realizada a sessão solene, no dia sete, estando presente o companheiro Paulo Paulista, Secretário Provincial de Propaganda. À sede, que estava literalmente cheia, compa-

Núcleo de Mauá já funcionava, antes da inauguração da sede, talvez da mesma forma que o Núcleo de Ribeirão Pires, isto é, sem sede. Depois da inauguração, o chefe distrital de Mauá passou a ser José Joaquim Filho, e o secretário de Finanças, Arthur Villa Camargo.^[15]

Como é sabido, a *Casa do Barão* já era um importante referencial social para a população mauaense.^[16] Em 1937, ao se comemorar o segundo aniversário da sede do núcleo, os militantes de Mauá partiram deste em direção à velha casa colonial, para homenagear o patrono da ferrovia. Nessa ocasião, visitou o núcleo local o *companheiro de Santo André, dr. Mayerá Junior, que foi recebido com dois anauês*. É quase certo que este seja Victor Mayerá Jr., proprietário da Casa de Saúde do mesmo nome, em Santo André.^[17]

Assim como em Mauá, também em São Caetano parece ter havido um núcleo anterior à inauguração oficial do mesmo. Temos referência disso já em 1934, quando o chefe distrital era Nicola Damasco.^[18]

A inauguração oficial do Núcleo de São Caetano foi em 12 de Janeiro de 1936. Situava-se num sobrado da Rua Conselheiro Antônio Prado, nº 1. Na ocasião, a fachada do prédio apresentava ornamentação com flâmulas inte-

gralistas. Estiveram presentes o chefe municipal, Paulo Paulista, que abriu a solenidade, o dentista Theodoro de Macedo, chefe distrital de São Caetano, os demais chefes distritais do município, além de representantes do Núcleo da Penha.^[19]

Em Março de 1937, realizou-se uma sessão *popular e trabalhista* na sede do Núcleo de São Caetano, segundo notícia veiculada no jornal paulista *Acção*. Entre os presentes estavam Paulo Zingg, que na ocasião também era redator do *Acção*, e Luiz Saia, ainda estudante, que na época era técnico da Secretaria de Estudos da AIB.^[20]

Tentando conquistar o operariado do distrito, os discursos tiveram um tom reivindicativo e até anticapitalista. A reunião foi aberta pelo chefe distrital Theodoro de Macedo.

Combatendo a opressão capitalista discursou em seguida o sr. Paulo Zingg, que abordou a questão dos salários atuais, insuficientes para atenderem às necessidades do proletariado, que em via de regra é sub-alimentado. Em vista dessa situação, o orador frisou a importância das reivindicações relativas ao aumento dos salários dos trabalhadores, bandeira em torno da qual devem se unir as classes operárias.

Já Luiz Saia declarou em seu

receu grande número de camisas-verdes, tendo havido juramento de novos companheiros.^[24]

Depois do golpe do Estado Novo, todos os partidos políticos são fechados em dois de Dezembro de 1937, incluindo a AIB. Esta, que havia apoiado o golpe, tenta conviver institucionalmente com o novo regime, transformando-se em Associação Brasileira de Cultura - ABC, com Plínio Salgado como seu presidente. Não sabemos se o núcleo da AIB em São Bernardo se transformou em núcleo da Associação, mas é pouco provável, pois muitas sedes acabaram sendo simplesmente fechadas no Brasil.

Vendo seu espaço cada vez mais restrito, os integralistas fazem uma tentativa desesperada: em 11 de Maio de 1938, um grupo deles, com apoio de figuras não integralistas como Otávio Mangabeira e Euclides Figueiredo, toma de assalto o Palácio Guanabara, residência oficial do presidente Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. A revolta é rapidamente rechaçada pelo governo, que começa uma onda maciça de prisões contra os militantes do Sigma. O chefe nacional, Plínio Salgado, é preso em 1939 e vai para o exílio em Portugal, lá permanecendo até o fim do Estado Novo. Era o fim da AIB.

Mas, ao contrário do que muitos pensam, não dos integralistas. Com a redemocratização a partir de 1945, os antigos membros da AIB criam o Partido de Representação Popular (PRP).^[25] Esse partido, porém, nunca teve o mesmo impacto da AIB. Através desta legenda, Plínio Salgado concorreria à Presidência da República nas eleições de 1955, chegando em quarto lugar.

Na região do ABC, o PRP teve um eleitorado pequeno, embora



fiel. Em Santo André, o partido chegaria a eleger um prefeito, o polêmico Oswaldo Gimenez, em 1959.^[26] Em São Caetano do Sul, participaria da Coligação Autonomista, em 1948, que elegeu o primeiro prefeito, Ângelo Pellegrino, e elegeria alguns vereadores.^[27]

O PRP deixaria de existir em 1965, com a decretação do Ato Institucional nº 2, juntamente com os outros partidos, já durante a ditadura militar. Tendo apoiado o golpe de 1964, seus membros entrariam para a Arena (Aliança Renovadora Nacional), de apoio ao regime, incluindo seu líder, Plínio Salgado.

Apesar de seu caráter polêmico, o integralismo logrou possuir adeptos nos mais variados segmentos sociais, inclusive na região do ABC. Os dados que mostramos acima evidenciam que eles obtiveram representatividade na região. Silenciar quanto a isso é ignorar uma parte importante da história do autoritarismo brasileiro. O autoritarismo não é apenas uma imposição das elites, mas, como vimos, também pode ser encontrado em meio à população comum.

Mesmo que coloquemos dúvidas quanto à realidade da presença de operários no movimen-

to (já que é uma informação ventilada por sua imprensa grandiloquente), não é inverossímil que muitos deles tenham de fato militado no integralismo, já que os camisas-verdes tinham em seu lema (*Deus-Pátria-Família*) temas caros a uma população muito mais religiosa e conservadora do que a de hoje, e em seus discursos chegaram a tocar em temas caros ao trabalhador, numa época em que o cumprimento à legislação trabalhista ainda era muito precário.^[28]

Certamente, a já elevada população operária do então Município de São Bernardo fez com que a AIB local desenvolvesse um discurso e uma ação voltada a essa fatia da população, *proletária* para usar o termo empregado pela imprensa integralista. Assim, essa seria a principal especificidade da AIB local. Isso sem deixar de ter em seus quadros elementos das classes médias, como dentistas, farmacêuticos, advogados...

Apesar da crescente consolidação da democracia no Brasil, e talvez por isso mesmo, nunca é demais estudar e conhecer as origens do autoritarismo, do qual o integralismo foi uma das facetas. E a região do ABC paulista, queiramos ou não, participou desta história.



Neste prédio da avenida Conselheiro Antonio Prado, nº 1, 2º andar, funcionava a sede do partido Integralista, de São Caetano, em 1937. Foto de 1956

NOTAS

[1] Os núcleos integralistas teriam chegado a mais de 3 mil em todo o país. No Estado de São Paulo eram mais de 400. V. CAVALARI, Rosa. *Integralismo - Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru, EDUSC, 1999, pp. 86 e 100.

[2] V. p. ex. CALDEIRA, João Ricardo. *Integralismo e Política Regional - A Ação Integralista no Maranhão*. São Paulo, Anna Blume, 1999; GERTZ, René, *O Fascismo no Sul do Brasil - Germanismo, Nazismo, Integralismo*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987 (sobre relação entre AIB e nazistas em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul); PARENTE, José Camelo. Anauê - *Os camisas-verdes no poder*. Fortaleza, UFC, 1998, 2 ed. (sobre a AIB no Ceará).

[3] Sobre o envolvimento d'O Imparcial com os integralistas, v. PETROLLI, Valdenízio. *História da Imprensa no ABC Paulista*. São Bernardo do Campo, Metodista, 1983, pp. 26-7.

[4] Ação Integralista Brasileira - Núcleo de São Bernardo, *O Imparcial*, 6/12/1934, p. 4. Sobre informações de funcionamento de escolas integralistas, ver: CAVALARI, *op. cit.*

[5] *Plinianos* eram as crianças, em geral filhos dos militantes, que eram vestidas com a indumentária integralista e incentivadas a participar das solenidades. Eram o equivalente aos *ballilas* da Itália fascista. V. CAVALARI, *op. cit.*, pp. 169-70.

[6] *O Imparcial*, *ibid.*

[7] *Id.*, p. 2.

[8] "Província de São Paulo - Instalação oficial do núcleo de São Caetano". *A Offensiva*, 25/1/1936, p. 8. Sobre a imprensa integralista, v. CAVALARI, *op. cit.*, pp. 79 e ss.

[9] MAZZO, Armando. *Memórias de um militante político e sindical no ABC*. Prefeitura Municipal de São Bernardo do

Campo/Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1991, p. 62.

[10] V. POSSAS, Lídia. *O Trágico Três de Outubro - Estudo histórico de um evento*. Bauru, Universidade do Sagrado Coração, 1993 (Cadernos de Divulgação Cultural, 35).

[11] MAZZO, *op. cit.*, pp. 62-3.

[12] Entrevista de Antonieta Palo ao autor, em 12/3/2003.

[13] Zingg seria um dos responsáveis pelo primeiro jornal diário da região do ABC, a *Folha do Povo*, na década de 1950. Ele rompeu com a AIB em 8/6/1937, juntamente com um grupo de integralistas paulistas. Sobre isso, v. CARONE, Edgard. *A República Nova 1930-1937*. São Paulo, Difel, 1982, 4ª ed., p. 214.

[14] "O Integralismo nas Províncias - Província de São Paulo". In: *A Offensiva*, 23/11/1935, p. 9. Como se sabe, segundo recente pesquisa desenvolvida pelo prof. Carlos Lemos, da FAU-USP, e pela profa. Sílvia Ahlers, diretora do Museu Barão de Mauá, essa casa se situa em terras que nunca pertenceram ao barão, apesar de ele ter de fato possuído terras na cidade. É interessante notar que já nessa época, década de 1930, o casarão de taipa de pilão (e não pau-a-pique, como indicado), situado próximo ao Centro de Mauá, já era conhecido como tendo sido a *Casa do Barão*. Ainda não se sabe o motivo exato - e documentadamente comprovado - dessa associação. De qualquer modo, o exemplar desse jornal, pertencente ao acervo particular do sr. José Baptista de Carvalho, é a mais antiga referência encontrada até o momento a considerar a atual sede do Museu Barão de Mauá como sendo a *Casa do Barão*.

[15] "Movimento integralista", in *Ação*, 2/12/1936, p. 2.

[16] Para ficarmos em apenas um exemplo, na década de 1920, a casa, então conhecida como *Fazendinha*, foi sede de

duas agremiações esportivas do povoado: o Pilar FC e a AA Industrial. V. MEDICI, Ademir. *Industrial de Mauá e os Campeonatos de Futebol no Grande ABC*. Mauá, Associação Atlética Industrial de Mauá, 1997, pp. 26-7.

[17] "Notícias do interior", in: *Ação*, 24/11/1937, p. 14. Sobre Victor Mayerá Jr., v. por exemplo, SANTOS, Wanderley dos. *Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1550-1892*, p. 238.

[18] *A Offensiva*, 20/12/1934, p. 4.

[19] "O Integralismo nas Províncias", *A Offensiva*, 25/1/1936, p. 8.

[20] Luiz Saia, arquiteto, seria depois membro do IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em 1972, escreveu o célebre livro *Morada Paulista*.

[21] "Movimentam-se as massas proletárias de S. Caetano", in *Ação*, 20/3/1937, p. 8.

[22] *O Estado de S. Paulo*, 15/3/1936, p. 8. Em alguns municípios, porém, os integralistas tiveram mais sorte: chegaram a eleger prefeitos em Presidente Prudente e Cravinhos. Na capital paulista, elegeram um vereador.

[23] Para descrição desta cerimônia, v. CAVALARI, Rosa, *op. cit.*, pp. 184-190.

[24] *A Offensiva*, 26/10/1935, p. 9. Em 1937, uma sessão em São Caetano teria reunido "88 camisas-verdes". *A Offensiva*, 9/10/1937, p. 3.

[25] Sobre o Partido de Representação Popular, v. CALIL, Gilberto. *O integralismo no pós-guerra - A formação do Partido de Representação Popular (1945-1950)*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

[26] Sobre a eleição de Gimenez, v. VIELTEZ, Cândido Giraldez. *Reforma Nacional-Democrática e Contra-Reforma: A política do PCB no coração do ABC Paulista/1956-1964*. Santo André, Fundo de Cultura do Município de Santo André, 1999, pp. 83-94.

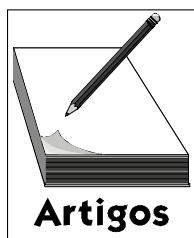
[27] V. GIANELLO, José Roberto. "São Caetano, 24 de outubro de 1948. O nascimento de um Município". Raízes, Outubro/1998, ano IX, Edição Especial - "Meio Século de Autonomia", p. 24. Sobre os vereadores, v. ASCENCIO, Yolanda. *Meio Século de Legislativo em São Caetano*. São Caetano do Sul, Fundação Pró-Memória, 1998.

[28] Minha dissertação de mestrado, em fase de conclusão, versa sobre as tentativas integralistas de cooptar os trabalhadores.

(*) Renato Alencar Dotta é mestrando em História pela USP e historiador do Museu Barão de Mauá

Vilas Operárias: industrialização e urbanização

André Luis Balsante CARAM (*)



Artigos

O crescimento acelerado da cidade paulista na virada do século XIX e nas primeiras décadas do século passado, desencadeado pelo acúmulo de capitais do chamado *complexo cafeeiro* e pela instalação da linha férrea *The São Paulo Railway Company* (1867) - que ligou o porto ao interior paulista e propiciou a chegada de mão-de-obra operária e imigrante de várias nacionalidades -, foi mudando as modestas feições da capital paulista, antes construída à base de taipa-de-pilão (técnica que por mais de três séculos predominou na arquitetura da cidade). O tijolo passou a ser empregado. A cidade também passou a refletir as mudanças advindas da forte presença populacional de várias nações, principalmente da Itália, e do próprio território. As novas técnicas arquitetônicas e materiais, trazidas pelos imigrantes europeus, deram novos aspectos à paisagem da cidade paulista. A implantação da casa no lote também sofreu modificações e, aos poucos, se desvencilhou dos seus limites laterais, principalmente nas novas edificações construídas além do centro, que serviram para introduzir novos conceitos arquitetônicos e estéticos.

Mas, independentemente dos padrões formais e estéticos, a cidade foi sendo reconstruída: vales foram transpostos, construções

Crescimento populacional do município de São Paulo de 1836 a 1980

Ano	População	Incremento percentual
1836	21.933	
1872	31.385	43
1886	47.697	52
1890	64.934	36
1900	239.820	168
1920	579.033	141
1934	1.060.120	83
1940	1.337.844	26
1950	2.198.096	65
1960	3.825.351	74
1970	5.978.977	56
1980	8.493.598	42

Livro Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo de Eva Alterman Blay.

foram aparecendo em vários cantos e a cidade foi se expandindo em todas as direções e modernizando-se a todo vapor. O centro passava por um processo de substituição dos antigos sobrados coloniais por prédios comerciais de pequeno porte, anunciando uma tendência que se acentuaria após a Primeira Guerra Mundial, com o surgimento dos arranha-céus. As novas construções mudaram definitivamente os padrões do antigo centro urbano colonial, que aspirava a assemelhar-se às principais cidades européias, nos hábitos, costumes e também na arquitetura. Um certo *ar* europeu e um ideal de modernidade foram tomando conta do panorama sociocultural da cidade de São Paulo no começo do século passado. Mesmo assim, ainda persistiam neste *novo* cenário casas de pau-a-pique e adobe, atreladas ao sistema colonial e ao trabalho es-

cravo. O livro *Três cidades em um século*, de Benedito Lima de Toledo, nos conta como a cidade passou do barro ao tijolo e depois ao concreto.

A Vila de Piratininga, antigo entreposto comercial, tornou-se metrópole econômica brasileira, no início do século XX, devido à comercialização do café e à vinda de imigrantes europeus. O rápido crescimento e a expansão física para além da região central, através dos loteamentos e construções surgidos em torno das fábricas e nas áreas suburbanas, geraram espaços nem sempre apropriados à população carente e imigrante que se formava na cidade. A questão da habitação popular e operária, desde aquela época, despontava como problema crucial para o futuro desenvolvimento de São Paulo, carecendo de soluções e medidas para conter o crescimento de inúmeras habitações irregu-

lares e sem qualidade que proliferavam no ambiente urbano.

Nas últimas décadas do século XIX, a ocupação da periferia e dos arredores da região central coincidiu com o início das atividades industriais da capital e da região de São Bernardo, que deram novos rumos à política econômica da cidade e do país. Neste âmbito, vemos que até mesmo a iniciativa da criação da Escola Politécnica de São Paulo estava, em parte, ligada ao processo de industrialização e à urbanização da cidade, visando à formação de profissionais e de técnicos para amparar as indústrias e solucionar os mais variados problemas urbanos decorrentes de uma cidade em desenvolvimento e em fase de modernização. Neste estágio, os profissionais ligados à engenharia e à arquitetura foram imprescindíveis ao processo de produção do espaço urbano, de suas edificações, equipamento e serviços.

Entre 1890 e 1900, a cidade de São Paulo já apresentava a fisionomia de um centro industrial tipo europeu, com os grandes pavilhões das fábricas e, ao redor, as vilas operárias. Mais de 50% da população era composta por estrangeiros. Em algumas fábricas, 90% dos operários eram europeus, diz Nestor Goulart Reis Filho. Surgiram também os primeiros industriais italianos de peso: Matarazzo, Crespi, Scarpa e

Siciliano. Quase todos compraram seus títulos de nobreza, transformando-se em condes e barões.

Durante o processo de imigração e industrialização de São Paulo, a cidade cresceu em termos físicos, econômicos e populacionais, ocasionando a demanda por habitação. Também aumentou a quantidade de cortiços na cidade, destituídos das mínimas condições espaciais e de higiene, e construídos principalmente nas cercanias das áreas industriais. Assim lembra Carlos Lemos: (o cortiço) *apareceu mesmo antes da popularização do termo operário e da expressão casa operária. Mesmo porque cortiço não era bem uma casa, mas um conjunto de habitáculos singelos onde havia a superposição total de todas as funções da habitação, simples resguardo, meros asilos precários*

e providenciais abrigos. Logo intuíram os capitalistas ou os arrendatários modestos, que anteviam ganhos fáceis naquele quadro confuso provocado pelos desabrigados, as vantagens imediatas do aluguel de tais cômodos - sim, de cômodos e não de usuais casas às famílias carentes de moradia. Era o preço que a cidade pagava pelo acelerado processo de crescimento, que gerava um quadro social bastante desigual e contraditório constituído, de um lado, pela segregação e marginalização da população carente, do outro, pelo anseio de modernização representado pelas intervenções urbanas realizadas principalmente na área central.

Após o *Relatório de Comissão de Exame e Inspeção das Habitações Operárias e Cortiços no Distrito de Santa Efigênia*, que mostrou com clareza a situação destas moradias, a municipalidade, em 1900, aprovou uma legislação específica para a produção de vilas operárias, que se tornou um negócio bastante lucrativo para a iniciativa privada e para os empreendedores imobiliários. As primeiras vilas operárias foram construídas em bairros como Brás, Luz, Bom Retiro, Mooca, Belém, Lapa e outros, nas várzeas, próximas às fábricas e à fer-



Vila Martin
Smith,
Paranapiacaba

André Catarin, 1988



Fundação Pró-Memória

Vila dos
Ferroviários em
São Caetano do
Sul



Vista da Vila Cerealina, no Bairro Belém.

rovia, constituindo-se, assim, como parte do processo de urbanização da cidade e resposta ao problema da demanda habitacional. Além disso, como explica Palmira Petrati, *a construção das vilas operárias urbanas insere-se no processo de industrialização, constituindo-se etapa de formação do operariado, ligando-se às tentativas de solução do problema de fixação da mão-de-obra especialmente diferenciada*. Mesmo assim, os cortiços continuaram existindo e desafiando a legislação vigente, permanecendo no cenário urbano até os dias atuais, principalmente nas grandes cidades.

Nem a elaboração do código de obras nem a de planos urbanísticos, na década de 1920, que estipularam regras para a produção do espaço urbano, foram capazes de conter o crescimento do número de habitações irregulares. Assim comenta Marta Dora Grostein: *(aquela década) foi significativa no que diz respeito à formulação de políticas públicas e da prática social. O Plano de Avenidas de 1929 de Prestes*

Maia e o Código de Obras Arthur Saboya, do mesmo período, representavam avanços da racionalidade técnica e científica aplicados à construção da cidade. Entretanto, serão nos espaços ausentes do Plano e nas entrelinhas das normas urbanísticas que se dará a verdadeira expansão urbana da cidade (...) ilegal e clandestina diante das próprias normas urbanísticas formuladas pelo poder público. As décadas subsequentes foram marcadas pela reinterpretação das normas de construção das vilas operárias, gerando assentamentos populares absolutamente distintos dos primeiros, especialmente no que diz respeito à qualidade ambiental dos espaços produzidos.

No processo de formação da paisagem e do espaço urbano, as vilas operárias foram construídas e deram origem aos bairros operários tão comentados na história de São Paulo, reforçando a fisionomia industrial da capital. Mas, por outro lado, além de as vilas serem uma solução à demanda habitacional, constituíam também um fator de controle e fixação da

mão-de-obra junto à fábrica. Assim diz Eva Blay que a casa, portanto, era *o elemento mediador entre a venda da força de trabalho e o preço pago por esta força*. *Quando a casa é ofertada ao trabalhador, ela passa a interferir nas relações de produção e representa uma forma de reduzir o preço da força de trabalho, ampliar a capacidade de acumulação e induzir o trabalhador a permanecer no emprego*. Para Palmira Petrati, a casa assumia aspectos sublimados de atenuar os conflitos entre o capital e o trabalho, assegurando que sua produção não sofresse solução de continuidade pela ação dos movimentos grevistas. Isso significava dizer que o controle da moradia era um passo a mais em direção ao controle da mão-de-obra, controle esse que tendia a assumir uma nova roupagem mais "sutil" e eficiente.

Vemos que não se tratava simplesmente de resolver o problema habitacional, quando a questão era encarada do ponto de vista do empresário. Para o operário, submerso numa vida relativamente difícil dentro da fábrica e pautado por longas jornadas de trabalho, morar numa vila representava alento e segurança para sua família, uma vez que não precisava pagar um alto custo de aluguel, sendo assim uma preocupação a menos na despesa familiar, mesmo que parte do seu salário fosse descontada do seu pagamento mensal pelo usufruto da moradia. Dessa forma, a vida dedicada a uma fábrica tinha lá suas vantagens e compensações representadas pela moradia em questão. Os moradores mais antigos de algumas vilas lembram-se dos laços de respeito, solidariedade e confraternização que uniam os funcionários e moradores, já que a

maioria dos membros da casa trabalhava para o mesmo patrão. Outros se lembram das agruras sofridas pelo ritmo intenso no ambiente de trabalho.

O desenho urbano e a disposição das casas na vila dependiam do grau de investimento dos empresários e dos seus interesses, pois existem vilas com diversas soluções urbanísticas tanto na implantação quanto no tamanho das casas. Uma vila modelo foi a *Vila Maria Zélia*, no Bairro Belenzinho, idealizada pelo empresário Jorge Street, que possuía creche, escolas para meninos e meninas e postos de abastecimento. Contudo, o objetivo central da construção das vilas operárias era fixar o trabalhador próximo às fábricas.

Concentrando grande número de indústrias e fábricas ao longo da estrada de ferro, também nas cidades do ABC foram implantadas vilas operárias que influenciaram no processo de ocupação e formação da paisagem urbana. O desenvolvimento da região do ABC está ligado à implantação da estrada de ferro e à criação dos núcleos coloniais de São Bernardo e São Caetano, fundados em 1877 e incentivados pelo governo imperial a receber mão-de-obra imigrante. Nessa questão, diz José de Souza Martins, duas correntes de opinião discutiam a instalação dos núcleos coloniais de São Caetano, Santana, São Bernardo e Glória: *a primeira preconizava a imigração como meio de desenvolver a pequena agricultura familiar de tipo europeu, que levasse à formação de uma classe média rural (...) outra entendia que a imigração subvencionada pelo governo deveria produzir um fluxo de mão-de-obra para as grandes fazendas paulistas, para substituir o trabalho escravo*. Trata-se de propostas



Vista da Vila Operária das Indústrias Matarazzo em São Caetano do Sul

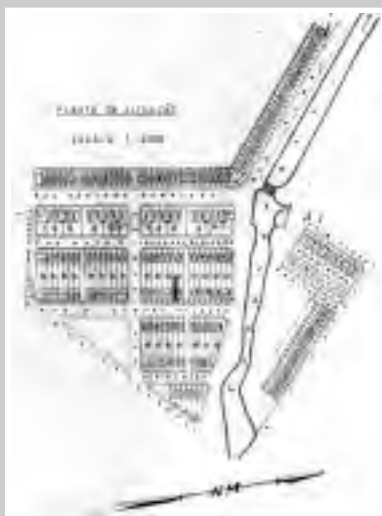
Fundação Pró-Memória

interessantes quando trazemos a discussão para o caso do Núcleo de São Caetano, cuja população imigrante optou por outras alternativas além da agricultura familiar, pois o solo em nada contribuiu para o plantio. Assim eles buscaram na tradição dos produtos cerâmicos, iniciada pelos padres beneditinos, o caminho de sua sobrevivência. No Núcleo Colonial de São Caetano, os imigrantes desenvolveram e intensificaram a tradição cerâmica e o fabrico de carvão. *Os colonos italianos logo desistiram de suas tentativas de desenvolver lavouras, permanecendo apenas com uma produção de subsistência, e famílias inteiras, incluindo meninas e meninos, aprendiam um novo ofício, dedicando-se à arte da olaria.*^[1] E também não foi uma comunidade que serviu de mão-de-obra para as fazendas. Ao contrário, caminhou rumo à industrialização.

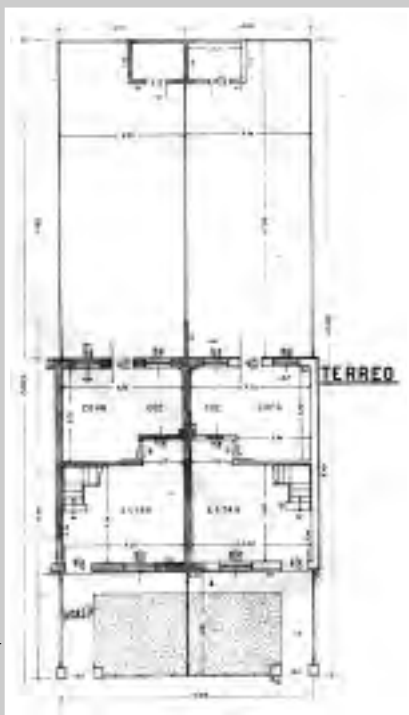
Anterior à implantação dos núcleos coloniais, um dos fatores primordiais para o desenvolvimento da região de São Bernardo foi a instalação da estrada de ferro das estações de parada, como por exemplo a parada de trem que originou a Vila de Santo André, antes denominada Bairro Estação. Facilidade de transporte, recursos

hídricos, matéria-prima, terras ociosas e benefícios fiscais concedidos pelo município condicionaram a formação de áreas industriais na região, dando impulso ao desenvolvimento socioeconômico e populacional. E, como dissemos, núcleos como o de São Caetano já possuíam tradição na fabricação de produtos cerâmicos, contribuindo para sua posterior industrialização, no período que se estendeu do final do século XIX até meados da década de 1940. Tanto São Caetano quanto Santo André receberam várias indústrias que estruturaram o parque industrial da região e da cidade de São Paulo definitivamente. Langenbuch, em sua tese *A estruturação da Grande São Paulo, comenta que a faixa São Caetano - Santo André é a última porção dos arredores paulistanos a se transformar em verdadeira 'zona industrial suburbana'*. *A mesma se destaca pelo grande número de indústrias que aí se estabelecem pelo tamanho e pela diversidade de ramos industriais.*^[2] Sobretudo, foi também nesta zona que despontaram os primeiros problemas urbanos decorrentes da falta de planejamento, do aumento populacional e da expansão territorial. Principalmente os ligados ao saneamento e à infra-estrutura de

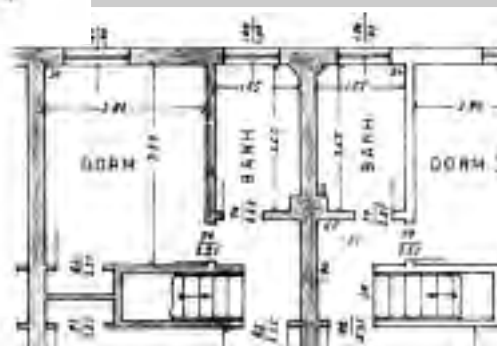
Desenho de implantação da Vila Operária das Indústrias Matarazzo em São Caetano do Sul



Documento particular de Amaldeo Blum



Planta - térreo - Vila Operária das Indústrias Matarazzo em São Caetano do Sul



Planta 1.º andar - vila operária das Indústrias Matarazzo em São Caetano do Sul

co em termos de melhoramentos urbanos.

Devido à intensificação das atividades industriais que incentivaram o surgimento do comércio local e do artesanal, São Caetano foi adquirindo características urbanas. O Bairro da Fundação, que deu origem à comunidade, ficou marcado pela presença de olarias e, num segundo momento, pelas indústrias e fábricas. Ambas se instalaram às margens dos rios Tamandateí e Meninos e ao longo da estrada de ferro.

Na década de 1910, em São Caetano, a atividade industrial cresceu e se intensificou. Surgiram várias olarias, sendo a Cerâmica São Caetano, antiga Cerâmica Privilegiada, uma das mais importantes da cidade, porque a fama de seus produtos pautou até mesmo o padrão de qualidade que deveria ser atingido pelas olarias concorrentes, mostrando o quanto esta atividade era rendosa e disputada na época. Nessa década, a cidade assistiu à abertura de novos loteamentos. Mesmo sem legislação municipal específica para as questões de urbanismo, a cidade ampliava seu espaço físico e os loteamentos *pipocavam em todo o ABC* (expressão de Ademir Medici), em especial na faixa ferroviária entre São Caetano e Santo André.

Os traços de urbanidade foram tomando conta de São Caetano. Com a ocupação das cercanias do Bairro da Fundação, surgiram as primeiras vilas da cidade, através da divisão de lotes coloniais. Na década de 1910, a região central mesclava várias configurações urbanas, desde *casas com grandes quintais* até *pequenas casas, baixinhas, que começavam a ser construídas para serem alugadas*. E depois, sofrendo processo de ocupação mais rápido, surgiram,

que os agrupamentos não dispunham.

No antigo Bairro da Estação, a municipalidade de São Bernardo procurou tomar providências para melhorar as condições urbanas e, até mesmo, incentivar as empresas imobiliárias com isenções fiscais para a construção de casas populares, como medida de saneamento. Empresas imobiliárias também se aventuraram na prestação de serviços de transporte, como o caso da *Empresa*

Imobiliária de São Bernardo, da família Pujol, que forneceu os primeiros bondes que serviram a faixa entre São Caetano e o Bairro Estação. Mesmo assim, a história nos conta que, no princípio da década de 1930, o Município de São Bernardo possuía 70 mil habitantes e *não tinha, praticamente, nem água encanada nem rede de esgoto.*^[3] Os núcleos urbanos progrediam economicamente com as indústrias e fábricas implantadas, mas pou-

ao redor da estação de trem, os primeiros cortiços da cidade (...) junto à Rua João Pessoa, antiga Rua da Formicida e também conhecida por Estrada do Curandeiro. Estes cortiços possuíam perto de 15 famílias, cada uma morando em quarto e cozinha. As casas da frente ofereciam maior comodidade que as dos fundos. Normalmente, tais casas eram ocupadas por trabalhadores de diversas nacionalidades: espanhóis, italianos, portugueses e brasileiros, claro. As privadas eram coletivas, para grupo de três ou quatro famílias cada.¹⁴¹

Observa-se como a formação de São Caetano foi tomando contornos semelhantes aos da cidade de São Paulo, principalmente quanto à necessidade de habitação operária, que merecia a atenção da municipalidade, e também em relação à faixa acortçada que foi se formando no centro sem planejamento e fiscalização. Ademir continua dizendo que o centro de São Caetano, então, tinha essa configuração. Velhos lotes coloniais iam cedendo espaço ao urbano, sem um projeto que desse um norte às intervenções. Apesar disso, persistiam em São Caetano traços campestres e rurais, permeados pelas cercas que dividiam os terrenos e pelas chácaras, carregadas de árvores frutíferas, que

faziam a diversão da molecada. Fatos muito bem contados por moradores mais antigos e memorialistas de São Caetano.

O processo de formação da urbanidade de São Caetano mostra uma cidade atrelada às formas de especulação e de apropriação do espaço urbano, onde a terra era produto de comercialização por parte de seus proprietários, que produziram diversas soluções construtivas variando desde casinhas de quarto e cozinha até casas maiores e vilas operárias.

Em relação ao surgimento das primeiras vilas operárias, a Vila de Paranapiacaba foi provavelmente a primeira a ser construída na região do ABC. A vila surgiu em função da implantação da ferrovia e do sistema funicular construído para vencer o desnível da Serra do Mar até o Porto de Santos. No término das obras de implantação do primeiro sistema funicular (1867), a grande maioria dos trabalhadores foi dispensada, ficando apenas aqueles necessários para a manutenção da ferrovia. Assim teve origem o vilarejo denominado Alto da Serra. A população só se fixou quando se instalou o segundo sistema funicular (1900) Serra Nova e a companhia São Paulo Railway Co. promoveu a fixação dos trabalhadores no local. Foi até mesmo

elaborado um projeto para a vila, conhecida como Vila Martin Smith, envolvendo o planejamento das ruas e a construção de residências de várias tipologias, obedecendo aos moldes da arquitetura britânica.

Construída na parte baixa, para abrigar os funcionários da ferrovia, a Vila Martin Smith apresenta espaço hierarquizado determinado pelo tamanho das casas e das ruas, com especial destaque para o *castelinho*, situado numa elevação natural no centro da vila e de onde o engenheiro chefe de obras podia controlar e fiscalizar todo o movimento. Com exceção desta casa, que naturalmente domina a paisagem, podemos notar uma uniformidade no conjunto da vila, que é formada por várias casas moduladas, de tamanhos grandes e pequenos, isoladas ou em estilo geminado, construídas em pinhode-riga. Além da *Vila Martin Smith*, Paranapiacaba é composta pela *Parte Alta*, de ocupação espontânea e ruas sinuosas; o *Pátio Ferroviário*, onde estão os maquinários do plano inclinado que controlava os funiculares e fazia a descida e subida da serra; e, por último, a *Vila Velha*, constituída pelas edificações mais antigas.

A história de Paranapiacaba é bastante extensa e envolve muitos pesquisadores e historiadores que já escreveram sobre ela. Além das edificações da Vila Martin Smith, a SPR também manteve, ao longo da linha de trem, alguns conjuntos residenciais para os seus funcionários. Caso, por exemplo, do conjunto de residências de tijolo construído em São Caetano do Sul, que faz parte da história da cidade e permanece com suas características originais. O pequeno conjunto resistiu ao tempo e foi incorporado ao patrimônio cultural e histórico da cidade. Não se





Conjunto de casas operárias pertencentes às Indústrias Matarazzo em São Caetano do Sul

trata exclusivamente de uma vila operária construída próxima à fábrica, mas está inserida no contexto da implantação e manutenção da estrada de ferro.

Em São Caetano, no Bairro da Fundação, existe também a Vila Maria Pia, erguida pelas Indústrias Reunidas F. Matarazzo, bastante significativa para a história desse império, que se tornou uma referência emblemática, tanto pelo conjunto das residências quanto pela própria fábrica que surgiu em 1912. A Matarazzo iniciou suas atividades na cidade arrendando quatro fábricas da antiga Pamplona Sobrinho & Cia, absorvida completamente pelo grupo, em 1916. Seus negócios foram crescendo de tal forma que geraram uma sucessão de empreendimentos, dando origem a várias indústrias e formando o conjunto das Indústrias Reunidas F. Matarazzo de São Caetano.

Com forte poder de concentração de renda, as fábricas da Matarazzo de São Caetano empregaram numerosa força de trabalho assalariado, em sua maioria moradores do próprio bairro. O conjunto de residências construído na Avenida do Estado e nas ruas adjacentes à fábrica mostra claramente o tamanho do poderio econômico do grupo, que sempre construiu habitações para os seus operários. E, em São Caetano,

não foi diferente. Porém só construíam casas e vilas, ao contrário, por exemplo, da Vila Maria Zélia. Diz Eva Blay que a empresa não tinha preocupação em construir mais do que as casas e os postos de abastecimento. Igrejas, escolas ou postos médicos foram construídos. A construção das vilas era iniciativa da própria indústria e foram aproveitados técnicos, engenheiros e pessoal ligado à indústria. Ela mesma se encarregou da construção das vilas, sempre em terrenos pertencentes às indústrias e próximos às fábricas.¹⁵¹ A contratação da mão-de-obra, diz Medici, era obtida com a apresentação de um parente, de um amigo, de um conhecido.

A casa era ofertada, a preços irrisórios, indistintamente à mão-de-obra qualificada, técnica, engenheiros e administradores, dependendo essencialmente da necessidade manifestada pelo indivíduo e pelo interesse da indústria em tê-lo como empregado. A boa folha de pagamento, os anos de casa, a necessidade e a disponibilidade de determinada categoria de mão-de-obra¹⁶¹ ajudavam na obtenção de uma moradia, como também os contatos diretos com o patrão. Esses critérios apresentados por Blay sobre a Vila Cerealina (Bairro Belém, em São Paulo, pertencente também aos Matarazzos), provavelmente

eram os mesmo critérios aplicados às fábricas de São Caetano. Até mesmo o estilo e o padrão das construções são semelhantes.

Durante a década de 1960, o grupo sofreu abalos financeiros e muitas de suas vilas foram vendidas para os operários. Investimento que certamente contribuiu para reerguer o grupo. Em 1972, ocorreu a venda das casas de São Caetano, a qual colaborou para o processo de descaracterização da vila, seja com relação aos aspectos físicos, pois sofreram alterações e modificações internas e externas, seja quanto às relações de sociabilidade entre os moradores, as quais foram se perdendo ao longo deste processo, já que muitos agora nem ao menos se conhecem e também não mantêm uma identidade com o local. Os antigos proprietários foram se mudando e com isso a vila foi perdendo suas características e unidade. As vilas dos Matarazzos são exemplos que marcam claramente o processo de industrialização de São Caetano. Isso mostra como essas indústrias, que ocuparam grande área do bairro, foram se tornando uma referência na história da cidade e da vida dos moradores. No caso de Santo André, as primeiras fábricas, como a Kovarick e a Streiff, também construíram vilas operárias com o intuito de atrair e de fixar mão-de-obra.

Também lembrada na história de São Caetano, a Vila Tupan foi a primeira vila operária construída no Bairro São José, na década de 1940. A Cerâmica Tupan, idealizadora da vila, abrigou, no auge de sua produção, por volta de 150 empregados na fabricação de telhas, tijolos, blocos cerâmicos, ladrilhos e tijolos refratários. As primeiras casas construídas, e existentes até hoje, ficam na Rua

Senador Fláquer, esquina com a Rua Engenheiro Armando de Arruda Pereira. *Uma daquelas casas serviu até como casa paroquial*. Pertencente aos descendentes da Cerâmica, a vila engloba extensão de aproximadamente 93500 m², distribuídos entre os lotes, as ruas, as praças e jardins, num total de 16 quadras e meia. Numa das praças, está o primeiro campo de aeromodelismo da cidade, construído no final da década de 1960.⁷

A Cerâmica Tupan foi uma das pioneiras na urbanização do bairro, (devido ao tamanho da área loteada), a qual não se restringiu apenas à edificação das casas, mas também envolveu a construção de ruas e praças. O que muda é a postura em relação à administração da vila. Se as vilas dos Matarazzos foram construídas, num primeiro momento, sem interesse de venda, para abrigar os funcionários da empresa, a Vila Tupan, ao que parece, teve um caráter urbanizador no bairro, principalmente quando avaliamos a relação entre a quantidade de funcionários e o tamanho do empreendimento, evidenciando que parte dos lotes foi comercializada posteriormente.

Outra fábrica importante da cidade e que também construiu vila operária foi a Cerâmica São Caetano, detentora de duas grandes áreas de onde extraía a matéria-prima: uma delas conhecida como Buracão da Cerâmica; outra, também utilizada para extração, adquirida, na década de 1940, junto ao loteador, coronel Seckler. Próximo ao Buracão da Cerâmica, a fábrica construiu a Vila dos Engenheiros, situada no final da Rua Espírito Santo e destinada aos altos funcionários da

Cerâmica. Na segunda grande área, a fábrica idealizou, entre a Rua Engenheiro Armando de Arruda Pereira e a Estrada das Lágrimas, projeto de 100 casas para os seus operários. Todavia, só foram construídas 20 casas, posteriormente demolidas. Da Vila dos Engenheiros sobraram apenas quatro casas e o Buracão foi transformado numa importante área verde de lazer e recreação, o Espaço Verde Chico Mendes, que também abriga o Palácio da Cerâmica, a atual sede da Prefeitura Municipal.

Ligadas à fase de implantação das indústrias, as vilas operárias assumiram um papel preponderante no processo de construção da cidade, dos espaços urbanos e da fixação da mão-de-obra imigrante. As soluções urbanísticas, principalmente as vilas construídas nos bairros operários de São Paulo, são bastante diversificadas e trazem à tona questões intrínsecas e fundamentais sobre o modo de ocupação e de expansão da cidade.

A discussão se estende quando avaliamos o modo de ocupação e implantação das vilas, que apresentavam soluções espaciais bastante ricas, marcando a paisagem com suas edificações e suas entradas. Além disso, a periferia paulista foi se consolidando através dos loteamentos residenciais populares criados sob a égide do máximo de aproveitamento do terreno. Como dissemos, na década de 1940 os especuladores reinterpretaram as normas urbanas e produziram loteamentos que não tinham as mesmas qualidades urbanísticas das vilas operárias construídas nas primeiras décadas do século XX, levando-nos a uma discussão interessante sobre as formas de moradia popular. Discussão

essa bastante atual e relevante para os grandes centros urbanos, onde a presença de grandes número de cortiços e favelas mostra que o problema não foi solucionado.

NOTAS

- [1] LODUCA, 1999.
- [2] LANGENBUCH, 1971, apud MEDICI, 1993.
- [3] MEDICI, 1993.
- [4] Idem.
- [5] Apud BLAY, 1985
- [6] Idem.
- [7] MEDICI, 1985.

BIBLIOGRAFIA

- BLAY, Eva Alterman. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.
- GROSTEIN, Marta Dora. Expansão urbana e habitação da classe trabalhadora: da vila operária ao lote popular. In: SAMPAIO, Maria Ruth de (Coord.). *Habitação e cidade*. FAUUSP/FAPESP, 1998. p. 101-122.
- LEMOS, Carlos A. Cerqueira. Os primeiros cortiços paulistanos. In: SAMPAIO, Maria Ruth de (Coord.). *Habitação e cidade*. FAUUSP/FAPESP, 1998. p. 9-38.
- LODUCA, Wilson. *São Caetano: de várzeas alagadiças a príncipe dos municípios*. São Paulo: Editora Hucitec-São Caetano do Sul, Prefeitura de São Caetano do Sul, 1999.
- MARTINS, José de Souza. A visita do imperador D. Pedro II ao núcleo colonial de São Caetano, em 1878. In: Raízes. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória SCS, Ano I, n. 2, p. 4-10.
- MEDICI, Ademir. *Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo – São Caetano do Sul: Hucitec, Prefeitura de São Caetano do Sul: 1993.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. As primeiras fábricas em São Paulo. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 11 ago. 1990, Caderno de Sábado, p. 6.
- TEIXEIRA, Palmira Petratti. *A fábrica do sonho: trajetória do industrial Jorge Street*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

(*) André Luis Balsante Caram é arquiteto e pesquisador da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

68 anos de chocolates Pan

Carlos Alberto de OLIVEIRA (*)

Os primeiros produtos da Pan saíram (1935) na linha tradicional, mas tiveram um lançamento sui generis, com intensa propaganda de que seria lançado um foguete à lua; e, segundo consta, algumas pessoas teriam ido até ao Campo de Marte, na cidade de São Paulo, onde supostamente aconteceria o evento. E justamente dentro do contexto científico abrangente da astronomia, astronáutica, teorias modernas, de onde viemos e para onde vamos, o planeta Terra e sua comédia biológica, foi que surgiu o Concurso Pan, um álbum de interessantes figurinhas para colecionar, que despertou a curiosidade de todos, por volta de 1941.

Aldo Aliberti, engenheiro químico formado em Turim, Itália, convidou seu cunhado

Oswaldo Falchero, engenheiro eletricitista, formado em São Paulo, para construir uma fábrica de chocolates, balas e confeitos. Em Dezembro de 1937, a Pan lançava seus chocolates e

bombons em formato de peixes e outros animais, charutos, corações e formas geométricas, padrões usados na época.

A PAN (Produtos Alimentícios Nacionais S/A.) foi fundada em 1935 pelos engenheiros Oswaldo Falchero e Aldo Aliberti. Encontra-se localizada na Rua Maranhão, 835, em São Caetano do Sul.

A idéia de fazer uma indústria de balas e chocolates partiu do engenheiro Aldo, que, motivado por um amigo seu, mecânico de máquinas de balas e chocolates, resolveu entrar em outro ramo, pois a sua experiência era uma indústria de botões, as Indústrias Aliberti, na mesma São Caetano do Sul.

Decidido a começar a sua indústria de balas e chocolates, chamou seu cunhado, Oswaldo,



Funcionários na frente da Fábrica Pan - Produtos Alimentícios Nacionais. Década de 40

Pan - Produtos Alimentícios Nacionais S/A.



Linha de produção da Pan

Pan - Produtos Alimentícios Nacionais S/A.

para que o ajudasse neste novo empreendimento, pois não tinha muito tempo disponível. O engenheiro Oswaldo Falchero, na ocasião, estava estagiando com seu amigo mecânico, ou seja, já tinha um pouco de conhecimento das máquinas do ramo.

O primeiro passo para a indústria foi a compra de um terreno de 4.000m², em São Caetano do Sul, onde ainda está instalada a fábrica. Era um terreno baldio, sem água, esgoto, luz. Enfim, sem nenhuma infraestrutura.

Oswaldo fez o levantamento topográfico e verificou que o terreno possuía um grande desnível. Com ajuda de carroceiros, ele aterrou o local e deu início à construção do primeiro salão, com 720 m², aproximadamente. Foram respeitadas todas as exigências de uma indústria alimentícia: azulejos brancos, telha de barro, iluminação etc.

Em 1936 iniciou-se a fabricação dos primeiros produtos mediante máquinas usadas (compradas no Rio de Janeiro e em São Paulo) e caldeira a vapor, para poder cozinhar alguns

ingredientes. As máquinas utilizadas nessa época eram: refinadeira de granito (as atuais são de aço); *melanger* para misturar os ingredientes; máquinas de enformar o chocolate, as quais eram muito barulhentas. As geladeiras usadas para resfriar o chocolate eram fixadas na parede.

Hoje, a máquina de enformar é totalmente automatizada, e as formas já desembocam em túnel de refrigeração. Em dez minutos o chocolate está pronto para

ser desenhado.

As balas eram feitas em tachos, e o *ponto* era conseguido por confeitores. Depois de pronta a massa, o formato era dado por uma prensa e as balas embrulhadas a mão, uma a uma. Hoje, a massa da bala é feita em enorme tacho a vapor. O formato das balas é dado por máquinas, que as estampam e as embrulham, despachando-as por uma esteira rolante até serem ensacadas. Tudo totalmente automatizado.

No início, os engenheiros contrataram um técnico que possuía bastante experiência no ramo e que os ajudou significativamente, quanto às *dicas* de matéria-prima, onde comprá-las, processos de fabricação etc. Mas eram os fundadores que selecionavam o que iriam fazer. A matéria-prima comprada chegava à fábrica em caminhões ou trens. O cacau da Bahia, por exemplo, primeiro vinha de navio e depois era encaminhado à indústria.

Os principais concorrentes da época eram Falchi, Gardano, Lacta, Sonksen, Sultana, Dizioli, Rocco, Garoto e Laf.



Pan - Produtos Alimentícios Nacionais S/A.



Pan - Produtos Alimentícios Nacionais S/A.



Aldo Aliberti, em primeiro plano, em uma motocicleta do Moto Clube de São Paulo. Década de 40



Ao lado do carvião, o vendedor da Pan Orestes Adinolfi e o motorista Abel, vestido a caráter, com quepe de piloto, gravata clara e uniforme cortado em estilo inglês. Local: São Vicente

Os primeiros funcionários eram, em sua maioria, imigrantes espanhóis e moradores da redondeza. Os salários eram baixos e não havia encargo social. Pagavam-se somente as férias. Muitas vezes, algumas famílias iam buscar balas para embrulhar em casa, recebendo por quantidade embrulhada.

CURIOSIDADES - Em 1937, a Fábrica de Chocolates Pan utilizava para suas entregas um carro alemão marca Adler, com a traseira reproduzindo o formato de um avião. O veículo era conhecido como carvião: frente de carro e traseira de avião.

Na década de 30, a Fábrica de Chocolates Pan era ousada na criação de carroçarias para seus veículos de entrega de produtos. Uma destas estranhas carroçarias foi feita em cima de um chassi *international*, em 1938 (cabina montada na forma original). Na traseira, o baú tinha um frontal avançado sobre a cabina e era sustentado por um cano soldado no pára-choque. O frontal avançado tinha a finalidade de criar mais espaço para transportar os produtos. Neste mesmo frontal havia dois

faróis e uma espécie de língua que se abria para que o ar entrasse e refrescasse o furgão.

Até hoje a bala Paulistinha, inspirada na Revolução de 1932, azedinha, é produzida.

Depois vieram os cigarrinhos de chocolate da Pan, com a imagem de dois garotos, um branco e um negro, estampada na carteira. Atualmente a Pan alterou o nome de cigarrinhos para rolinhos, no intuito de não induzir as crianças ao vício do tabagismo.

ÁLBUM - Na década de 40, a Pan lançou um álbum de figurinhas e premiava quem o completasse com microscópios, binóculos, máquinas fotográficas e outras dezenas de brindes instrutivos. Essas figurinhas, com temas de astronomia, meios de transporte e ciências gerais, despertavam nos jovens o interesse pela ciência.

Em 1976, adquirimos e reformamos máquinas para embrulhar bombons tipo bola e outros, possibilitando o aumento da capacidade produtiva para 7.000 kg/dia. A linha de bombons sortidos ganhou máquina extrusora, lançando no mercado uma série inovadora de bom-

bons extrusados com recheios de banana, laranja cristalizada, figo seco, cocada e uva passa. Essa máquina, em linha de produção com a Cobrideira Sollich - 620, atingiu a produção de 400 Kg/h. Com a reformulação das embalagens de caixas de bombons para presente, o volume de vendas foi elevado a 3000 caixas/dia. Com essa estratégia foi possível manter o produto na liderança de faturamento até 1984.

A lista de granulados para coberturas - a fim de cobrir o famoso brigadeiro de todas as festas -, também é orgulho nosso. Ovos de Páscoa, balas Paulistinha, bala de goma, chocolate em pó, moedas de chocolate, bombons recheados com frutas ao licor, bombons extrusados de banana, coco e moldados e tabletes de chocolates dietéticos completam a linha tradicional de produtos brasileiros da PAN. São 64 anos fabricando gostosuras autenticamente brasileiras.

Em 1999 inauguramos nossa primeira loja de fábrica com muito sucesso.

(*) Carlos Alberto de Oliveira, engenheiro metalúrgico, é diretor industrial da Pan

Ferros elétricos de São Caetano para o mundo: a trajetória da Tupy

Mário Porfírio Rodrigues (*)

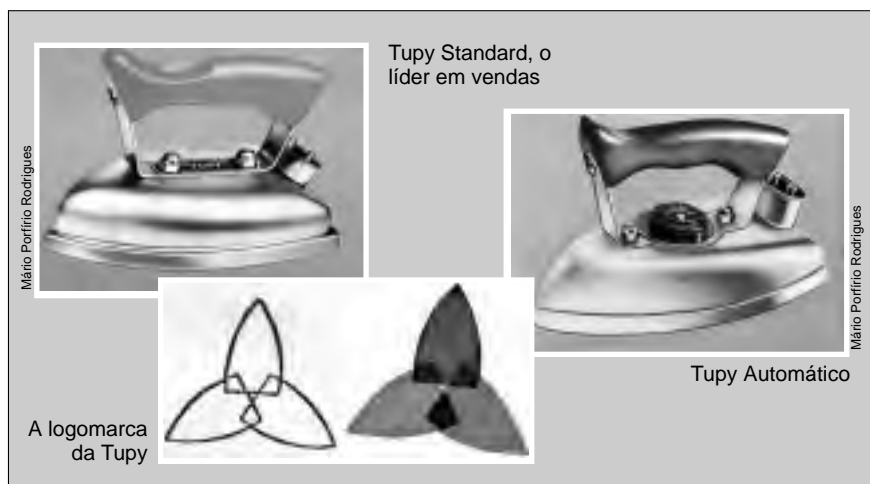
Filho de imigrantes italianos, Nicola Infante nasceu em Sertãozinho, São Paulo, em 1892, e jovem ainda veio para São Paulo. Trabalhou muitos anos na Fábrica de Chocolates Falchi e fundou a Fábrica de Doces Bela Vista no bairro de mesmo nome. Construiu um grande galpão na Rua Major Diogo, 226, São Paulo, onde passou a residir com a família e admitiu dois sócios.

Em 1936 vendeu a fábrica, que existe até hoje, para os sócios, permanecendo com o imóvel que alugava para pequenos industriais. Em 30 de Maio de 1949 foi fundada a Indústria Elektrit Ltda. - cuja atividade era a fabricação de aparelhos elétricos e guarda-chuvas -, que se instalou nesse endereço.

Nicola teve quatro filhos: Sabino, Pedro, Antônio e José. Antônio formou-se com distinção em Ciências Econômicas, recebendo uma bolsa de estudos para estagiar nos EUA, em bancos norte-americanos.

Ao regressar do exterior, em 1945, reassumiu suas funções no Banco do Brasil S/A, ingressando logo depois no Banco Cruzeiro do Sul e, posteriormente, no Banco Popular do Brasil, atuando em ambos como gerente da filial de São Caetano do Sul. Em primeiro de Outubro de 1951 ingressou na Elektrit, na qualidade de sócio, mas continuou sua carreira bancária.

Transcorridos dez anos, Antônio Virgílio Infante, deixando sua carreira bancária, tornou-se diretor-presidente da empresa (que já havia adquirido a Ferros Bastos S/A.) Produzia ferros elétricos e painéis de pressão e estudava a mudança das suas instalações para São Caetano do Sul. Conforme o *Diário Oficial* de 13 de Janeiro de 1962, página 29, a



empresa realizou um aumento de capital com a admissão de quatro novos sócios: Anacleto Campanella, Jayme da Silva Reis, Giro Striani e Rolando Maneo.

Em assembléia realizada em oito de Novembro de 1965, não aparecem mais os novos sócios, e a denominação da firma passa a ser Ferros Elétricos Tupy S/A. (dirigida por três diretores: Antônio Virgílio Infante, presidente; Francisco Onaga, administrativo; e Emílio Tambucci, técnico).

Em Setembro de 1958, a firma adquiriu dos irmãos Sumie e Keigo Toyoda uma área industrial na Alameda São Caetano, 2803, onde atualmente se encontra um depósito das Casas Bahia. Nesse local ampliou a produção de ferros elétricos, instalou uma grande fundição - setor de niquelação - e passou a produzir, de forma integrada, os ferros elétricos, seu item principal. Adquiria de terceiros somente as resistências elétricas, que vinham de Minas Gerais, onde se concentram as maiores minas de mica.

Em 1970, surgiu no Governo Federal o chamado *milagre brasileiro*, e o ministro Antônio Delfim Neto dizia ter a fórmula para resolver o problema do país: *Exportar é a solução*. Crédito para o Imposto de

Renda, isenção de IPI, diminuição do ICM, enfim, uma série de vantagens fiscais foram oferecidas aos exportadores. Feitos os cálculos (a mão-de-obra era mais barata na época), era possível vender o ferro elétrico Tupy Standard, o de menor custo, por pouco mais de três dólares americanos.

A indústria produzia vários tipos de ferros elétricos: Automático, Bastos, Wagner, Viagem, porém, o chamado Standard representava dois terços do total vendido. Possuía também um setor que fabricava aquecedores de ambiente, grelhas de ferro fundido, todavia, em quantidades menores. A fabricação de painéis de pressão foi descontinuada.

O ferro elétrico Standard era simples e surgiu para substituir os ferros a carvão. Consistia em duas chapas de ferro fundido - tendo no meio uma resistência de cobre protegida por mica -, uma capa de chapa de ferro prensado e niquelado e o cabo de madeira. Pesava 1,8 kg e era fornecido em 120, 220 ou 240 volts, de acordo com o pedido do comprador.

A Tupy iniciou a abertura de alguns mercados no exterior. A sua força de venda estava concentrada no Standard de custo baixo e, portanto, para venda em países pobres. Em

1972, reestruturou a empresa e fez duas contratações: Mário Porfírio Rodrigues, para ser o responsável pelos setores administrativo e de vendas, incluindo exportação, e Norberto Magnusson, como gerente técnico. Possuía representantes e postos de assistência técnica em todo o território nacional. Como encomendas de diversos países começaram a chegar, a fábrica cuidava de nomear representantes no exterior.

A relação de países onde, durante muitos anos, eram encontrados os ferros elétricos inteiramente produzidos em São Caetano do Sul, mostra que o modelo Tupy Standard tinha preço compatível com o poder aquisitivo dos importadores. Várias exportações foram feitas para clientes do Equador, República Dominicana, Jamaica, Honduras, Haiti, África do Sul, Angola, Lourenço Marques, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Panamá, Peru, Porto Rico, Venezuela, Bolívia, Nigéria e Paraguai. Outros países fizeram importações esporádicas.

As exportações da Tupy em 1978 somaram 120 mil dólares americanos (US\$120.000,00).

Após oito anos, o chamado *milagre brasileiro* havia acabado. Os inúmeros benefícios fiscais deixaram de existir, a mão-de-obra foi ficando cada vez mais alta com a concorrência da indústria automobilística, a moeda



Antônio Virgílio Infante atualmente

Mário Porfírio Rodrigues

brasileira estava mais escassa no mercado e cada vez mais distante do dólar americano. Por outro lado, os impostos internos e os juros aumentaram em proporções difíceis de enfrentar.

Além desses acontecimentos, a multinacional GE (General Electric) inaugurava, em Santo André, uma grande e moderna fábrica de ferros elétricos automáticos modernos, (com componentes de plástico e desenho atualizado), capaz de produzir um milhão de unidades por ano. Na mesma linha, outra multinacional, a Philips, estava lançando o seu moderno ferro elétrico automático marca Walita.

Em razão das fortes campanhas publicitárias, o consumidor foi dando

preferência aos modernos ferros automáticos.

Ao encerrar o balanço contábil anual, o acionista majoritário, Antônio Virgílio Infante, admitiu a possibilidade de vender suas ações. Alguns contatos foram feitos e várias reuniões realizadas com três grupos que se mostraram interessados em adquirir a firma.

Conforme Ata da Assembléia Geral, realizada em 15 de Agosto de 1981, na Alameda São Caetano, 2803, a diretoria renunciou e assumiram os novos diretores que já haviam, na realidade, adquirido o controle acionário da empresa. Foram eleitos: diretor presidente, Adahyl Mendes Cordeiro; diretor vice-presidente, Walter Pierino Squadroni; diretor comercial, Mauro Martins; diretor industrial, Cesare Squadroni.

O gerente de administração e vendas e o gerente técnico, respectivamente Mário Porfírio Rodrigues e Norberto Magnusson, também se demitiram junto com Antônio Virgílio Infante. Alguns meses depois, somente Adahyl Mendes Cordeiro e seus filhos permaneciam na direção da Tupy.

Com o departamento comercial enfraquecido e em virtude da grande concorrência dos ferros elétricos automáticos das multinacionais, foram fechadas as fábricas Cofega, Tupy e Vilanova, que produziam no Brasil o produto não automatizado.

Os irmãos Squadronis, que permaneceram pouco tempo neste ramo, continuaram com a empresa que possuem desde 1949, em São Caetano do Sul, fabricando peças de plástico. Atualmente estão construindo uma nova indústria no Bairro de Sertãozinho, em Mauá, com um investimento de R\$1,3 milhões, para onde deverão se mudar até o final de 2003.



O gerente técnico, Norberto Magnusson, em pé, troca idéias com o gerente de administração e vendas, Mário Porfírio Rodrigues. Ano de 1975

Mário Porfírio Rodrigues

(*) Mário Porfírio Rodrigues é fundador do Rotary Club de São Caetano do Sul, do Jornal de São Caetano, do Hospital Beneficente São Caetano e, atualmente, é membro do Rotary Club de São Paulo

O cotidiano de algumas famílias do município entre 1930 e 1960.

Deives Manoel CAMARGO (*)

O homem é um ser social. Tem necessidade de se relacionar com outras pessoas. Isso se dá numa simples roda de amigos, na escola, na igreja, no trabalho e até mesmo na própria família.

Este artigo traz um panorama da formação do Município de São Caetano do Sul, incluindo a imigração italiana no período do ciclo do café e a Estrada de Ferro *São Paulo Railway*. É, além disso, complementado com o cotidiano social de algumas famílias imigrantes que viveram entre as décadas de 1930 e 1960.

A vida social e a relação entre o trabalho e o lazer das famílias descritas aqui afloraram através de pesquisas bibliográficas e de depoimentos colhidos em entrevistas pessoais ou relatadas.

A história de São Caetano do Sul está relacionada com a história do Município de Santo André do mesmo modo que a desse município se prende à da capital. Os monges beneditinos radicados no Brasil fundaram a Fazenda de São Caetano nas terras de Tijuçu. Sua formação foi uma homenagem ao Santo da Divina Providência (São Caetano), muito cultuado pela ordem beneditina dessa fazenda.

Registros de 1764 nos mostram que os monges administradores da fazenda construíram o marco da futura cidade e erigiram uma pequena capela tosca que, mais tarde, com a chegada dos imigrantes italianos em 1877, foi transformada na Paróquia São Caetano.

Em artigo de *Raízes* nº 1, 1989, Oscar Garbelotto escreve:

Era muito forte a religiosidade

Ângelo Lodi e família, em frente ao táxi de Ângelo, em Aparecida do Norte. Da esquerda para a direita: Otacílio, Anésia, Valdemar, Ângelo Lodi e sua esposa Diva de Lima e Thereza Lodi.



Divina de Lima Camargo

daqueles primeiros colonos, manifestada pela busca constante dos atos da fé (...). A velha igreja que assistiu à chegada dos colonos era o ponto de encontro de São Caetano.

Um atrito entre a igreja e o Marquês de Pombal acabou por decretar o fim das atividades beneditinas nas fazendas, e as terras acabaram sendo abandonadas aos poucos. Com isso, o mato encobriu o marco da fé cristã, junto à atual Matriz Velha.

As primeiras atividades econômicas na região de São Caetano só voltaram a ser retomadas em meados do século XVII, quando os beneditinos retornaram e iniciaram novas culturas e edificaram também uma olaria.

Com a inauguração da estrada de ferro inglesa, a *The São Paulo Railway*, recomeçava a luta pela sobrevivência e pelo progresso em São Caetano.

O cultivo do café aos poucos ia substituindo os canaviais de açúcar, transformando São Paulo no principal eixo econômico brasileiro. Vindo do Oriente, o café tornou-se o principal produto agro-exportador do país, movimentando a economia

brasileira desde a época do Império. Plantado com sucesso nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, principalmente na Região do Vale do Paraíba, o café trouxe prosperidade e progresso a todo o país. São Paulo tornava-se o estado que mais produzia café no mundo, até a crise de 1929.

A concentração econômica estava nas mãos dos latifundiários, na maioria paulistas, cujas fortunas estavam aplicadas nas terras. Dominavam não só economicamente o país, mas também politicamente. A exportação era feita através do Porto de Santos, porto que mais exportava café no mundo. Consumidores da América e Europa se encantavam com o café nacional, que atingia larga escala de produção e valorização.

É interessante notar que a história diz que a substituição da cana de açúcar pelo café foi apenas uma questão de preferência dos agricultores, em vez de citar as reais condições das estradas, insatisfatórias, que ofereciam pouca segurança ao trânsito do açúcar. Sem falar que o açúcar percia com muito maior facilidade do que o café.

A substituição da cana de açúcar



Revolução de 1932, Campinas, 14 de Agosto de 1932. Esquadra Batalhão de Justiça. Sentado, o segundo da esquerda para a direita, João Duilhão de Lima.

pelo café também se deveu aos meios de produção. O ano em que se exportou mais açúcar (1846–1847) coincidentemente foi também o período em que algumas fazendas trocaram suas plantações de cana de açúcar pelo café. A frutificação deste café, porém, veio mais tarde, entre 1850 e 1851. Foi quando a exportação do café começou a superar, em preço e em quantidade, a exportação do açúcar. Os capitais arrecadados com o ciclo do açúcar devem ter sido empregados no plantio do café. Com isso, começava a ser decretado o fim do ciclo do açúcar, que perduraria apenas por mais alguns anos.

O café começava a entrar no mercado mundial em alta e com grande valor comercial. As dificuldades do transporte do açúcar brasileiro encareciam o produto, que já não era bem visto no mercado internacional devido a sua má qualidade. O açúcar perdia seu valor comercial, o que também desestimulava os compradores e os produtores, que antes tinham um bom produto e agora perdiam seus lucros para o café. O café rapidamente passou a ser cultivado nas fazendas de São Paulo e Minas Gerais.

Internamente, o café era transportado pela ferrovia *São Paulo Railway*, que depois passou a ser conhecida como Estrada de Ferro Santos - Jundiá e hoje se chama

Rede Ferroviária Federal. Situado entre a capital e o Porto de Santos, principal núcleo de exportações do país, São Caetano ocupava posição estratégica favorável. Primeiro como escoadouro do café no Período Áureo, mais tarde como centro industrial.

Além disso, foi necessário construir uma expansão rumo ao litoral, concretizada através da Rodovia Anchieta, (1939–1953), que permitiu levar os produtos ao litoral e abriu novas oportunidades no comércio. Os colonos dedicavam-se às lavouras de uva (de onde surgia o vinho), à extração de madeira e às olarias (antiga ocupação dos beneditinos).

Com a compra de lotes fora do núcleo urbano próximo a ferrovias, as indústrias começavam a chegar, instalando-se junto aos rios, onde as águas movimentavam as máquinas e a ferrovia facilitava o transporte.

As olarias começavam a competir com as indústrias que iam se estabelecendo pela região. A mais conhecida era a Matarazzo, que empregava vários trabalhadores, inclusive mulheres e crianças.

URBANIZAÇÃO – São Caetano cresce com rapidez e, em 1886, já é um dos grandes centros produtores da Província de São Paulo. De fato, a história político-administrativa de São Caetano acompanha em parte seu desenvolvimento econômico.

A indústria da cidade encontra no núcleo de imigrantes italianos e seus descendentes a primeira fonte de mão-de-obra adequada às suas necessidades. Mais tarde, as vilas operárias, que se formam em torno das indústrias estabelecidas na área suburbana de São Caetano, atraem os primeiros contingentes nordestinos.

O primeiro grupo de italianos, composto de 28 famílias, embarca para o Brasil em 29 de Junho de 1877, no Porto de Gênova, no *Vapor Europa*. Chegam ao Núcleo Colonial em 28 de Julho.

Em depoimento cedido ao acervo da Fundação Pró-Memória, na data de 14 de Agosto de 1995, Thereza Lodi de Lima relatou a chegada de seu pai.

Meu pai era de Cremona, na Itália, e veio para cá com oito anos. O navio chegou em Santos por volta de 1897, só depois vieram para São Caetano (...) Contava ele que meu avô ganhou algumas terras, lá no Bairro Cerâmica, para viver e trabalhar. Construiu uma casa de pau-a-pique ... é, chão de terra, de barro. Lá meus avós permaneceram até morrer, por volta de 1943. Da Itália acho que vieram só três filhos: a tia Rosina, o tio Natal e meu pai. Dizia ele ainda que teve que trabalhar duro para abrir a Rua Amazonas, com uma carroça e um burro (...) Contava que muitas vezes o burro parecia ele de tanto que trabalhava. Contou que abriu a Rua Amazonas com uma enxada. Não tinha nada lá, era tudo barro e terra. Logo depois foi trabalhar numa indústria de formicida, fazendo tampinhas para as latas de formicida.

O trabalho agrícola predominou nos primeiros anos, sobressaindo-se a cultura de videiras, cujos frutos davam excelentes vinhos. Posteriormente, surgiu o interesse pela exploração das terras argilosas, resultando no aparecimento de diversas olarias e, conseqüentemente, no de indús-

trias cerâmicas.

Em 1937, a estação da Estrada de Ferro Santos – Jundiaí, (naquela época *São Paulo - Railway Company*, acusava um movimento mensal de 98.000 passageiros, média de 3.300 por dia, de acordo com O *Observador Econômico Financeiro*, folha 37, n.º 72. Isso mostrava que São Caetano superava o resto dos municípios em capital aplicado de 110.431.900,00 (réis), com 7.022 operários adultos e 1.963 menores, para uma área ocupada de fábricas de 319.561 m².

Outro depoimento importante, que enriqueceu o arquivo local, foi concedido, ao *Jornal de São Caetano*, pelo sr. José Thomé, filho de Tomaso Thomé (integrante desse grupo de imigrantes).

Quando aqui chegamos, o trem parou diante do lugar onde hoje se instala o alojamento de conserva da estrada de ferro. Tudo era mato ao redor, havendo apenas uma trilha que, da estação, conduzia até a igreja. Caminhamos por ela para encontrar; afinal, uns casebres em volta do templo. Tudo aqui era São Caetano.

Em 1901, o território, que até então pertencia ao Município de São Paulo, foi anexado ao recém-criado Município de São Bernardo do Campo.

Em 1905, São Caetano era elevada à condição de Distrito Fiscal. A fixação das primeiras indústrias coincidiu com a elevação a Distrito de Paz, em 1916.

INDUSTRIALIZAÇÃO – A revolução industrial brasileira tomou forma principalmente no Grande ABC paulista, atingindo seu auge na década de 40. Na década de 60, a região começava a sofrer problemas e mudanças em razão da estagnação no processo de crescimento, provocada pela falta de espaço físico.

Os lotes de São Caetano, a prin-

cípio distantes uns dos outros, formam hoje uma única mancha que se confunde com Santo André, São Bernardo e os bairros paulistanos ao longo do Rio Tamanduateí e do Ribeirão dos Meninos.

O início da imigração dos europeus, entre as décadas de 1920 e 1940 (na sua maioria alemães, russos, ucranianos, italianos etc) , acelerou o processo de ruralização da cidade. Mais tarde, o quadro complementou-se com a chegada dos nordestinos (na década de 1950).

Em 1924, o então arcebispo de São Paulo, dom Duarte Leopoldo e Silva, dava ao núcleo colonial a primeira paróquia e seu primeiro vigário, padre José Tondin. A vila começava a se transformar em cidade. A Indústria Pamplona foi a primeira fábrica instalada, vindo a seguir a Fábrica de Formicida Paulista, de Serafim Constantino.

Em 1928 foi realizada a primeira campanha em prol da autonomia da cidade. O movimento, nessa ocasião, não atingiu seus objetivos. Quando Santo André substituiu São Bernardo do Campo como sede do município, em 1938, São Caetano passou a ser Segunda Zona do Distrito e ganhou oficialmente o nome de São Caetano.

A população ainda mantinha traços rurais, e os que iam chegando de

trem se acomodavam nos espaços remanescentes.

Em 1929, um levantamento estatístico indicava que São Caetano possuía 16 bairros, 93 ruas, 1.961 moradias, 35 fábricas, 15 lojas, 15 clubes, 2.246 prédios, duas igrejas, oito capelas, dois grupos escolares, seis escolas isoladas, um correio, um posto policial e um cartório. Alguns títulos de lotes que existiam na época indicavam o Bairro Prosperidade como parte de São Caetano.

No decênio de 20, havia 13 olarias, porém, foram sumindo à medida que a cidade ia se industrializando.

Nos anos 20 também *estouravam* lotes em todo o ABC: novos bairros e residências surgiam a todo instante. Foram abertas novas estações ao longo da ferrovia. A Estação de Utinga, por exemplo, inaugurada em 1933, ligava os bairros que se formavam ao centro da cidade.

Em 1944, São Caetano tornou-se Segundo Subdistrito de Santo André. Na mesma época São Bernardo tornou-se um município autônomo. Foi também na década de 20 que ocorreu a primeira tentativa de emancipação de São Caetano, que ainda estava ligado ao Município de Santo André. O movimento foi frustrado.

A chegada da multinacional General Motors (GM), entre as dé-



Fantasia para baile (família Avoli). Da esquerda para direita: Dante, Zefa, Antônio, Perceu, Zula, Irma, Pedro

Divia de Lima Camargo



Bar e Restaurante de João Duilho de Lima (o primeiro à esquerda), muito freqüentado pelos funcionários da General Motors na hora do almoço. Ano de 1954.

cadadas de 20 e 30 (instalou-se na Avenida Goiás, em São Caetano do Sul), movimentou o setor industrial do país. Porém a construção de carros ainda não era feita aqui. Apenas se importavam as peças e se montavam os carros. De 1930 a 1940, a cidade ainda mantinha características rurais. As ruas eram de terra e eram poucos os que possuíam água encanada, luz e estrutura urbana. A comunidade se unia para obter melhoramentos e formar os bairros.

Nos anos de 1940, o governo incentivava o consumismo e havia o desejo de se produzir aqui no Brasil aquilo que vinha de outros países. O governo incentivou a abertura de indústrias no intuito de produzir a matéria-prima para a fabricação de bens de consumo.

A década de 1940 foi um período forte na industrialização e rígido na política, em função da ditadura imposta pelo Estado Novo. Nesse contexto, os trabalhadores se organizaram até conseguir sua representação política. Nova tentativa de emancipação política em São Caetano tomou fôlego em 1946.

Nos anos 50, São Caetano obteve sua emancipação e manteve o ritmo acelerado. Começaram a chegar os operários do Nordeste e São Caetano se consolidou como pólo industrial entre os anos de 1960 e 1970.

Nos anos 80, porém, as indús-

trias não dispunham de espaço físico para se instalar. O progresso industrial estava estagnado. A população partiu para ramos comerciais. Começava a construção de prédios na cidade. O processo de crescimento e a estagnação do município são citados nas obras de Ademar Medici (*Migração e Urbanização - A presença de São Caetano na Região do ABC*) e de Adriana M. C. Ramos & Mônica de Souza (*Cotidiano e História em São Caetano do Sul*).

COTIDIANO – A vida cotidiana da cidade é um pequeno universo que tem ligações com vários cenários e eventos. Pode agregar desde os fatos menos significativos até os de maior amplitude, sendo transmitida, ao mesmo tempo, por uma fonte documental e fatural histórica ou por uma testemunha viva do período em questão.

O cenário político-econômico brasileiro estava em definição. Os descontentes e neutros procuravam uma saída para se distrair dos acontecimentos. A solução, para muitos, era a cultura, que até então não fora tocada pelos governantes. Vivia-se um momento de criatividade e explosão da literatura, dos teatros, dos cinemas. A Música Popular Brasileira (MPB) viu o surgimento de um movimento conhecido como Jovem Guarda. Os programas de auditório da década de 1960 ficavam

repletos de pessoas. Muitos cantores e artistas aproveitaram a oportunidade para se lançar na mídia. Nesse período ditatorial, alguns artistas foram perseguidos e exilados do país.

Ao compormos a época da ditadura militar, da Revolução de 1932, entre outros fatos históricos, estabelecemos fatos oficiais. Alguns já colocados nesse artigo têm seu valor histórico documentado. Percebemos que o cotidiano das pessoas nem sempre era festa e lazer. Antônio Avolli relata, em seu depoimento, momentos vividos por ele na Revolução de 32.

Aí houve a Revolução e nós perdemos a Revolução, não ganhamos a Revolução! Fomos traídos por aqueles que nós tínhamos como amigos. Quer dizer, uma parte Minas Gerais, outra parte Rio Grande do Sul, que estavam conosco no começo, e depois, então, deixaram-nos para trás. E nós precisávamos do apoio deles para chegar até o Catete no Rio de Janeiro. Depois ficamos no meio do caminho... e esta é a situação que se armou. Nós retrocedemos e, como eu já disse, nós perdemos.

Thereza Lodi relembra a história de seu casamento, que foi adiado por causa da Revolução de 1932. Aqui se espelha o cotidiano de muitas outras pessoas que estavam na mesma situação. Conta que estava prestes a se casar quando seu marido foi convocado para a guerra.

Fui até o cartório. Enfrentei fila, mas consegui marcar a data do casamento. Eu ia me casar, mas ele foi embora, foi para a guerra. Então, eu fui até lá no civil e falei com o sr. Rella:

– “Olha, nós não vamos mais nos casar em Setembro, porque meu marido foi pra guerra e ainda não veio”.

– “Não tem problema não. Vocês se casam quando ele voltar”.

Meu marido foi para a região do

interior e acabou se ferindo em batalha. Ele foi parar no hospital. Mais tarde fomos até o cartório e acertamos a nova data do casamento. Casamos no dia sete de Janeiro de 1933. Mas isso só foi possível porque ele se feriu em combate ...

ENCONTROS – A vida cotidiana de São Caetano sempre foi marcada pelo trabalho. Este, por sua vez, era acompanhado pelo lazer. Normalmente, as pessoas se reuniam aos sábados, domingos e feriados, pois o trabalho dos imigrantes era nas lavouras, nos campos, o que acabava ocupando a maior parte do tempo. Reuniam-se em vários locais: nos clubes, onde se realizavam os bailes; na igreja; nas praças, onde se realizavam comemorações de casamentos e batizados. Reuniam-se também em cinemas, bares, teatros, estádios de futebol. A pescaria ou a caça eram ainda o passatempo predileto dos imigrantes e estrangeiros do município.

Em 1910 começavam a aparecer as primeiras salas de cinema em São Caetano do Sul. De acordo com um registro encontrado, um pedido de alvará, feito por um cinematógrafo chamado José Golfetti, visava obter autorização para o funcionamento de um cinema situado na Rua Rio Branco, próximo ao Clube Lázio. Dois cinemas estavam funcionando em São Caetano do Sul nas décadas de 20 e 30: Cine Central e Cine Parque. Localizavam-se em pontos estratégicos da cidade e operavam conjuntamente. Mais tarde, na década de 40, foram substituídos por salas maiores e em outros locais.

Segundo depoimento colhido em Outubro de 1991, retirado do livro de Ademir Medici, Helena Rosa Maradei Freixedas diz: *O Cine Central, também conhecido como Central Parque, ou na época como o Pulguerinho, quando ia ter sessão costumava-se tocar uma sirene pa-*

ra avisar as pessoas. Um dia por semana tinha a Sessão das Moças. Desde que acompanhadas por cavaleiros, mulheres não pagavam ingressos. Eram três toques. A gente escutava desde a Avenida Goiás. O primeiro toque era mais forte. No terceiro sinal começava a exibição do filme. Minha mãe falava com carinho do Cine Central. Dizia que lembrava quando eu ainda era menina de colo.

Na década de 40, no auge da industrialização, vários outros cinemas foram abertos: Cine Max (1943–1983); Cine Urca; Cine Lido Salão Paroquial; Cine Aquários; Cine Éden – depois Cine Átila (Vila Gerti); Cine Planalto (Vila Barcelona); Cine Real (Vila Gerti); Cine Copacabana; Cine Alvorada (cinema da Igreja da Candelária); cinema da Igreja da Vila São José (Cine Primax, 1951–1974); Cine Colonial; e o Cine Som Publicidade, de Gianoto Soares, o famoso Cineminha do Campanella. Todos esses cinemas estão desativados atualmente.

Mas, sem dúvida, o que persistiu por mais tempo foi o Cine Vitória (1953–2002), que atualmente é uma casa de espetáculos (Vitória Hall) si-

tuada na Rua Baraldi, centro de São Caetano.

PRAÇAS – A Praça Central, hoje conhecida como Praça Cardeal Arcoverde ou Praça da Matriz, era um dos pontos de encontro mais frequentados. Ali se reuniam jovens, idosos, mulheres, padres e sacristãos. A maioria dos casamentos e batizados era realizada lá. Este local era famoso por possuir um ponto de táxi, cujo fundador (e também primeiro taxista) foi Ângelo Lodi. Ângelo era muito querido por ser idoso e gentil. Seu carro, sempre do último modelo, era o mais disputado pelas noivas da cidade.

Meu pai fez tanta coisa, coitado (...) Trabalhava de motorista particular em São Paulo, para o sr. Francalanza, dono de uma fábrica de sabonete. Depois comprou um “pé de bode” e foi trabalhar na praça do Largo São Bento, como taxista. Depois do Largo São Bento ele veio aqui para São Caetano. Nós já morávamos aqui na Rua Pará. Isso, se eu ainda me lembro bem, foi após a Revolução de 1932. Lá permaneceu até morrer, coitado. Tinha outros motoristas que trabalhavam no ponto, mas ele não perdia uma viagem. Todos queriam andar no carro do Ângelo (...) Até os padres ele levava, porque os padres não tinham carro, comentou Thereza Lodi, em depoimento concedido à Fundação Pró-Memória no dia 14 de Agosto de 1995.

O pai de Ângelo, Pietro Lodi, ia à Itália várias vezes ao ano buscar mercadorias para os fazendeiros. Normalmente trazia relógios de bolso, anéis e colares. Ele também ajudou na construção do Museu do Ipiranga, transportando os primeiros tijolos das olarias do município para o museu. Ângelo aproveitava para vender as mercadorias que seu pai trazia da Itália aos fregueses. Deixou muitas lembranças naquela praça,



Família Avoli. Da esquerda para direita: Perceu, Zefa, Zula, Irma

Diva de Lima Carneiro

onde fazia a alegria de muitos com sua simpatia.

Em volta da praça, as pessoas se reuniam para contar histórias, jogar dominó e bocha (tradicional jogo dos imigrantes). As bolas eram de madeira ou de barro. Eles recoziam as bolas com os restos dos tijolos retirados das olarias, tornando-as mais resistentes. Como não havia um local apropriado (canchas), eles iam disputando suas partidas nas ruas, chegando a caminhar vários quilômetros.

Outra praça que se tornou bastante conhecida, principalmente nas décadas de 50 e 60, situa-se no atual Bairro Cerâmica, entre as ruas Humberto de Campos e Luiz Capovilla Filho. Conhecida também por alguns como Praça do Aeromodelismo (onde atualmente fica o Clube de Aeromodelismo da cidade), era uma praça muito frequentada, pois as pessoas se reuniam para observar a prática do aeromodelismo, lazer mais voltado para um público de poder aquisitivo maior. O aeromodelo nada mais é do que um modelo de avião, em escala menor, controlado por cabos ou por controle remoto, e movido com um motor de combustão menor, capaz de fazer manobras áreas básicas.

As pessoas adoravam assistir às peripécias dos pequenos aviões no ar. Atualmente existem em São Paulo algumas lojas especializadas nesta área.

Era comum também a realização, nas praças, de peças de teatro, de apresentações de danças e de grupos de ginástica, além de alguns torneios, normalmente patrocinados pelos clubes (que tinham interesse em divulgar seus trabalhos e agregar sócios).

CLUBES – Os clubes promoviam várias atividades de lazer desde a década de 20. Era nos clubes que se praticavam esportes como futebol, bo-

cha e pingue-pongue. Também se desenvolviam interessantes atividades culturais como teatro, dança e música. Tudo isso para atrair o maior número de pessoas possível.

Os bailes eram outro ponto de encontro de pessoas de ambos os sexos, principalmente dos italianos, que tinham maior afinidade com a dança e a música.

Em entrevista retirada do livro *As outras vozes: memórias femininas em São Caetano do Sul*, de Carla Garcia, Helena Botteon Berno conta que o pai era um excelente dançarino e sempre participava dos concursos promovidos pelos clubes. Dançava-se de tudo, desde as famosas marchinhas de carnaval até bolero, valsa, maxixe e mazurca.

Tereza Lodi nos conta que ia ao baile com as amigas e com as tias desde os 13 anos. Seu pai tocava sanfona e ensinou-lhe a dançar. Às vezes ia escondida ao baile. Precisava fugir porque o pai, apesar de gostar de festas, proibia-lhe sair. Porém nunca deixava de comparecer aos bailes mais importantes. Só parou quando casou.

Às vezes ele deixava eu ir ao baile, quando ia com uma tia, tia Dina ou tia Angelina. Com essas tias meu pai deixava, mas com as minhas colegas não! Mas sempre aproveitei, dancei até casar. Depois quem me tirou do baile foi meu marido. Ele não me levava mais. Naquele tempo a General Motors já existia e promovia os bailes mais legais. Mas de que adiantava se ele não me levava?...

A dança também era comum nas festas religiosas. Uma festa conhecida era a Festa de Maio, promovida pela Capela Nossa Senhora Aparecida. A comunidade arrecadava auxílio para reformar ou construir novas igrejas.

No início de sua colonização, São Caetano era formado por lotes. Não havia iluminação e aos poucos

foram surgindo ruas e avenidas, ligando a cidade à capital.

Valdemar Lodi relatou a dificuldade enfrentada para se chegar a um baile:

(...) Naquela época não tinha quase nada, a iluminação era precária, as ruas eram de terra. A melhorzinha era a Rua Amazonas. A cidade era pobre. Veio melhorar com o tempo, com a chegada da industrialização, a General Motors. Eu ia pouco aos bailes. Ia apenas nos clubes mais próximos, pois a condução era difícil. Aprendi minha profissão nas oficinas. Não tinha escolas disto. Eu trabalhava de alfaiate e ia fazer compra na Rua 25 de Março, em São Paulo. Comprava linha, tecido. Eu ia e voltava de ônibus. Caminhava um bocado até chegar lá. Guardava um pouco do dinheiro que recebia para ir aos bailes (...) O bairro aqui era composto por comerciantes, judeus. Então aprendi a negociar com eles (...) Ia lá pra cidade e pechinchava também.

Alguns espetáculos de dança e teatro eram encenados também nas praças. Grupos de ginastas patrocinados por clubes se apresentavam ao ar livre e levavam diversão a crianças, jovens e velhos. Todos os clubes buscavam proporcionar aos sócios as mais variadas atrações possíveis.

As janelas dos clubes eram voltadas para a rua. Quando havia espetáculo, abriam-se as janelas e quem não era sócio ficava do lado de fora, reunido em torno das janelas, para assistir à programação.

Na década de 40, era comum os clubes promoverem concorrentes ensaios de danças, que geralmente antecediam os meses do carnaval. Era uma autêntica participação comunitária. Também promoviam uma competição entre calouros que imitavam os programas do rádio e da TV.

Um dos clubes mais famosos era o Lázio, fundado por um grupo de jovens na década de 30. O Clube Lázio era o preferido do público feminino. Os bailes eram organizados conforme as datas comemorativas ou de forma permanente. O Clube da General Motors também era conhecido nas décadas de 40 e 50. Buscava atrair os jovens para suas festas e bailes, normalmente realizados na matinê. Era muito freqüentada pelos próprios funcionários.

Já na década de 60, o rock se expandiu por meio de ícones como Elvis Presley, Beatles e Jovem Guarda. Os jovens buscavam, de alguma forma, reunir-se em clubes e organizar bailes e festas beneficentes ou confraternizações, espalhando o ardor da juventude por todo o país.

Um grupo bastante conhecido era o do Clube dos Castores, entidade fundada no Clube-Centro em São Caetano do Sul. Organizavam bailes e promoviam obras beneficentes. Entre os vários auxílios organizados pelos Castores contam-se doações ao Orfanato Verdade e Luz (Rudge Ramos), ao Orfanato Santa Leonilda e ao Lar dos Velhinhos (São Caetano). Além disso, bazares beneficentes arrecadavam doações diversas.

Mas, sem dúvida, a festa mais conhecida até hoje em São Caetano é a Festa Italiana.

Em razão do grande número de filhos e descendentes de italianos que residem na cidade, a festa tem grande tradição. A organização do evento fica a cargo do Círculo Italiano que, em parceria com a Prefeitura, consegue trazer muitas pessoas ao acontecimento.

Em realidade, desde 1906 festa semelhante tinha lugar em São Caetano. Todavia, o caráter religioso era bem mais marcante. Procissão e festejos em louvor ao santo padroeiro atraíam grande público aos arredores da Matriz Velha.

A restauração da memória histórica, portanto, restabeleceu tradições que surgiram no Bairro da Fundação ainda no século passado.

Na tentativa de compor alguns dos fatos do passado, busquei encontrar uma semente do futuro e outros ingredientes que me levassem a compreender melhor este passado. Isso para, quem sabe, poder tomar boas decisões no presente e melhores ainda no futuro.

A memória, onde cresce, a história que por sua vez à alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Jaques Legoff – História e Memória.

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. Lembranças de velhos. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BUARQUE, Aurélio de Holanda Ferreira. Novo Dicionário da Língua Portuguesa Século XXI. São Paulo: Nova Fronteira, 1998.
- CALDEIRA, Jorge (org.). Viagem pelo Brasil. História. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CARLOS, José Sebe Bom Meihy. Manual de História Oral. São Paulo: Loyola, 1996.
- DEAN, Warren. A Industrialização de São Paulo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.
- DECCA, Edgar Salvadori de. O Silêncio dos Vencidos. A Revolução de 1930. 6ª edição. São Paulo: Saraiva, 1997.
- FAUSTO, Bóris. Revolução de 1930: Historiografia e História. São Paulo: Brasiliense, 1970. (Coleção Tudo é História).
- _____. História Concisa do Brasil. São Paulo: Edusp / FDE, 2001.
- FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino. Herdeiros da fundação: "lavoro" e "famiglia" em São Caetano. São Paulo / São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul. Hucitec, 1998. (Série Histórica).
- GARCIA, Carla Cristina. As outras vozes: memórias femininas em São Caetano do Sul. São Paulo / São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul. Hucitec, 1998. (Série Histórica).
- LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 5ª

- Edição. São Paulo: Atlas, 2001
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Unicamp, 1990.
- MARTINS, José de Souza. São Caetano do Sul em IV séculos de história. São Paulo / São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul. Hucitec, 1957.
- _____. Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo / São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul. Hucitec, 1992. (Série Histórica).
- MEDICI, Ademir. Migração e Urbanização. A presença de São Caetano do Sul na região do ABC. São Paulo / São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul. Hucitec, 1993. (Série Histórica)
- NOVAES, Manoel Cláudio. Nostalgia. São Caetano do Sul: Editora Meca, 1991.
- PESTANA, Flávio Bonfim. Dicionário Prático da Língua Portuguesa. 3ª edição. São Paulo: Melhoramentos, 1994
- PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1964). HOLANDA, Sérgio Buarque de. História geral da civilização brasileira; t.3, v.4. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- RAMOS, Adriana Martins Carvalho & SOUZA, Mônica. Cotidiano e História em São Caetano do Sul. São Paulo / São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul. Hucitec, 1922. (Série Histórica).
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 21ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.
- SIMÕES, Rosimeire Bento. O Cotidiano Redescoberto: alunos desvendam a História no Bairro Prosperidade. Fundação Pró Memória de São Caetano do Sul e Escola Estadual Laura Lopes: São Caetano do Sul, 1999.
- TAPAJÓS, Vicente. História do Brasil. 15ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969
- TEIXEIRA, Palmira Petratti. A Instituição "São Paulo Railwail". São Paulo: Kid's Produções Gráficas, 2000.
- THOMPSON, Paul. A voz do passado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TRONCA, Ítalo. A Revolução de 1930 a dominação oculta. São Paulo: Saraiva, 1982. (Coleção Tudo é História).
- VIOTTI, Emília da Costa. Da Monarquia à República: Momentos Decisivos. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Tudo é História).

(*) Deives Manoel Camargo é historiador formado pela Universidade do Grande ABC.

Um caleidoscópio com imagens e personagens da família Del Rey

O olhar deseja sempre mais do que lhe é dado ver.

Adauto Novaes (De olhos vendados)

...a vista é, de todos os nossos sentidos, aquele que nos faz adquirir mais conhecimentos e o que nos faz descobrir mais diferenças.

Aristóteles (Metafísica)

From the time of the earliest civilizations the keeping of genealogical records or family histories has been regarded as of the greatest importance.

L. G. Pine (The Genealogist's encyclopedia)

Mario DEL REY(*)

Conforme nos ensina Gaston Bachelard, as imagens nos habitam e comunicá-las é um ato de grande significação ontológica. Para Cornélia Eckert e Patrícia Monte-Mór (in *Imagem em Foco – Novas perspectivas em Antropologia*), *a pesquisa sobre imagens e com imagens sempre foi contemplada no projeto antropológico de tratar a diversidade cultural. Mas assim como a oralidade, só recentemente tornou-se objeto de reflexão em um contexto no qual a escrita ainda é o principal veículo de produção do conhecimento.*

Neste pequeno trabalho sobre a família Del Rey procuro abrir um espaço para uma abordagem, questionamento e reflexão a respeito das imagens, de sua significação, quer oscilando numa abordagem subjetiva ou objetiva.

As imagens podem ser analisadas sob vários pontos de vista: do historiador social, do antropólogo visual, do psicanalista, do artista político, do membro da família etc. O importan-

te, antes dessas análises, é a guarda, manutenção e divulgação dessa memória visual.

Ao apresentar algumas imagens representativas da história dessa família acrescento a genealogia de todos os familiares que vivem atualmente em São Caetano do Sul e no Estado de São Paulo, e que descendem diretamente de Santiago del Rey Encinas e Maria do Nascimento Campos.

As casas mais antigas da linhagem REY (na Espanha

acrescenta-se o *del* que é equivalente ao *von* alemão; dessa forma está nos documentos espanhóis o sobrenome *del Rey*, sendo que só no Brasil escreve-se a letra *d* com maiúscula: *Del Rey*) aparecem desde os primeiros tempos da Reconquista Espanhola na Galícia e posteriormente se encontram outros ramos em Castilha, montanhas de Santander, Aragão, Navarra, Levante e Andaluzia.

A maioria dos brasões dos *del Rey* apresenta ou um escudo



Santiago del Rey Encinas e Maria do Nascimento Campos em 1945



Santiago del Rey Encinas em 1942



Maria Alexandrina Jô Campos em 1930. Era mãe de Maria do Nascimento Campos e casada com Francisco Campos (de origem nobre e judaica). Faleceu em São Caetano do Sul aos 84 anos

Fotos: Mário Del Rey



Mário Del Rey

Mário Del Rey com seu pai, Ignácio Del Rey, em 1968.

tenente-general, conde de Calderón, nasceu em Medina del Campo em 1750 e morreu em Valencia em 1827. Antonio del Rey y Caballero (general, nasceu em Valladolid em 1814 e morreu em Madrid em 1886); Ignácio Garcia del Rey, comandante do exército, laureado com a maior condecoração da Guerra Civil Espanhola, nasceu em 1914, em Villa Nueva de los Pavones (Salamanca) e faleceu em oito de Setembro de 1980 em Madrid.

As imagens que seguem este texto são de duas ordens: pictóricas e fotográficas e ficam abertas às interpretações do leitor. Foram escolhidas imagens-lembranças, imagens-sonhos e imagens atuais, pois como afirma Wim Wenders: *Quais são as imagens dignas de serem recordadas?* Procurou-se nesta reconstrução histórica dar ênfase aos registros de casamentos e ao orgulho familiar, mas devemos ter em conta que todas as lembranças evocadas por imagens incorporam-se na história da memória familiar. As lembranças evocadas apresentam aos jovens uma história que não viveram, mas da qual fazem parte. São um tesouro familiar.

Devido à impossibilidade de se estender o assunto *imagem* num pequeno artigo, irei passar diretamente aos dados genealógicos e às demais imagens restritas aos familiares diretos de Santiago Encinas del Rey e à região de Salamanca. Para aproveitar o máximo de espaço disponível com dados sobre a família, deixo de apresentar no final do artigo a bibliografia consultada.

Todas as cidades relacionadas com a família ficam muito próximas das cidades de Sala-

azul com um castelo e uma coroa ou um escudo vermelho com cruces (às vezes com a cruz da Ordem de São João de Jerusalém). Entre essas variantes foi concedido, na *Certificación de genealogia y armas* em nome de Mario del Rey y Lorenzini feita pelo Rei de Armas da Espanha, o Marquês de Ciadoncha, sr. Juan Félix de Rújula y Vaca (na *Muy Heróica Villa de Madrid* em Dez de Março de 1971, registrada no Arquivo Heráldico S-21, folhas 149/158, selo nº 263 e aprovada pelo Ministério da Justiça espanhol), um brasão assim descrito: *Un escudo en campo de gules (rojo), una banda de oro, acompañada en el hueco superior de una corona real antigua de oro sobre un ramo de laurel del mismo metal y en el inferior de una cruz ilana de oro. Va timbrado el escudo del casco o celada de noble de acero bruñido com bordura y grilletas de oro, formado de gules (rojo) y surmontado de un penacho de plumas y lambrequines de gules y oro, colares de las libreas de la casa del Rey. Na figura 5 entre o autor e seu pai dá para se ver o mencionado brasão.*

As regiões mais tradicionais da família são as de Castilha e

Leão e é em Castilha que aparece pela primeira vez num documento do século XIII o nome del Rey: Mateo del Rey (1204).

Entre os del Rey que se destacaram na Espanha posso mencionar o pintor do século XV, Miguel del Rey; Gabriel del Rey y Lara (poeta espanhol do século XVII); José del Rey (sacerdote e humanista do século XVIII); Fermín del Rey (ator e autor dramático da segunda metade do século XVIII); Félix Maria Calleja del Rey, vice-rei na Nova Espanha (México);



Mário Del Rey

São Nicolau, pintura de Miguel del Rey realizada em 1450, na Igreja das Santas Justa e Rufina em Maluenda, Zaragoza, Espanha

manca (La Orbada - Villa Nueva de los Pavones), Babilafuente, Pitiegua, Gomecello, La Vellés, Pedrosillo, Castellanos e Moriscos. Na relação abaixo, para fins de redução de espaço não irei relacionar as cidades de cada familiar.

No início do século XVI nasceu (I) – *Juan del Rey*, casado com Isabel de Cabo e tiveram como filho (II) – *Juan del Rey Cabo*, casado com Isabel García Galán, que teve como filhos: *José del Rey García* (nascido em 13 de Abril de 1717) e (III) – *José del Rey García* (com o mesmo nome do irmão falecido), nascido em seis de Abril de 1721, tendo sido padrinho de batizado don José de San Martín. Casou-se com Teresa Marcos García.

Continuando as gerações: (IV) – *Manuel del Rey Marcos*, nascido em nove de Fevereiro de 1745, filho dos anteriores e casado com Josefa Almaraz García, filha de Lorenzo Almaraz (de Pajares de la Armuña, Salamanca). Dessa família Almaraz descende Pedro de Almaraz (capitão espanhol, um dos fundadores, em 1557, da cidade de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia). (V) – *Pablo Andrés del Rey Almaraz*, nascido em 15 de Julho de 1772 e casado com Agueda Periañez Bartholomé (filha de Amaro Periañez, natural de Babilafuente). O compositor do século XVI Pedro Periañez é natural dessa cidade e dessa família, com a qual os del Rey possuem parentesco. Pedro Periañez prestou concurso para professor em Málaga, tendo passado em primeiro lugar (em 16 de Outubro de 1577). Em Santiago de Galicia foi nomeado *canónigo-maestro de capilla*. Periañez

foi famoso na sua época e existem obras musicais suas no arquivo do El Escorial: *Ave Domina Maria a cinco vozes e Maria Virgo*. Como curiosidade histórica devo afirmar que os *del Rey* que moravam naquela região contam que durante a ocupação francesa os espanhóis faziam guerra de guerrilha aos soldados de Napoleão e relatam que nossos antepassados usavam uma fossa profunda, que existe na região, para esconder os cadáveres dos soldados franceses mortos. Talvez tenha sido uma medida de represália a estes fatos, mas o certo é que o marechal Gramont ao se retirar de Salamanca, na noite de 27 de Junho de 1812, incendiou toda a cidade (povoado) de Babilafuente. A partir de então a maioria dos familiares mudou-se para Villanueva de los Pavones (La Orbada). (VI) – *Manuel Mateo del Rey Periañez*, filho dos anteriores e nascido em 21 de Setembro de 1797. Casou-se com Isabel Franco García e teve como filho: (VII) – *Miguel Leferino del Rey Franco*, nascido em 26 de Agosto de 1818 e casado com Francisca Juana García Franco. Tiveram como filho (VIII) – *Ignacio del Rey García*, nascido em primeiro de Fevereiro de 1843 (falecido em 22 de Abril de 1907) e casado com Ângela Encinas García, nascida em 23 de Abril de 1848 (falecida em seis de Julho de 1922). Eles tiveram que obter uma autorização especial para esse casamento devido à proximidade de parentesco.

Desse casamento nasceu o patriarca da família no Brasil: (IX) – *Santiago del Rey Encinas*, nascido em Villanueva de los Pavones em 22 de Julho de

1882 e falecido em três de Outubro de 1965 em São Caetano do Sul. Foi sua esposa (casamento em 1910) Maria do Nascimento Campos, nascida em Miranda do Douro (Trás-Os-Montes, Portugal) em 24 de Dezembro de 1892 e falecida em 28 de Junho de 1967, em São Caetano do Sul. Em 13 de Dezembro de 1906, Santiago del Rey Encinas veio da Espanha à Argentina, acompanhado da sua futura esposa Mariá do Nascimento Campos. Em 24 de Junho de 1911 foi para a Espanha, mas retornou a Buenos Aires em 26 de Novembro daquele ano, indo morar em Real Del Padre, na província de Mendoza, local onde nasceram seus filhos Ignacio, Adelina, Francisco, Ângela e Santiado (que depois se naturalizaram brasileiros). Em cinco de Junho de 1920 a família mudou para o Brasil, em São Caetano do Sul.

Santiago del Rey Encinas deixou para seus descendentes um *Relato abreviado da minha vida* no qual termina dando um conselho aos familiares: *Da minha vida, de todas as experiências passadas e observadas, concluí que o mundo dá muitas voltas, que às vezes estamos bem e às vezes estamos mal, mas se tivermos sempre um bom comportamento, uma boa reputação, isto pode nos ajudar sempre na vida, pois sempre encontraremos apoio, pessoas que nos ajudem e nos queiram bem.*

Quero afirmar que realmente a maior lição de vida, ensinada não só pelo meu avô e meu pai, mas pelos demais familiares, é a da tolerância e amor ao próximo. A maior prova disso é a família ter raízes latinas, germânicas, semitas e orientais e to-

dos respeitando as condições sociais, culturais e religiosas dos demais familiares.

Filhos do patriarca: Ignacio Del Rey (1913); Adelina Del Rey Panzarella (1911); Francisco Del Rey (1914); Ângela Del Rey Cei (1916); Santiago Del Rey (1919); Antônio Del Rey (1921); Felipe Del Rey (1923); Isabel Del Rey Ferreira (1927); Miguel Del Rey (1929).

(X-a) – *Ignacio Del Rey* nasceu em 20 de Setembro de 1913 e faleceu em sete de Janeiro de 1969. Casado com Maria Olga Lorenzini Del Rey (nasceu em 22 de Fevereiro de 1922 e faleceu em quatro de Novembro de 1984), neta de Eliseo Leoni, um dos fundadores de São Caetano do Sul.

FILHOS – (XI) Maria Helena Del Rey (nasceu em 23 de Julho de 1942). Tem uma filha com o ex-marido, Mauro Fontana:



Ignácio Del Rey e Maria Olga Lorenzini Del Rey em 1964

(XII) Vanessa Del Rey Fontana (nasceu em 13 de Junho de 1973), casada em 15 de Março de 2003 com Bernard Baaklini (nasceu em três de Outubro de 1964).

(XI) Mário Del Rey (nasceu em 20 de Fevereiro de 1945). De três casamentos teve quatro filhos: com Miriam Marinotti (nasceu em 26 de Maio de 1955, filha dos falecidos e queridos

Francisco Marinotti e Nair Scarpetti Marinotti): (XII) Daniel Del Rey (nasceu em 13 de Novembro de 1981); (XII) – Laura Del Rey (nasceu em sete de Março de 1985). Com Alice Ueda (nasceu em 27 de Fevereiro de 1960, filha de Hiroshi Ueda e Eiko Ueda): (XII) Rafael Ueda Del Rey (nasceu em dez de Junho de 1988). Com Ryoko Chokyu Del Rey (nasceu em 28 de Junho de 1953 em Aboshi, Japão, filha do falecido e querido Seigo Chokyu e de Emiko Chokyu): (XII) Yumi Chokyu Del Rey (nasceu em três de Agosto de 1995).

(X-b) – *Adelina Del Rey Panzarella* (nasceu em 16 de Abril de 1911), casada em 12 de Setembro de 1936 com João



Adelina Del Rey Panzarella com João Panzarella

Panzarella (nasceu em oito de Maio de 1908 e morreu em 12 de Maio de 2000).

FILHOS – (XI) Virgínia Panzarella Teixeira (nasceu em 27 de Agosto de 1937), casada com Aílton Teixeira (nasceu em cinco de Novembro de 1937). Filhos do casal: (XII) Marta Panzarella Teixeira (nasceu em 19 de Janeiro de 1965); Marcelo Panzarella Teixeira (nasceu em 19 de Junho de 1970), casado com Daniela Petrusk Teixeira; (XI) – Maria Panzarella Ste-

fanelli (nasceu em primeiro de Agosto de 1940), é casada com Lafayette Roberto Stefanelli e tem um filho: Lafayette Roberto Stefanelli Júnior (XII) – Sílvio Panzarella (nasceu em 23 de Dezembro de 1942), casado com Cleusa Canteras Panzarella (nasceu em 12 de Maio de 1945). Filhos do casal: (XII) – Sílvio Panzarella Filho (nasceu em 11 de Dezembro de 1967); Valéria Panzarella (nasceu em dois de Agosto de 1970); Daniel Panzarella (nasceu em oito de Dezembro de 1972); Jean David Panzarella (nasceu em primeiro de Maio de 1975).

(XI) – Domingos Panzarella (nasceu em 11 de Novembro de 1948), casado com Regina Célia Kühl Panzarella (nasceu em 20 de Outubro de 1951). Filhos do casal: (XII) – Francine Kühl Panzarella (nasceu em 22 de Abril de 1975); Priscila Kühl Panzarella (nasceu em 27 de Dezembro de 1977).

(X-c) – *Francisco Del Rey* – (nasceu em 22 de Junho de 1914 e morreu em cinco de Março de 1992) foi casado com Gina Agostini Del Rey (nasceu em 31 de Maio de 1924 e morreu em primeiro de Janeiro de 1990).



Casamento em 12 de Dezembro de 1942 de Francisco Del Rey com Gina Agostini Del Rey

FILHOS – (XI) – Carlos Del Rey (nasceu em três de Setembro de 1943). Do casamento com Marisa Lorenzeto Souto Del Rey (nasceu em dois de Fevereiro de 1944): (XII) Luiz Henrique Lorenzeto Del Rey (nasceu em 18 de Outubro de 1968); Ana Cristina Del Rey Peessini (nasceu em 12 de Junho de 1971), casada com Marcus Peessini. Filha: (XIII) Fernanda Del Rey Peessini (nasceu em 21 de Abril de 2001).

(XI) – Margarida Del Rey Mattiello (nasceu em 22 de Fevereiro de 1946), casada com Laércio Mattiello (nasceu em 21 de Julho de 1939). Filhos: (XII) Ricardo Del Rey Mattiello (nasceu em 31 de Maio de 1968); Elisabete Del Rey Mattiello (nasceu em 15 de Fevereiro de 1971); Daniela Del Rey Mattiello (nasceu em seis de Setembro de 1977);

(XI) – Aparecida Del Rey Campanella (nasceu em oito de Setembro de 1950), casada com Miguel Campanella (nasceu em dez de Dezembro de 1939). Filhos (XII): Carlos Del Rey Campanella (nasceu em dez de Setembro de 1972) e Tarcila Del Rey Campanella (nasceu em quatro de Março de 1980).

(XI) – Milton Del Rey (nasceu em cinco de Janeiro de 1954), casado com Arlinda Ferreira Gomes Del Rey (nasceu em 25 de Abril de 1957). Filhos: (XII) Bárbara Gomes Del Rey (nasceu em 13 de Julho de 1985); Rogério Gomes Del Rey (nasceu em 13 de Março de 1982); Matheus Carriti Del Rey (nasceu em 28 de Dezembro de 2002).

(XI) – Mônica Del Rey Ramos (nasceu em 19 de

Novembro de 1957), casada com Geraldo Alves Ramos Filho (nasceu em 24 de Outubro de 1954). Filha (XII): Gabrielle Del Rey Ramos (nasceu em 21 de Abril de 2001).

(X-d) – *Ângela Del Rey* (nasceu em sete de Junho de 1916), casada com Gino Cei (nasceu em primeiro de Maio de 1919).



FILHOS - (XI) Maria Irene Cei Giorgi (nasceu em 21 de Março de 1952), casada com Luiz Felipe Cei Giorgi (nasceu em 11 de Julho de 1947). Filhos (XII): Williams Felipe Cei Giorgi (nasceu em 29 de Julho de 1972); Jefferson Luiz Cei Giorgi (nasceu em primeiro de Fevereiro de 1982). (XI)-Rosângela Maria Dacio Cei. Filhos: (XII) Thaís de Carvalho, Twanni de Carvalho e Pedro de Carvalho.

(X-e) – *Santiago Del Rey* (nasceu em cinco de Março de 1919), casado em cinco de Setembro de 1946 com Adelina Quaratti Del Rey (nasceu em quatro de Março de 1925).

FILHOS - (XI) Santiago Del Rey Neto (nasceu em 16 de Julho de 1947), casado com Anileida Mattina Del Rey (nas-



ceu em 29 de Abril de 1950). Filhos (XII): Adriana Del Rey, com uma filha: (XIII) Isabella Del Rey (nasceu em 13 de Novembro de 1997), Santiago Del Rey (nasceu em seis de Outubro de 1977) e Eduardo Del Rey (nascido em 15 de Novembro de 1988). (XI) Marcos Antônio Del Rey (nasceu em 22 de Fevereiro de 1952), casado com Teresina de Jesus Ribeiro Del Rey (nasceu em 11 de Junho de 1951). Filhos: (XII) Rodrigo Del Rey (nasceu em 23 de Novembro de 1977); Renato Del Rey (nasceu em 21 de Janeiro de 1979) e Michelle Del Rey (nasceu em seis de Outubro de 1986).

(X-f) – *Antônio Del Rey* (nasceu em 14 de Agosto de 1921 e morreu em 14 de Setembro de 1995), casado com Ida Giovanna Tonetto Del Rey (nasceu em oito de Janeiro de 1927).

FILHOS – (XI) Paulo Del Rey (nasceu em 25 de Novembro de 1952), casado com Ione Galvão Freire (nasceu em 25 de Julho de 1950). Filhos: (XII) Alexandre Del Rey (nasceu em 30 de Dezembro de 1974); Andréa Del Rey (nasceu em 17 de Dezembro de 1976); Andressa



Del Rey (nasceu em primeiro de Março de 1982); Márcia Inês Del Rey Castriotto (nasceu em 26 de Agosto de 1950), casada com Itamar Castriotto (nasceu em 26 de Agosto de 1950). Filhos: (XII) – Maurício Del Rey Castriotto (nasceu em seis de Abril de 1976); Édson Del Rey Castriotto (nasceu em três de Agosto de 1978); Acione Del Rey Castriotto (nasceu em oito de Janeiro de 1981).

(X-g) – *Felippe Del Rey* (nasceu em 13 de Setembro de 1923), casado com Hermelinda Del Rey (nasceu em 20 de Janeiro de 1927).

FILHOS - (XI): Valdir Del Rey (nasceu em 13 de Janeiro de 1953), casado com Vera Maxi-



miano Del Rey (nasceu em 28 de Agosto de 1951). Filhos (XII): Cínthia Del Rey (nasceu em 18 de Novembro de 1982) e Larissa Del Rey (nasceu em 21 de Março de 1990);

(XI) Édson Del Rey (nasceu em cinco de Maio de 1955), casado com Cecília Pedron Del Rey (nasceu em 11 de Outubro de 1957). Filhos (XII): Bruno Mendes Del Rey (nasceu em quatro de Agosto de 1983); Paula Mendes Del Rey (nasceu em quatro de Abril de 1989); (XI) Élcio Del Rey (nasceu em 16 de Junho de 1957), casado com Solange Fapiche Del Rey (nasceu em quatro de Março de 1959). Filhos (XII): Hélder Fapiche Del Rey (nasceu em dois de Abril de 1990); Enrique Fapiche Del Rey (nasceu em primeiro de Fevereiro de 1994); (XI) Celi Del Rey Calhes (nasceu em 12 de Dezembro de 1959). Casada com José Eduardo Calhes (nasceu em primeiro de Janeiro de 1959). Filhos: (XII) Eduardo Del Rey Calhes (nasceu em 25 de Maio de 1985); Felipe Del Rey Calhes (nasceu em oito de Agosto de 1986).

(X-h) Isabel Del Rey (nasceu em seis de Outubro de 1927), casada com José Augusto Ferreira (nasceu em 20 de



Outubro de 1920).

(X-i) Miguel Del Rey (nasceu em quatro de Abril de 1929 e morreu em 23 de Agosto de 1999), foi casado com Maria Beatriz Braga Del Rey (nasceu em 15 de Março de 1938).



FILHOS - (XI) Miguel Del Rey Filho (nasceu em 21 de Novembro de 1957), casado com Cristina Mara Andó (nasceu em 28 de Setembro de 1959). Filhos (XII): Fernando Andó Del Rey (nasceu em 30 de Novembro de 1988); (XI) Olga Maria Del Rey Stuani (nasceu em 19 de Abril de 1959), casada com Cláudio Stuani (nasceu em 23 de Setembro de 1958). Filhos: (XII) Felipe Del Rey Stuani (nasceu em sete de Agosto de 1989); Marcelo Del Rey Stuani (nasceu em 27 de Dezembro de 1991); (XI) Sílvia Beatriz Del Rey (nasceu em 15 de Março de 1961), casada com Félix Herrero (nasceu em nove de Março de 1957).

(* Mário Del Rey é vice-presidente do Museu Paulista de Antropologia, vice-presidente da Associação Bras. de Gemologia e Mineralogia, membro do Conselho Fiscal da A. A. do Museu de Geociências da USP, conselheiro da Revista Raízes e integrante da União Brasileira de Escritores

USE - União das Sociedades Espíritas de São Caetano do Sul: 50 anos promovendo a harmonia dos espíritas na cidade

Adilson J.J. PEREIRA (*)

Luciana C. PEREIRA (**)

Com a presença de vários centros espíritas e instituições espíritas sediadas no Município de São Caetano do Sul, foi fundada, em oito de Novembro de 1953, a União Municipal Espírita de São Caetano do Sul, atualmente denominada USE - União das Sociedades Espíritas de São Caetano do Sul. *A USE não é um centro espírita, mas a soma dos centros espíritas do Município de São Caetano do Sul.*

Participaram da cerimônia de fundação da entidade e formaram o primeiro conselho deliberativo as seguintes sociedades espíritas: Centro Espírita Fraternidade Humana, Centro Espírita Estudantes do Evangelho, Educandário Obreiros do Progresso, União Espírita Evangélica Fraternidade, Centro Espírita Irmã Hipolitá, Casa de Caridade Maria Magdalena de Carvalho, Centro Espírita Aprendizes do Evangelho, Abrigo Espírita Irmã Tereza à Velhice Desamparada, União Espiritualista Luz e Verdade Cândida Rosa do Nascimento e Centro Espírita Irmão Guilherme.

A primeira comissão executiva foi composta da seguinte forma: Mário Cravo de Moraes (presidente), Arthur Carvalho Castro (vice-presidente), Joaquim Leme de Almeida (pri-



Comemoração do primeiro Dia de Allan Kardec em São Caetano (18 de Abril de 1996). Da esquerda para a direita: Atílio Campanini (presidente da USE-SP), Adilson J.J. Pereira (presidente da USE-SCS), Iliomar Darronqui (vice-prefeito na época) e dr. Altivo Ferreira (vice-presidente da FEB-Federação Espírita Brasileira)

meiro secretário), Sinésio Rodrigues dos Santos (segundo secretário), Décio Rizzo (primeiro tesoureiro), Virgílio Fuina (segundo tesoureiro), José da Costa Cime (diretor de estudos) e Regina Célia Lopes (diretora de assistência social).

Na eleição da primeira diretoria executiva, foi destacada a atuação da Federação Espírita Brasileira. O Pacto Áureo, firmado por vários estados brasileiros, em cinco de Outubro de 1949, no intuito de consolidar a União do Movimento Espírita Brasileiro, também foi lembrado (conforme consta da Ata de Fundação).

A USE Municipal de São Caetano do Sul está ligada à USE de São Paulo, fundada em cinco de Junho de 1947 e parte integrante do Conselho Fede-

rativo Nacional da Federação Espírita Brasileira - FEB (fundada em dois de Janeiro de 1884). A instituição sancaetanaense visa à união das sociedades espíritas sediadas no município, à unificação direcional e organizada do movimento espírita na cidade e à difusão da doutrina espírita em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso. A base da doutrina está nas obras da codificação kardequiana e busca promover a vivência do evangelho de Jesus Cristo pelos homens de maneira voluntária, consciente e permanente.

A entidade ainda incentiva a troca de experiências entre as sociedades espíritas, oferecendo orientação e cooperação a fim de que os objetivos sejam cumpridos. Também apoia,

orienta e organiza cursos para o ensino metódico da doutrina com base nas obras da codificação kardequiana: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese.

O reconhecimento do trabalho espírita por parte do poder público em São Caetano materializou-se em lei que homenageia Allan Kardec. O vereador José Jayme Tavares Soares Júnior, em 1996, apresentou projeto de lei instituindo o Dia de Allan Kardec no Município de São Caetano do Sul. O projeto concretizou-se na Lei Municipal N.º 3.457, de 21 de Março de 1996, que oficializou o dia 18 de Abril como o Dia de Allan Kardec.

MANIFESTO - A Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, no dia quatro de Março de 1999, em uma Assembleia Geral das Nações Unidas realizada na cidade de Paris, reuniu vários ganhadores do Prêmio Nobel da Paz para a celebração do 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Na oportunidade, foi redigido o *Manifesto 2000 por uma Cultura de Paz e Não Violência*, proclamando o ano 2000 como o Ano Internacional por uma Cultura de Paz.

O *Manifesto 2000* tem a finalidade de criar um senso de responsabilidade em cada indivíduo e, portanto, não se trata de uma moção ou petição endereçada às autoridades. É responsabilidade de cada um colocar em prática os valores, as atitudes e as formas de conduta que inspiram uma cultura de



USE de São Caetano do Sul comemora o aniversário de 119 anos da cidade

Adilson J. J. Pereira

paz. Todos podem contribuir para esse objetivo, dentro de sua família, de seu bairro, de sua cidade, de sua região e de seu país, ao promover a não violência, a tolerância, o diálogo, a reconciliação, a justiça e a

O movimento espírita, através das entidades associadas, promove no Município de São Caetano do Sul vários trabalhos ligados à área da assistência social

solidariedade em atitudes cotidianas.

Assim, a USE de São Caetano do Sul, em conjunto com a OAB - Ordem dos Advogados do Brasil - 40ª Subseção de São Caetano do Sul e o Centro Universitário Municipal de São Caetano do Sul -

IMES, engajou-se nesse movimento internacional e, durante as comemorações dos 123 anos do Município de São Caetano do Sul e dos 32 anos do IMES, ajudou a promover a solenidade que marcou o lançamento e a difusão do Manifesto 2000 na cidade. O evento realizou-se no Auditório do Centro Universitário Municipal de São Caetano do Sul - IMES, em 29 de Agosto de 2000.

DOCTRINA - A USE de São Caetano do Sul, com o objetivo de divulgar a doutrina espírita, vem realizando, há 50 anos, a *Feira do Livro Espírita* em vários locais do município. Nos últimos oito anos, com o apoio das sociedades espíritas locais, as *Feiras do Livro Espírita* tiveram lugar nas dependências do Centro Universitário de São Caetano do Sul - IMES. Conferências públicas, com a participação de alunos, professores e funcionários do instituto, têm acompanhado as feiras.

Ainda no campo da promo-

ção da doutrina, a USE tem organizado, ao longo de seus 50 anos de existência, as *Semanas Espíritas*. Durante tais jornadas, palestras públicas a respeito de questões doutrinárias são promovidas nas sociedades espíritas do município. Além disso, há constante promoção de campanhas como: *Viver em Família, Comece pelo Começo, Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infantil, Conheça o Espiritismo*. Recentemente, no ano de 2001, a USE lançou a *Campanha Educação Espírita Infantil 100%*.

Através de seu Departamento de Educação Espírita Infantil, a USE de São Caetano do Sul promove curso para a capacitação de educadores espíritas da infância. De fato, esse curso está em sua 11ª edição e já percorreu as seguintes cidades: São Caetano do Sul, Santo André, Diadema, Ribeirão Pires, São Paulo (Itaim Bibi), Guarulhos, São José do Rio Pardo, Mauá e Suzano.

ASSISTÊNCIA SOCIAL - O movimento espírita, através das entidades associadas, promove no Município de São Caetano do Sul vários trabalhos ligados à área da assistência social. Amparo ao menor carente, aos órfãos e aos idosos, curso para gestantes, entrega de cestas básicas para famílias carentes e orientação psicológica são alguns dos serviços sociais prestados pelos espíritas. Tudo é feito voluntariamente, pelas entidades e seus colaboradores, no intuito de promover a melhoria do ser humano.

As obras de assistência social são desenvolvidas na cidade tanto pelos centros espíritas como

pelos instituições assistenciais espíritas. Entre essas últimas, destacam-se: Abrigo Irmã Tereza (fundado em 12 de Dezembro de 1949), Lar Samaritano da Mãe Operária (fundado em 19 de Novembro de 1969), Grupo Luz (fundado em 25 de Julho de 1970), Lar e Escola Irmão Alexandre (fundado em 11 de Dezembro de 1972), Instituição Assistencial Lar Bom Repouso (fundada em 20 de Maio de 1974), Abrigo à Velhice Desamparada Irmã Ana Ama (fundado

Ainda no que tange à assistência social, busca-se capacitar as entidades espíritas - atualmente inseridas no terceiro setor - por meio de cursos de gestão e administração.

em 29 de Agosto de 1985) e Instituição Assistencial Espírita Anália Franco (fundada em 12 de Dezembro de 1999).

A Instituição Lar Samaritano da Mãe Operária, criada em 19 de Dezembro de 1969, nasceu da ação solidária da UME (União Municipal Espírita de São Caetano do Sul), atualmente denominada USE (União das Sociedades Espíritas de São Caetano do Sul). O Lar Samaritano surgiu em virtude da união dos representantes de entidades espíritas sediadas no município, e sua finalidade é oferecer aos filhos de mães operárias e às crianças carentes educação integral e harmônica que envolva aspectos físicos, culturais e morais. Ainda no que

tange à assistência social, busca-se capacitar as entidades espíritas - atualmente inseridas no terceiro setor - por meio de cursos de gestão e administração.

Augusto Perrella é o presidente da comissão executiva da USE. Atualmente, a entidade não possui sede, contudo, as reuniões são feitas nos diversos centros espíritas do município. O endereço para correspondências é Rua Manoel Coelho, 500, 10º andar, Conj. 1004/1005, Centro, São Caetano do Sul.

Para finalizar, trazemos a público a lista dos núcleos e instituições espíritas que compõem a USE.

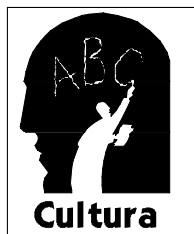
Centro Espírita Luz e Verdade Cândida Rosa do Nascimento, Abrigo Espírita Irmã Tereza, Templo Espírita Irmão João Massarelli, Centro Espírita Aprendiz do Evangelho, Centro Espírita Caminho da Luz Irmã Joana, Grupo Espírita Irmã Clara, Centro Espírita Irmã Itália, Lar Samaritano da Mãe Operária, Fraternidade Espírita Cristã, Grupo Luz, Lar e Escola Irmão Alexandre, Instituição Assistencial Espírita Lar Bom Repouso, Sociedade Espírita Luz e Amor, Centro Espírita Casa Grande do Caminho, Abrigo à Velhice Desamparada Irmã Ana Ama, Grupo Espírita de Trabalho Misail, Centro Espírita Luz do Amanhã, Instituição Assistencial Espírita Anália Franco, União Espírita Luz da Fraternidade.

(*) Adilson J.J. Pereira é presidente da USE Regional do Grande ABC e vice-presidente da USE do Estado de São Paulo

(**) Luciana C. Pereira é secretária da USE Municipal de São Caetano do Sul e vice-presidente do Lar Samaritano da Mãe Operária

Paulo Lício Rizzo, por sua arte e fé

Sônia Maria Franco XAVIER (*)



Leendo os Anais do IIº Congresso de História da região do ABC, realizado em São Bernardo do Campo no ano de 1992, encontrei, no painel sobre arte operária, material importante sobre o escritor Paulo Lício Rizzo, que passou alguns anos de sua vida em São Caetano do Sul.

Nesse painel, dirigido pelo professor José de Souza Martins, a esposa do escritor falou sobre a vida de Paulo Lício Rizzo e sobre a importância do trabalho por ele desenvolvido como pastor da Igreja Presbiteriana Filadélfia e como escritor:

Era um apaixonado pelo trabalho (trabalhava 18 horas por dia), pela religião, pela política e pelos esportes. Viveu muito pouco. Faleceu com 34 anos, na cidade de São Caetano do Sul. Hoje, ao me lembrar dele, vejo o quanto era jovem e como foi capaz de produzir.

Paulo Lício Rizzo nasceu em 1923 e faleceu em 1957. Casou-se em 23 de Março de 1946 com Cecília Borges, com quem teve três filhos. Viveu 34 anos e teve quase todos os seus trabalhos escritos premiados. Quem nos relatou isso foi sua esposa: *Paulo foi poeta e romancista. Se formou no Instituto Mackenzie e no Seminário Teológico Presbiteriano de Campi-*



Capa do Livro Pedro Maneta. A obra obteve o primeiro lugar, na categoria romance, em concurso cuja premiação foi outorgada pelo Ministério do Trabalho (Prêmio Getúlio Vargas)

nas. Fez Pós-Graduação no Seminário de Princeton, nos Estados Unidos da América. Foi pastor nas igrejas de New Bathford e em outras, em São Paulo, no Rio de Janeiro e, por último, por mais de cinco anos, na Igreja Presbiteriana de Filadélfia de São Caetano do Sul, da Rua Niterói, no centro da cidade. Foi diretor do Departamento Pessoal da Ford. Foi professor de inglês na União Cultural Brasil/Estados Unidos e professor de português do exército americano, na Califórnia. Foi redator da revista Únitas e autor de várias colunas em jornais de São Paulo. Teve ainda um programa de rádio onde pregou a sua fé.

Entre seus trabalhos publica-

dos, destacam-se: *Pedro Maneta*, romance escrito aos 17 anos de idade e contemplado pelo Ministério do Trabalho com o Prêmio Getúlio Vargas; *O Mundo Pós-Guerra*, trabalho não publicado mas que recebeu o 1º prêmio em concurso literário na Suíça; *O bebedouro dos Diabos* (publicado); *O Panamericanismo*; *Joaquim Nabuco* (não publicado, mas premiado); *Manquejando para a Glória* (romance tendo como tema o poeta inglês Bairland. Também não foi publicado).

O livro *Pedro Maneta* foi escrito no ano de 1940. É uma biografia romanceada que fala da vida, dos dramas, dos amores e das dificuldades de trabalho dos operários da Mooca e do Brás.

Analisa a origem dos imigrantes italianos e espanhóis e caracteriza-os nos bairros da Mooca (que, segundo ele, teve um forte contingente espanhol) e do Brás (onde, segundo sua narração, predominou o imigrante italiano). Dessa divisão geográfica nasce interessante comparação entre os dois bairros:

A sudeste do Brás criava-se outro bairro, no qual predominavam, especialmente em certos quarteirões, elementos imigratórios de procedência diferente. A Mooca estabelecia-se com forte contingente de espanhóis. Estes possuíam algo de semelhante aos italianos: originavam-se, tanto uns como outros, de penínsulas. Uma estreita e esguia qual bota fidalga de sal-

to Luiz XV; outra quadrada e larga como as saias coloridas das camponesas. Aquela menor, porém, mais povoada que a Espanha.

O Brás italiano ganhou, de acordo com sua descrição, ares de superioridade, com avenidas em que desfilavam carros de último tipo, ônibus luxuosos, e onde as companhias italianas de ópera se exibiam. Havia dois cinemas a preços populares: o Universo e o Roxy. Na avenida, as confeitarias assumiam aspecto luxuoso. Por outro lado, a Mooca só possuía ruas esburacadas, por onde circulavam jardineiras velhas e carros antiquados. Cinema só havia o Santo Antônio. Na Mooca havia apenas vendas, sem qualquer aparato moderno.

Num contexto onde as diferenças eram muito marcantes, o autor, de forma agradável e clara, apresenta-nos dois bairros bastante distintos nas atividades e realizações. Como resultado, a população vai se tornando bem diferente: a da Mooca, operária e pobre, a do Brás ganhando ares de superioridade como progresso. Diferenças muito bem sintetizadas pelo autor:

- Lembrando-nos a configuração das penínsulas acima referidas, diríamos que a fidalga bota italiana escolhera a planície de Piratininga para amarrotar num pontapé arrogante a saia sevilhana toda enfeitada de rendas.

Estas diferenças de raça, atividades econômicas, atividades culturais, condições de vida e hábitos levam a interessantes análises do comportamento dos jovens. Seus interesses, seus amores e a disputa entre os moradores dos dois bairros.

Toda essa descrição ocorre no início do século XX, sendo bem caracterizada a figura do acendedor de lampiões, as carroças transportando cargas, as dificuldades com as ruas esburacadas, o trem e as porteiras nas ruas para realizar a passagem das locomotivas. Tudo isso dentro de um clima que envolvia a população.

Feita essa contextualização, a biografia romanceada de *Pedro Maneta* é uma análise dos acontecimentos da primeira metade do século XX, tendo como personagem central o filho de um imigrante espanhol que, vivendo num bairro pobre, torna-se operário desde cedo. Ainda menino, com dez anos de idade, inicia o trabalho. Será um arrimo de família, preocupado em contribuir com o orçamento doméstico, vivendo todos os dramas próprios da idade.

Vive o amor dos tecelões pelo tear. Trata-se de homens que lutam para conquistar espaço

em uma fábrica, que não medem sacrifícios para serem considerados tecelões responsáveis por uma máquina. Isto era um grande orgulho: ser tecelão e responder por uma produção que não admitia erros.

Depois, o terrível acidente com uma granada (que o fez perder um braço) e as dificuldades decorrentes de sua nova condição levaram-no a pensar em como sobreviver, já que seu trabalho exigia as duas mãos. O contexto das revoluções e as conseqüências geradas pelas lutas compõem o cenário dessa fase da narrativa.

Nessa história, que é relatada em forma de diário, muitos são os figurantes. Começando pelos familiares: pai, mãe e tio, entre os quais a união é muito forte e a força do trabalho parece caracterizar o ideal de todos. Os amigos e a contribuição dos ideais espirituais também norteiam toda a descrição.

Com relação à paixão religiosa de Paulo Lício Rizzo, pode-se dizer que a mesma evidenciou-se, assim como a arte da escrita, precocemente. O ponto alto de sua trajetória religiosa vigorou em 1956 e 1957, quando exerceu a função de reverendo na Igreja Presbiteriana Filadélfia; que, aliás, completa 80 anos neste ano.

Dada a relevância de sua ligação com a Igreja anteriormente citada, bem como a importância dessa entidade em nossa cidade, convém registrar um breve histórico em homenagem à data comemorativa.

ORIGEM - Tudo começou no mês de Fevereiro de 1923, quando foi iniciado o trabalho evangélico nesta cidade, no prédio 121 da Rua Senador Flá-



Fachada da Igreja Presbiteriana Filadélfia

quer, por inspiração de Francisco Mora, que muito trabalhou pela disseminação do evangelho em São Caetano. Este trabalho foi orientado pela Igreja Unida de São Paulo.

A congregação funcionou também no prédio da Rua Senador Fláquer, transferiu-se pouco depois para outro prédio na Rua Rodrigues Alves, e, posteriormente, instalou-se na Rua Heloísa Pamplona.

Em 13 de Maio de 1938 foi lançada a pedra fundamental do prédio (que persiste até hoje), localizado na Rua Niterói, 226, Bairro Centro. Isso ocorreu em uma solenidade que consistiu na abertura de uma cavidade no terreno, onde foram sepultados, para as futuras gerações, os seguintes objetos: uma bíblia, alguns jornais diários, jornais evangélicos, moedas correntes e a cópia da ata que registrou a solenidade. Nesse mesmo ano, o prédio foi inaugurado.

Em 1944, a Congregação passou a ser Igreja Oficial, ganhando autonomia para eleger independentemente seus pastores.

A Igreja Cristã Presbiteriana de São Caetano passou a ser denominada Igreja Presbiteriana Filadélfia, em 21 de Janeiro de 1946, pela diretoria do Conselho.

Vinte e três de Novembro de 1958 – Lançada a pedra fundamental para a construção do novo templo.

Dezoito de Fevereiro de 1973 – Comemoração do Jubileu de Ouro da igreja e homenagem, com título de Presbítero Emérito, ao presbítero João Baptista de Souza (84 anos) pelos 50 anos de serviços prestados à igreja. Na ocasião, sua esposa, sra. Francisca de

Pastores da Igreja Presbiteriana de Filadélfia desde sua fundação até nossos dias:	
Rev. Matathias Gomes dos Santos	1923
Rev. Miguel Rizzo Júnior	1938
Rev. Rodolfo Garcia Nogueira	1935
Rev. Renato Ribeiro dos Santos	1936 – 1938
Rev. Henrique de Oliveira Camargo	1939
Rev. Mário de Cerqueira Camargo	1940
Rev. Osvaldo Alves	(Colaborador)
Rev. Boanergers Ribeiro	(Colaborador)
Rev. Sebastião Machado	1944
Rev. Alfredo Tomé Stein	1945
Rev. Wilson Castro	1946 – 1947
Rev. Gérson de Azevedo Meier	1947 – 1951
Rev. Domício Pereira Matos	1952
Rev. Raimundo Lória	1953 – 1955
Rev. Paulo Lício Rizzo	1956 – 1957– (Faleceu 11/03/57 durante o pastorado na IPF)
Rev. Wilson C. Ferreira	1957
Rev. Ludgero Machado de Moraes	16/10/1957 – 06/11/1960
Rev. Manoel Barbosa de Souza	15/12/1963 – 12/02/1967
Rev. Ismael de Oliveira	16/04/1967 – 12/10/1969
Rev. Joaquim Rodrigues Mourão	21/11/1971 – 27/01/1974
Rev. Raimundo Nunes dos Santos	13/03/1974 – 14/01/1979
Rev. João Emerick de Souza	25/03/1979 – 20/02/1974
Rev. Carlos de Castro	1987
Rev. Folton Nogueira da Silva	10/01/1988 – 03/03/1991
Rev. João Emerick de Souza	08/11/1992 – 07/08/1994
Rev. José Roberto Corrêa de Castro	1994 – 1995
Rev. Alexandre Rocha Petenatti	1997 – 2002
Rev. Saulo Marcos de Oliveira	2003 – Atual

Souza, também foi homenageada.

Dez de Janeiro de 1988 – A igreja torna-se Congregação Presbiterial. Reverendo Folton Nogueira da Silva é designado pastor da Congregação.

Doze de Agosto de 1990 – Reunião para reorganização da Igreja Presbiteriana Filadélfia.

Homenageando tanto o escritor como a Igreja Presbiteriana de Filadélfia, concluímos ressaltando a importância dos mesmos na história de São Caetano do Sul. De fato, Paulo Lício Rizzo, seguindo os passos do pai, Miguel Rizzo Júnior (também escritor e pastor), contri-

buiu sobremaneira e de forma eclética para a cultura de nossa cidade.

BIBLIOGRAFIA -

- Anais do II Congresso de História da Região do ABC – Paineis – Arte Operária, coordenador José de Souza Martins, pag. 481
- Rizzo, Paulo Lício – Pedro Maneta Depoimento do Diácono Paulo Ivo

(*) Sônia Maria Franco Xavier é professora de filosofia e de história, foi diretora do Museu Histórico Municipal, e, atualmente, é presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Um toque feminino em nossas raízes

Maria Gorete Soares FRAZÃO (*)

Mulheres, negros, índios e outras minorias passaram a ser seriamente estudadas pela História apenas no século XX. Em São Caetano não foi diferente. Relegadas a segundo plano, as mulheres raramente aparecem nos documentos oficiais. Em razão disso, nosso trabalho tem o objetivo de mostrar a existência de raízes femininas na cidade.

Se comparado com o que realmente deve ser feito, nosso objetivo é bastante modesto. O ideal seria analisar profundamente as conseqüências da atuação das mulheres na região. Artigos, porém, não têm essa função. Cabe aos livros a tarefa mais árdua. No entanto, não é irrelevante a missão dos artigos: traçar um panorama da situação e despertar, em pessoas de talento, a vontade de destrinchar o assunto. Com esse propósito, o *toque feminino* recuou no tempo e observou as atividades cotidianas de negras, índias e imigrantes. Sem lançar mão de intervenções sociológicas, retratou as mulheres no momento em que costuravam, lavavam roupa, conversavam...

Escrever sobre a presença feminina em São Caetano do Sul é viajar por todos os períodos da História do Brasil. Na época colonial, por exemplo, as índias, escravizadas, trabalhavam na Fazenda de São Caetano (propriedade dos monges beneditinos). Com o fim da escravidão indígena, as negras africa-



Lorencina Joana De Nardi. Ano 1931

Fundação Pro-Memória

nas assumiram o trabalho braçal nas fazendas da região.

As mulheres negras na Fazenda de São Caetano totalizaram um número de 65 escravas, entre os anos de 1798 e 1825^[1].

Em 1877, durante o Império, os imigrantes italianos formaram o Núcleo Colonial. Nesse contexto, as mulheres atuavam principalmente no ambiente familiar. Isso, contudo, não significava exclusão da vida social.

As mulheres circulavam pelo espaço de trabalho das olarias, ruas, iam ao rio lavar a roupa, onde se alternavam e se sobrepunham a proximidade da vizinhança e a convivência com os parentes^[2].

Por meio dessas atividades, as imigrantes reforçavam os laços de solidariedade. À beira dos rios Tamanduateí e dos Meninos, trocavam informações e cultivavam amizades. E também lavavam a roupa de toda a família.

A atuação das mulheres não foi grandiosa. Isso não quer dizer, porém, que não tenha sido importante. Os laços de amizade uniam as pioneiras da cidade em atividades beneficentes e educativas, ocupações que sem dúvida contribuíram para o bem-estar da comunidade. Sob esse ponto de vista, isto é, o da melhoria da qualidade de vida na sociedade local, as raízes femininas não devem ser desprezadas. E se é possível descobrir, por meio de um simples artigo, aspectos importantes da atuação feminina na cidade, o estudo mais profundo do tema, sem dúvida, revelará uma série de notáveis influências da mulher em São Caetano e no ABC.

Notas

[1] MARTINS, José de Souza. A escravidão em São Caetano (1598-1871). São Caetano do Sul: Co-edição Associação Cultural Recreativa e Esportiva Luís Gama, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de São Caetano do Sul, CEDI-Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1998, p.21-22.

[2] GARCIA, Carla Cristina. As Outras Vozes. Memórias Femininas em São Caetano do Sul. São Paulo: Hucitec, 1998, p.31.

Bibliografia



Mulheres da família Marchesan. Ano 1920

Fundação Pró-Memória

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo XIX. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DEL PRIORE, Mary (org). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2000.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 2001.

GARCIA, Carla Cristina. Outras Vozes. Memórias Femininas em São Caetano do Sul. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARTINS, José de Souza. Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano do Sul, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo:

Hucitec, 1992.

A escravidão em São Caetano (1598-1871). São Caetano do Sul: Co-edição Associação Cultural Recreativa e Esportiva Luís Gama, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de São Caetano do Sul, CEDI-Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1998.
NOVAIS, Manoel Cláudio. Nostalgia. São Paulo: Muca, 1991.

(*) Maria Gorete Soares Frazão é graduada em História pela Universidade do Grande ABC



Jardim Primeiro de Maio. Concha Acústica e busto de bronze. O enquadramento, ou seja, o ângulo de visão do fotógrafo em relação à paisagem, possibilita um emolduramento do assunto com o uso da vegetação em primeiro plano. A luz bem aproveitada resulta em chiaroscuro, com variações de cinza, dando atmosfera ao quadro

A fotografia e a cidade III

Waldemiro Chomem, fotógrafo

Neusa Schilaro SCALÉA (*)

Ao conhecer uma bela coleção de fotografias da cidade de São Caetano do Sul, realizadas entre 1950 e 1970, procuramos o autor. Essa empreitada nem sempre é fácil, visto que a maioria das fotos dos arquivos particulares e oficiais não possui referência aos autores. Não era usual o fotógrafo assinar seus trabalhos. Em outra oportunidade voltaremos a esse assunto, do qual já se ocuparam Walter Benjamim, Susan Sontag, Boris Kossoi e outros críticos e estudiosos da fotografia.

No caso dessa coleção, tivemos o prazer de encontrar Waldemiro Chomem, que fotografou São Caetano do Sul não só oficialmente - como funcionário da Prefeitura Municipal -, mas também por gosto e vontade.

A família Chomem deslocou-se, no início dos anos 40, do Paraná para São Paulo, de Curitiba para São Caetano do Sul, em busca de boas condições de trabalho para os pais e de estudo para os quatro filhos: Maria Olga, Miguel, Alice e Waldemiro.

Estudar química era o intuito do mais novo dos Chomens,

Waldemiro, mas essa vocação nunca chegou a se concretizar. A mecânica tornou-se sua primeira atividade profissional. Interessante notar que ambas as matérias - a química e a mecânica - podem ser entendidas como suporte para a fotografia. Uma câmara fotográfica é um instrumento de precisão ótica, mas também mecânica, e o processo fotográfico, que torna a imagem visível, é químico.

No início dos anos 50, Waldemiro, que trabalhou na Companhia Brasileira de Cartuchos, no setor de segurança do trabalho, ingressou, através de concurso, na Prefeitura

Municipal de São Caetano do Sul, para trabalhar como escritor. Porém suas qualidades de fotógrafo logo chamaram a atenção de seus colegas, e ele passou a ser chamado com frequência para acompanhar o prefeito Ângelo Raphael Pellegrino a fim de registrar eventos públicos. Utilizando seu próprio equipamento, pôde fotografar visitantes ilustres, obras públicas, cerimônias cívicas, religiosas e escolares. O prefeito nomeou-o como fotógrafo oficial, posto em que permaneceu também na gestão de Anacleto Campanella.

Mas, para além dos fatos, ultrapassando os registros de arquivos oficiais, está o trabalho que desperta nossa admiração ainda hoje. As fotos livres, onde o olhar fotográfico de Waldemiro permite uma avaliação estética, tornando o enqua-

dramento agradável ao espectador. Nesses trabalhos uniu o conhecimento técnico dos equipamentos – sempre de boa qualidade – à cuidadosa escolha dos materiais. O processamento bem feito, o senso de equilíbrio e a perspicácia na angulação resultaram em um acervo que transcende o mero registro histórico. E hoje temos imagens de uma cidade que não existe mais. A vida urbana foi se modificando, engolfando espaços, ocupando horizontes e distribuindo-se pelo município, muitas vezes sem deixar vestígios. O passado sobrevive na memória de alguns e nas fotografias de outros.

Merecem destaque, ainda, no acervo fotográfico de Waldemiro Chomem, o capricho, a disposição e a tenacidade para superar obstáculos a fim de conseguir um bom ângulo de visão. Percebe-se o fotógrafo ha-

bilidoso e técnico que busca ângulos inusitados, primeiros planos, luzes altas ou difusas, além de criteriosas seleções de abertura e velocidade para subverter a bidimensionalidade da fotografia, criando a ilusão da profundidade.

Chomem pôde unir a finalidade imediata do registro ao senso, satisfazendo não só memorialistas, historiadores, pesquisadores, arquitetos e urbanistas, mas também aqueles que apreciam a fotografia pelo seu valor estético e artístico.

A Fundação Pró-Memória realizou, em Setembro de 2002, em sua antiga sede, na Avenida Goiás, 600, uma exposição com as fotos de Waldemiro Chomem.

(*) Neusa Schilaro Scaléa, formada pelo MAC-USP, é museóloga especializada em museus de arte

Prédio sede da Prefeitura nos anos 50.

Mais uma vez a luz é domada e, obediente, não estoura os brancos nem estraga os detalhes nas sombras. Podemos

ainda apreciar a qualidade dos materiais, dos equipamentos e as escolhas determinadas pelo olhar fotográfico do autor.



Fundação Pró-Memória

O Patrimônio Histórico e o Direito Difuso

José Odair da SILVA (*)

O princípio fundamental da República Federativa do Brasil, que consagra a dignidade da pessoa humana, estabelece, não somente na base determinante de toda e qualquer política de desenvolvimento, mas também e necessariamente assegurando a todos os demais direitos previstos na Carta Magna, direitos que incluem o bem cultural e o patrimônio cultural.

Entenda-se como patrimônio cultural o conceito fixado no artigo 216 da Constituição da República: *possibilidade de manutenção, de preservação de um bem que guarda a identidade de um povo, o seu sentido e a sua formação*. Para justificar a importância em face do resgate da memória coletiva, e evitar que seja negligenciada em nome da *modernidade a qualquer custo*, surge o direito difuso.

A definição de direito difuso pode ser delineada no art. 81, parágrafo único, da Lei nº 8.078/90, que instituiu o Código de Defesa do Consumidor: *I-interesses ou direitos difusos, assim entendidos, para efeitos deste Código, os transindividuais, de natureza indivisível, de quem sejam titulares pessoas indeterminadas e ligadas por circunstâncias de fato*. Direitos Difusos, assim, *são aqueles cujos titulares não podem ser especificados. São os fatos que determinam a ligação entre as pessoas, cujos direitos não podem ser partidos, são indivisíveis*^[1]. Dada sua natureza, *transcende a individualidade e repousa na coletividade*. Não pode ser cindido, já que a todos pertence, bastando uma única ofensa para que todos sejam atingidos. Decorre daí a última característica, que é a indeterminabilidade dos titulares desse direito, ligados apenas por circunstâncias de fato, não sendo possível a identificação dos indivíduos. *É a dimensão do grupo subjetivo que faz coletivo a um interesse, mas é a indeterminação, a falta de limites precisos quanto à indefinição das pessoas que*

o compõem que converte a esse interesse em difuso. Portanto, o interesse difuso se caracteriza por corresponder aos sujeitos de um grupo indeterminado^[2].

Os interesses de um grupo são merecedores da proteção legal, dada a importância dos interesses em causa, como o direito a um ambiente sadio e ecologicamente equilibrado, a defesa do consumidor, a defesa do patrimônio cultural. Compreender os interesses difusos requer antes de tudo entender a questão social e abandonar os esquemas dogmáticos e puristas. A emergência do tema reflete um novo tipo de direito que não é privado nem público. Exemplificando, podemos citar o problema da destruição de patrimônios históricos e culturais, como obras arquitetônicas, praças etc, que abrigam interesses de grupos, categorias, massas e classes da sociedade. Quando uma lesão é produzida em forma massiva, a lesão individual não é mais do que um fragmento do dano total; daí se tratar de interesse fragmentado. *Denomina-os de interesses em busca de um autor, na medida em que não têm um proprietário, são difusos*^[3].

As últimas décadas assistiram ao desenvolvimento crescente de uma nova categoria de interesses, denominados difusos, que vêm merecendo proteção jurídica. Não se trata de direitos que tenham titular certo, apto a desfrutar, individualmente, de determinado bem jurídico. Ao contrário, tais interesses caracterizam-se por pertencerem a uma série indeterminada de sujeitos e pela indivisibilidade de seu objeto, de forma tal que a satisfação de um de seus titulares implica a satisfação de todos, ao mesmo tempo em que a lesão de um só constitui lesão inteira da coletividade^[4].

Observa-se que o enfoque referente às características inerentes do Direito Difuso nos faz refletir sobre a lesão aos bens de natureza difusa, cujas conseqüências atingem toda a coletividade. Trazendo a discussão para o campo do patrimônio histórico ou

cultural, pode-se afirmar que um dano provocado a qualquer monumento histórico, seja qual for sua localização, atinge a coletividade como um todo, e não apenas um grupo determinado de pessoas preocupadas em preservar aquele bem.

Depreende-se daí a importância de medidas preventivas no que diz respeito à proteção do bem ambiental e cultural ou histórico, uma vez que o dano é de difícil - para não dizer impossível - reparação. Em grande número de hipóteses, é irreparável a lesão consumada: nada seria capaz de reconstruir a obra de arte destruída nem restaurar a rocha que enfeitava a paisagem. Inexiste, ademais, prestação pecuniária que logre compensar adequadamente o dano, insuscetível de medida por padrões econômicos. O que mais importa é evitar a ocorrência da lesão, daí o caráter preventivo que deve assumir, de preferência, a tutela jurisdicional.

Em face das dificuldades encontradas na reparação do dano ambiental, ganha relevo a observância dos princípios da preservação e da educação ambiental, como forma de despertar uma consciência de preservação dos bens culturais. Além disso, é preciso criar uma cultura que se volte para a preservação dos bens.

[1] NUNES, Luiz Antônio Rizzatto. Manual de introdução ao estudo do direito. São Paulo, Saraiva, 1999.

[2] ANGELIS, Dante Barrios de. Defesa judicial de los intereses difusos. In: Introducción al proceso, Montevideo, Idea, 1980.

[3] GUERRA, Isabella Franco. Ação civil pública e meio ambiente, Rio de Janeiro, Forense, 1997.

[4] BARROSO, Luís Roberto. O direito constitucional e a afetividade de suas normas, Rio de Janeiro, Renovar, 1990.

(*) José Odair da Silva é mestre em História (PUC- SP), membro do Conselho Diretor da Fundação Pró Memória, professor de História Antiga da UniABC, membro efetivo da Assembleia Geral Ordinária da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

Armélindo Antonio tem história de bom profissional

Antônio Júlio Pedroso de MORAES (*)



Nessa entrevista, Armélindo Antonio conta com detalhes sua trajetória de trabalho e vida. Não fosse pela aposentadoria (em primeiro de Fevereiro de 1995), em Março de 2003 estaria completando 49 anos na Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Também o prefeito da cidade, Luiz Olinto Tortorello, enaltece nessa entrevista a figura do ilustre *Barnabé*.

Armélindo Antonio nasceu na Vila Lidice, interior do Estado do Rio de Janeiro, perto de Barra Mansa, em nove de Novembro de 1934, sendo filho de Joana Odete e João Antonio. Seu primeiro e único emprego, em 68 anos de idade, foi na Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, onde começou a trabalhar, como operário braçal, em 17 de Março de 1954, na primeira gestão do prefeito Anacleto Campanella.

Armélindo conta que se acidentou, logo no primeiro dia de trabalho, na construção do Jardim Primeiro de Maio, localizado no cruzamento da Rua Manoel Coelho com a Avenida Goiás. *Naquele dia peguei uma guia pré-fabricada (uma novidade na construção) com mais um colega de trabalho. Ele não agüentou o peso do material e eu, para evitar a queda em cima do pé dele,*



Casamento de Alice Maria e Armélindo no Cartório de Registro Civil de São Caetano do Sul. Na oportunidade, o juiz de paz João Relá contou com o auxílio de Caetano Grecco para a oficialização do matrimônio

acabei machucando três dedos da mão, relembra Armélindo. Também, depois da espremida, nunca mais me aconteceu nenhum acidente. Nem fiquei doente, a não ser alguma gripezinha.

De acordo com Armélindo Antonio, naquele tempo, como não havia asfalto, a cidade de São Caetano não sofria enchentes. As pessoas tinham como diversão a Nova Gerty, onde era possível escutar, por meio da rádio local, nomes famosos da Música Popular Brasileira como Celly Campello, Nelson Gonçalves, Nono e Nana, Cascatinha e Inhana etc. *Em 55, tinha o A Voz da Vila Gerty, que era um alto-falante que tocava música*

popular. Os rapazes ofereciam para as mocinhas, era um sucesso. Depois, inauguraram a Rádio Cacique em 58, com músicas caipiras, como o Tônico e Tinoco. Ela ficava na Rua Santa Catarina. Não tínhamos nada de televisão. Me lembro que apenas o Oswaldo Salgado tinha um desajeitado aparelho em seu bar, disse.

Quando a Prefeitura e a Câmara eram em cima do prédio do Cine Vitória, a coleta de lixo era feita de uma forma muito sofrida. *Em São Paulo, na Vila Alpina, a coleta era feita com carroças puxadas por burros. Aqui em São Caetano já existiam caminhões. Ficavam duas pessoas em cima e os outros embaixo.*



Padre Jorge, da Igreja São Francisco, realizou o casamento de Armelindo Antonio em 19 de Dezembro de 1964

Quem trabalhava sofria muito, não havia luvas como hoje. As pessoas colocavam cacos de vidro, cachorro morto, e os coletores chegavam até a se cortar. Este foi o único serviço que eu não fiz na Prefeitura. O restante fiz de tudo. Trabalhei em cemitério, ajudei a fazer a primeira gaveta do Cerâmica (Cemitério da Saudade), de cinco andares (...) A Prefeitura mudou o acampamento dos operários para a Rua Heloísa Pamplona quando o DAE (Departamento de Água e Esgoto) precisou de dois homens. Meu chefe era o cunhado do Campanella, o Eugênio Chinarelli, e me apontou com o outro companheiro para entregarmos as contas de água, que estavam atrasadas seis meses, disse Armelindo. E completou: Chegamos lá sem saber o que iríamos fazer (...) Nos deram uma pasta com 200 recibos carimbados com o vencimento daquele dia.

Tivemos que entregar protocolado, de mão em mão. À tarde, tínhamos que colocar tudo em ordem para entregar outra vez na sessão. E já tinha outra leva preparada para o dia seguinte. Mesmo se chovesse muito, tínhamos que nos multiplicar e entregar.

(...) Não me esqueço de que quando ia entregar os avisos, às vezes tinha pessoas que estavam almoçando, paravam para atender a porta, e nos xingavam, funcionários da Prefeitura, de vagabundos. E hoje nós vemos os filhos deles lá dentro ganhando mais do que nós sem fazer nada. Os antigos têm que trabalhar e os novos não querem nada, pois tudo mudou, agora tem o computador (...) Trabalhei dez anos e depois o prefeito Massei construiu a Prefeitura na Avenida Goiás e alugou a parte debaixo para o DAE. Nós ficamos lá mesmo na Prefeitura, na sessão que ti-

nha a parte do Departamento de Água e a parte do IPTU. Então paramos de entregar contas do consumo de água, porque o DAE contratou pessoas para fazerem isso e passamos a entregar o IPTU. Daí trabalhei mais 15 anos na tesouraria. Em 1983, o Braido entrou no comando da Prefeitura pela terceira vez, acabando com a sessão. Então abriram uma vaga para contínuo. Uns foram trabalhar para o jurídico e outros para o departamento fiscal. Eu tive dois dias para pensar se ia para o gabinete ou para o jurídico. Eu pensei bem e fui para o gabinete, ver como funcionava. Como eu era de falar muito, ouvi pessoas dizerem que não iria ficar 15 dias no gabinete. Eu buscava o jornal e levava na mesa do prefeito, que na época era o Braido. Depois do falecimento de um rapaz do departamento de finanças, nosso diretor, que era o Ubirajara Garcia, me mandou ir para a Fazenda. Aí complicou um pouco, porque eu tive que aprender a orientar as pessoas. Fui aprendendo e no fim fiquei sendo um dos melhores contínuos da Fazenda, relembra o funcionário aposentado.

Armelindo lembra-se de que todas as entregas eram feitas a pé, pois não havia condução para levar os entregadores. Hoje está uma beleza e o pessoal ainda reclama que está ruim. Antigamente era tudo na sola, a pé. Se fosse no meu tempo, não ficava um. De vez em quando o caminhão nos pegava no acampamento e no final da tarde não vinha nos buscar. Aí tínhamos que voltar a pé com as enxadas,



Alice Maria Antonio e Armelindo Antonio estão unidos há 38 anos

lutas e vencemos todas juntos. São 38 anos de casamento. Temos cinco filhos e oito netos. Ainda virão mais, pois faltam duas filhas para se casar, disse Alice Maria Antonio.

Desta feliz união com Alice Maria Antonio nasceram cinco filhos: Sandra Maria Antonio, Vilma Maria Antonio, Cláudia Maria Antonio, Paulo Rogério Antonio e Odete Adriana Solange Antonio, que lhes deram oito netos: Jéssica Daniela Batista, Marcos Antonio Batista, Kelly Cristina Batista, Aline Bressanin, Tatiane de Souza Antonio, Lucas Henrique de Souza Antonio, Tayná de Souza Antonio e Gabriele Cristina de Souza Antonio.

Todos, com exceção de Sandra Maria Antonio, que mora em Ferraz de Vasconcelos, vivem juntos, num grande imóvel na Rua Mamede Rocha, 518, Vila Palmares, Santo André, onde também reside a única nora, Rosemeire Aparecida de Souza Antonio. Armelindo Antonio e dona Alice Maria Antonio vivem felizes na casa construída com o sacrifício de quase meio século de trabalho.

Corintiano fervoroso, que um dia já chegou a esperar 23 anos para ser campeão, Armelindo acredita que o time será o campeão do Paulistão em cima do São Paulo (previsão que se confirmou). *Vice nós já somos. Quando a Gaviões da Fiel é campeã no carnaval, nós também somos no futebol, vibra o torcedor.*

(*) Antonio Júlio Pedroso de Moraes é editor da Tribuna do ABCD

pás, picaretas e outras ferramentas nas mãos. Hoje ninguém anda 200 metros a pé que já quer um carro. Nós não tínhamos nem restaurante na Prefeitura. Éramos marmiteiros. Quem construiu o restaurante foi o ex-prefeito Walter Braido, que o inaugurou no dia 30 de Dezembro de 1988. Em 1989, o Tortorello tomou posse. De lá para cá passamos a ter o restaurante, que esperamos 30 anos para ser construído. Antes trazíamos marmitta de casa. Era uma promessa que não acreditávamos mais que seria cumprida. Quando o Braido saiu da Prefeitura, já deixou o restaurante funcionando. O Tortorello o aperfeiçoou e o mantém até hoje. Dentro desses 41 anos de Prefeitura, Armelindo Antonio trabalhou em diversas repartições, passando pelos prefeitos Anacleto Campanella e Oswaldo Massei (duas vezes cada), Walter Braido (três mandatos), Raimundo da Cunha Leite,

Tortorello (primeira gestão) e Dall'Anese.

Aprendi muito em todos esses anos em que trabalhei na Prefeitura. Se fosse necessário, faria e percorreria tudo de novo. Na minha sessão ganhei da Carminha e da Vera o carinhoso apelido de Armé.

Em 19 de Dezembro de 1964, Armelindo Antonio casou-se com Alice Maria Antonio na Igreja São Francisco, Bairro Santa Maria, em cerimônia celebrada pelo padre Jorge, e no Cartório de Registro Civil de São Caetano do Sul, em ato oficializado pelo juiz de paz João Relá (o famoso Homem da Capa Preta), coadjuvado pelo jovem Caetano Grecco.

Embora tenham se casado em São Caetano do Sul, Alice Maria Antonio e Armelindo Antonio se conheceram no Rio de Janeiro. *Nossas famílias também já se davam muito bem. Ele veio primeiro e eu em seguida. O Armelindo é um bom marido. Tivemos muitas*

Entre os imigrantes italianos é ordenado o primeiro padre

Humberto Domingos PASTORE (*)

No dia três de Dezembro de 1929 nascia mais um filho do casal Antônio e Maria de Jesus Pinto De Nardi. Era o menino Francisco Raul De Nardi, que viria a ser o primeiro padre consagrado entre os primeiros imigrantes italianos da então Vila de São Caetano. O seu parto, assim como o de seus outros irmãos, aconteceu no Palacete De Nardi, casarão que hoje abriga o Museu Histórico Municipal, mas que foi construído inicialmente para abrigar a família do patriarca Celeste De Nardi, ainda no ano de 1896.

A rua, naqueles idos de 1920, não se chamava Maximiliano Lorenzini. Tinha outro nome, Rua Rio Branco, e o número era 205. A infância do pequeno Raul tinha muitas brincadeiras, um tempo para a escola, outro tempo para a olaria, mas o domingo era dedicado à igreja. Desde tenra idade, passava horas e horas, dentro da Paróquia São Caetano, ajudando o padre José Dalvide e participando das missas como coroinha.

Num dia muito especial, o pároco Dalvide lhe perguntou: *Você gostaria de ser padre?* Ele prontamente respondeu que sim. Então foi orientado a ir perguntar se os pais concordavam com o fato. Saiu então numa disparada, cortando os terrenos da rua Ceará, e encontrou sua mãe na cozinha de casa. Fez-lhe a pergunta. A resposta foi clara e objetiva: *Pode, mas vá perguntar para o seu pai.*

Também numa correria foi até a Olaria dos Perrellas, onde seu pai trabalhava, e, encontrando-o, fez a



pergunta. A resposta foi também um *sim*. Todo contente, voltou ligeirinho para dentro da igreja, a fim de dar a resposta ao padre. Em sua cabeça o pensamento de que no dia seguinte já estaria estudando

no seminário. Mas uma *ducha fria* o esperava. Ficou sabendo que, como ainda estava no segundo ano do Grupo Escolar, deveria primeiro acabar esse ano, concluir o terceiro e o quarto, para só depois dar início aos estudos sacerdotais.

O pequeno Raul soube suportar essa contrariedade, e, contando um dia após o outro, viu o tempo passar e chegar o dia de sua partida. Em nenhum momento teve dúvidas. Tinha descoberto sua vocação sacerdotal.

DESPEDIDA - Padre Raul, hoje com 73 anos, recentemente esteve em São Caetano e, ao visitar o Museu Histórico Municipal de São Caetano, concedeu entrevista à Revista Raízes. Ele nos contou que uma cena ainda teima em permanecer em sua mente. Aconteceu quando ele tinha 12 anos e o marcou muito. Foi quando deixou toda a família sentada na escadaria frontal de sua casa (hoje museu) e par-



Padre Francisco Raul De Nardi, no altar da Paróquia São Caetano

tiu, com sua irmã Rosalina e sua tia Fioretta, para a cidade de Rio Claro, onde a Ordem dos Estigmatinos mantinha um seminário para jovens. Ele todo saltitante de felicidade, acenando e recebendo os acenos de seus emocionados familiares. Era o dia primeiro de Março de 1942.

Padre Raul lembra também que, antes dessa viagem, por diversas vezes veio até sua casa o padre Luiz Benedetti, para conversar com seus pais e certificar-se da fé do menino. Era sempre uma festa. A família sabia que padre Luiz gostava da cerveja Malzbier e sempre comprava uma e punha na geladeira para ser servida geladinha, quando o sacerdote visitava a casa.

Ele também se lembra de que seus pais receberam uma lista enorme das coisas que deveriam providenciar. Além do material escolar, tiveram que incluir até um colchão.

Durante muitos anos o pequeno Raul só teve contato com os livros, os professores e os colegas seminaristas. A visita era restrita e, nas férias, eram incentivados a ficar numa fazenda. Não aconselhavam a volta para o seio familiar, pois isso implicava em perda de contato com a parte religiosa e espiritual.

Mas padre Raul não reclama de nada. Pelo contrário, vive para afirmar que está valendo cada minuto da sua vida, mesmo lembrando que, ao contrário dos outros seminaristas que com 12 anos de estudo se ordenavam, ele teve que esperar mais alguns anos para receber esse sacramento.

Ele nos conta que, perto de se ordenar, ficou muito doente e teve que adiar a cerimônia. Nesse período, acabou indo para a Itália, onde aprofundou seus estudos de teologia em Verona. Ao mesmo tempo, dava aulas para os futuros padres.



E o tempo foi passando.

Quando se deu conta, ele, que tinha saído de casa para voltar padre, estava num país distante atuando como professor. Foi aí que sua vocação falou mais alto. Tomou a iniciativa de enviar uma carta para a cidade do Vaticano e, em pouco tempo, estava com o pedido para ser ordenado.

FESTA - Foi uma festa. A cidade se preparava para a solenidade de ordenação do primeiro padre nascido no município, que aconteceu no dia oito de Dezembro de 1966. A Prefeitura tomou a frente e se incumbiu de arcar com todas as despesas. Os padres estigmatinos cuidaram de todos os detalhes para a missa na Matriz Sagrada Família. Aqui uma explicação: padre estigmatino vem da ordem religiosa denominada Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, que em São Caetano construiu e responde pela principal paróquia, localizada no centro da cidade.

A cerimônia foi presidida pelo bispo diocesano da época, dom Jorge Marcos de Oliveira, e contou com a presença do vigário padre Artur, além do bispo de Uberlândia, dom Moura, e, curiosamente, também do recém-orde-

nado padre José Mainardi, hoje responsável pela Matriz Sagrada Família. Sua primeira missa foi rezada nesse mesmo local, no dia 11 de Dezembro, um domingo.

Padre Raul também pertence a essa ordem e, após ser ordenado, foi evangelizar na Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho, no alto da Mooca. Depois foi para a Paróquia Nossa Senhora de Santa Cruz, na cidade de Rio Claro. Dali se transferiu para Morrinhos, em Brasília, onde ficou no Educandário do Seminário local. De 1970 a 1977, permaneceu em Uberaba. Voltou para São Paulo, logo se transferindo para a Paróquia Nossa Senhora do Desterro, em Casa Branca. Foi para Rio Claro e depois novamente para Uberaba. Em 1994 estava em Luiziana, Goiás. Em 1996 em Ituitaba e em 1999 em Goiânia. Hoje é padre coadjutor na Paróquia Nossa Senhora do Guadalupe, em Belo Horizonte.

PARENTES - A certidão de batismo do menino Francisco Raul De Nardi foi assinada pelo padre José Tondin, em cerimônia que aconteceu na Matriz Velha, a Paróquia de São Caetano, no Bairro da Fundação. Foi ali que o garoto Raul recebeu o convite para se tornar padre. E nesse local santo padre Raul rezou missas e celebrou o casamento de vários sobrinhos, assim como o das irmãs Alice e Judite.

A última celebração de padre Raul nessa paróquia aconteceu no dia 15 de Março de 2003, quando rezou missa em memória de sua irmã Nair, que havia falecido uma semana antes.

() Humberto Domingos Pastore é jornalista e atualmente dirige o Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul*

Abdolláh Sahihi, pioneiro da fé Bahá'í na cidade

Fariba Shaikhzadeh VAHDAT(*)

A vida de Abdolláh Sahihi está para sempre relacionada com o desenvolvimento da próspera cidade de São Caetano do Sul, em São Paulo. Foi nessa bela cidade que ele, aos 32 anos de idade, em 18 de Agosto de 1955, juntamente com sua esposa Tahereh e as duas filhas, Mahasti e Vênus, se estabeleceu. Trata-se da primeira família de pioneiros bahá'ís a residir em São Caetano do Sul. Este fato tem uma significação que transcende a história linear da história de uma cidade e também transcende a biografia de uma vida. O significado é intangível assim como é intangível o bem que uma pessoa pode praticar, as energias positivas que um pacifista pode liberar e as conquências advindas desse fato gerador e inicial. A escolha da família Sahihi por São Caetano se deu certamente por motivos aparentemente prosaicos: uma cidade acolhedora, próxima a uma megalópole de renome mundial, São Paulo. Mas é ao acaso que as grandes decisões ocorrem, pois a história mundial, nas palavras de Nietzsche, avança com *pés de pombos*. São passos leves, delicados, mas guardam consigo as percepções do mundo. No caso de Abdolláh Sahihi guardavam consigo os ideais de um mundo novo, unido em sua essência, um mundo onde homens e mulheres desfrutariam de direitos e oportunidades iguais e de onde estaria banido o bacilo do preconceito, seja ele



racial, cultural, social, religioso ou de nacionalidade.

A década de 1950 é marcada por atos abnegados de milhares de Abdollás. São pessoas que sentindo a urgência do momento e as necessidade de se transformar o mundo lançam-se ao campo de ação e escrevem com suas próprias vidas, com seus pensamentos e esforços, uma nova história. Foi nessa década que milhares de bahá'ís saíram da antiga Pérsia (hoje Irã) para proclamar em alto e bom som que a *Terra é um só país e os seres humanos seus cidadãos*. Ou seja, para ensinar a uma geração do pós-guerra que era chegado o momento de se pensar seriamente em uma paz que pudesse abarcar a todos. Essas pessoas, com a força de sua motivação pura e a solidez de uma crença inabalável na unidade do gênero humano, fizeram a diferença. Ao mesmo tempo em que buscaram empregos, abriram seus lares para defender idéias tão oportunas ontem como hoje, co-

mo a de que a felicidade é possível se houver união entre as pessoas, que existe um Deus que é todo amor e que é a própria base de todas as religiões, não importando qual a sua denominação ou congregação, que fomos todos criados para conhecer e adorar a um mesmo e único Deus.

De dezenas, centenas, milhares de reuniões Abdolláh Sahihi e sua família puderam participar. Eram reuniões de orações, reuniões onde os temas maiores eram a promoção da paz mundial, a defesa dos direitos da mulher, a educação das crianças, a proteção do meio ambiente. E em cada reunião uma convocação à sociedade, um apelo para um maior engajamento visando tornar real um mundo nascido inicialmente apenas no coração e nas mentes dos homens e mulheres de boa vontade. Em 1958, Abdolláh e Tahereh foram privilegiados por terem sido eleitos para integrar o corpo de sua primeira Assembléia Espiritual Local dos Bahá'ís de São

Caetano do Sul. Uma imensa responsabilidade e ao mesmo tempo uma brilhante conquista para qualquer pioneiro bahá'í ao redor do mundo. É esta a instituição que libera as energias espirituais para toda a população, que trata dos melhores interesses de uma cidade ao propor, abordar e realizar uma infinidade de atividades que visam unicamente à felicidade humana. É, por todos os motivos, o coração da vida comunitária bahá'í. Ainda hoje, em 2003, São Caetano do Sul tem elegido anualmente a sua Assembléia Espiritual Local. É a semente trazida pela família Sahihi que continua a germinar.

Hoje, grande é a nossa satisfação ao vermos que São Caetano do Sul ocupa uma posição privilegiada entre as cidades brasileiras: é melhor em qualidade de vida. Estamos conscientes de que a vida e o amor da família Sahihi por essa cidade não foram em vão. Estamos convencidos de que, muito ao contrário, o poder dessas ações, empreendidas com genuíno amor em prol da coletividade sancaetanense, transcendem em muito os limites de uma influência meramente ética, moral e espiritual. Na verdade, este poder se traduziu em melhorias concretas para a cidade, alçando-a à posição invejável em que se encontra.

Mas o que motivaria um jovem casal como Abdolláh e Tahereh a abandonar sua terra natal, a desconsiderar os desafios de dominar um novo idioma, a conhecer uma cultura tão diferente quanto a brasileira em relação à persa? O que lhes impeliu a trazer duas filhas pequenas para viver tão grande *aventura*? O amor a Deus é a respos-



Casal Sahihi e seus netos Samantha, Leila, Turadi e Keivan

Família Sahihi

ta. Eles ouviram o chamado de Bahá'u'llah (1817-1892) e não puderam resistir nem aguardar. Lançaram-se no grande oceano dos destinos humanos. Descobriram que poderiam fazer algo de grande para o mundo, tendo como matéria-prima suas próprias vidas, e não... hesitaram. A mensagem que tanto cativou seus corações é a mensagem que vem cativando os corações e as mentes de pelos menos seis milhões de bahá'ís em todos os quadrantes do planeta. É uma mensagem poderosa, mais que uma mensagem, uma convocação para que refinemos nosso caráter, adquiramos virtudes celestiais e aprimoremos nossas atitudes com um novo sentido espiritual para nossas existências. Eles entenderam, ainda muito jovens, que a maior revolução que alguém pode empreender é aquela que se trava no lado esquerdo do peito. Escolheram o Brasil como destino e São Caetano do Sul como seu lar.

E assim desencadearam processos múltiplos cujas consequências são hoje palpáveis. E não nos admiraremos muito se em breve alguma praça, avenida ou rua de São Caetano do Sul

receber seu nome como uma singela homenagem de uma cidade a esse muito amado pioneiro bahá'í que viveu e morreu com a serenidade e a calma tão característica dos bons, dos puros e dos justos.

Abdolláh Sahihi abandonou esta vida terrena no último dia três de Janeiro de 2003, em Maringá, no Paraná, faltando poucos meses para celebrar seu 80º aniversário. Todavia, a todos quantos o conheceram ficou a certeza de que... nem todos morrem, uma vez que passam a viver como encantados em nossa memória. E, esteja onde estiver, ele conta com essa promessa enfática de Bahá'u'llah: *...os que abandonaram sua pátria com o fim de disseminar Nossa Causa – a estes, o Espírito Fiel haverá de fortalecer através de seu poder e uma companhia de Nossos anjos escolhidos irá a seu lado, assim como ordenou Aquele que é o Todo-Poderoso, o Onisciente...*

(*) Fariba Shaikhzadeh Vahdat é engenheira química formada pela Escola de Engenharia Mauá. É também coordenadora de projeto de educação complementar junto a escolas e universidades e pesquisadora de temas relacionados a processos de aprendizagem e teorias comportamentais

Aurélia Müller: imigrante iugoslava comemora 50 anos em São Caetano do Sul

Yolanda ASCENCIO (*)



Memória
Filha de Antônio Nagy e Apolônia, Genoveva nasceu em Bucovina (Romênia), no dia 19 de Abril de 1897. Seus pais eram lavradores e tiveram cinco filhos. Quando Genoveva tinha apenas sete anos de idade perdeu a mãe. O pai casou-se novamente. A segunda esposa de Antônio Nagy não gostava da menina Genoveva, a quem fez sofrer de todas as formas. Tantos foram os maus tratos e intrigas da madrasta, que o pai de Genoveva acabou expulsando a filha de casa, quando ainda adolescente. Abandonada pelo pai, Genoveva foi para Budapeste (Hungria), onde morava sua irmã Catarina, já casada. Acolhida pela irmã, Genoveva logo encontrou trabalho em uma fábrica de munições, onde conheceu João Lerch, filho de Karl Lerch e Josefina, nascido na cidade de Novi-Sad (Hungria), no dia 20 de Fevereiro de 1897.



Aurélia Müller, à esquerda, como escoteira, em 1941, na Hungria

Em 1918, João Lerch e Genoveva casaram-se. Sua primeira filha, Leontina, já estava com seis meses. Em 1919, começou a revolução na Hungria e João Lerch foi convocado, deixando a mulher, grávida pela segunda vez. Sem recursos e não podendo trabalhar, Genoveva viu-se obrigada

a voltar para a casa do pai, onde nasceu seu segundo filho, Carlos. Entretanto, ao casar-se com um húngaro, Genoveva perdera a nacionalidade romena, recebendo, por isso, ordem de deixar seu país.

Sem outra alternativa, Genoveva, com duas crianças pequenas, enfrentou uma viagem de três dias, em um trem de carga, para chegar à cidade de Novi-Sad. Estava à procura da família do marido. Ali, encontrou a sogra, dona Josefina, que levou a nora e os netos para sua casa. Com surpresa, Genoveva reencontrou o marido na casa da mãe e voltaram a viver juntos, na periferia da cidade. João tinha um bom ofício. Era mecânico ferramenteiro, mas não se sujeitava a receber ordens, estando, por isso, sempre desempregado e obrigando a mulher a trabalhar para o sustento da família, que aumentou com o nascimento de Aurélia e Estêvão.

AURÉLIA – Filha de João Lerch e Genoveva, Aurélia nasceu na cidade de Novi-Sad (Iugoslávia), no dia 13 de Janeiro de 1922. Segundo nossa entrevistada, quando seu pai nasceu, em 1897, a cidade de Novi-Sad pertencia à Hungria, mas em 1922 já fazia parte da Iugoslávia.

Era costume batizar a criança no oitavo dia do nascimento e a menina Aurélia ainda não tinha nome. Pensou-se em dar-lhe o nome da avó, Josefina, que não aceitou a idéia. Tia Berta, a madrinha, também não quis dar seu nome à afilhada. Assim, decidiu-se pelo nome de Aranka, cuja tradução, em português, seria Áurea, mas, por algum mal-entendido, registraram-na como Aurélia.



Dona Aurélia e Anton em festa de casamento, no ano de 1975, na cidade de São Caetano do Sul



Família Lerch. Da esquerda para a direita, sentados: Genoveva Lerch e João Lerch. Em pé: Carlos e a esposa Rosália, José (cunhado) e Leontina, menino Jorge, Estevan Lerch, Aurélia Müller e Anton Müller. Hungria, 1942

Anton e Aurélia namoraram três anos, porque o rapaz tinha 28 anos e os soldados só podiam casar-se com 30 anos.

Em 1944, começaram os bombardeios na cidade e Anton pediu a Aurélia que fosse para a casa da família Müller. Assim, ela se instalou na casa dos futuros sogros, José Müller e Elizabeth, onde foi muito bem acolhida. A guerra terminou em 1945, mas só tiveram notícia de Anton um ano depois. Ele estava em um campo de concentração, morrendo de fome e pedindo socorro à família.

Enfrentando perigos sem conta, Aurélia viajou 300 quilômetros num trem de carga para levar comida ao noivo. Ela estava em Buda, ele em Peste, margens do Rio Danúbio posteriormente ligadas por pontes e que deram origem a Budapeste. Aurélia permaneceu um mês na casa de uma tia antes de voltar para a casa dos sogros, uma vez que não havia trem. Mais tarde, Anton Müller conseguiu fugir do campo de concentração, refugiando-se na casa da mesma tia. Aurélia foi encontrar-se com ele, em Budapeste, casando-se no dia 12 de Fevereiro de 1946.

NOVA FUGA – Anton Müller foi denunciado por um falso amigo e o casal teve que fugir. Enfrentando to-

Quando Leontina, a irmã mais velha de Aurélia, tinha oito anos, passou a cuidar da casa e dos irmãos menores, pois a mãe trabalhava lavando roupas de um sanatório. Com 11 anos, Leontina começou a trabalhar num escritório, como *office boy*, e Aurélia, agora com oito anos, substituiu-a nos afazeres da casa. Segundo dona Aurélia, nossa entrevistada, dava-se preferência a meninas nos escritórios, porque elas podiam cuidar também da limpeza.

Aos 14 anos, Leontina começou a trabalhar numa fábrica de móveis. Aurélia, já com 11 anos, ocupou a vaga da irmã no escritório, onde permaneceu por três anos.

Aos 14 anos de idade, Aurélia passou a trabalhar como tecelã em uma fábrica perto de sua casa. Só então, com as duas filhas trabalhando e o filho Carlos aprendendo o ofício de marceneiro, Genoveva pôde ter uma vida melhor. Nesse tempo, Aurélia ganhava muito bem, mais que o pai, segundo ela.

Aos 20 anos, Leontina casou-se com José, e Carlos foi prestar serviço militar. Em 1939, irrompeu a Segunda Guerra Mundial e a cidade de Novi-Sad, que pertencia à Iugoslávia, foi ocupada pelos húngaros, sendo considerada território húngaro.

O irmão caçula de Aurélia,

Estêvão, fugiu para a Alemanha e passou a trabalhar, como alfaiate, para os soldados alemães. Segundo Aurélia, a família nunca mais teve notícias de Estêvão.

VIDA NOVA – O cunhado de Leontina tinha um restaurante em frente ao quartel, sendo, por isso, amigo de muitos militares. Foi nesse restaurante, numa festa de fim de ano, que Aurélia conheceu o soldado Anton Müller, nascido em Vaskut (Hungria), no dia 30 de Outubro de 1914.

Apresentados por José, marido de Leontina, Anton e Aurélia dançaram a noite toda, combinando uma sessão de cinema para o dia seguinte. Nossa entrevistada ainda relembra, com saudade, o nome do filme: *Beijo Mortal*.



Aurélia, terceira à direita da professora do primeiro ano primário. Ano de 1929

da a sorte de perigos, os recém-casados conseguiram chegar a Bludenz, na Áustria, onde foram acolhidos por parentes: ela grávida, ele com pneumonia. Logo, porém, começaram a trabalhar: ela como tecelã, ele como gerente de estoque. Também nesse tempo, Leontina, irmã de Aurélia, trazendo consigo o filho Georg, veio morar com eles, pois seu marido, José, caíra em mãos de inimigos.

No dia 30 de Dezembro de 1946, nasceu Monika, primeira filha de Aurélia e Anton Müller. A vida, na Áustria, estava muito difícil.

Em 1948, a imigração abriu inscrições e Anton Müller decidiu mudar-se, com a família, para o Brasil. Embarcaram no Porto de Bremen-Hafen, viajando durante 15 dias no navio General Langit, que os trouxe para a Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, onde chegaram no dia 18 de Novembro de 1948.

Sempre com muitas dificuldades, foram encaminhados a São Paulo, onde moravam, desde 1924, os padrinhos de Estêvão, irmão de Aurélia. Assim, acolhidos pelo sr. Paulo Liscay e pela sra. Tereza Liscay, logo começaram a trabalhar: Aurélia como diarista e Anton como metalúrgico.

Alugaram uma pequena casa em Campo Limpo Paulista e, depois, em Vila Hamburguesa.

NOVOS PATRÕES – Por intermédio dos padres húngaros da Praça Patriarca, Aurélia e Anton conseguiram trabalho na casa do sr. Pierre Kohen, na Avenida Ipiranga. O sr. Pierre contratou o casal Müller, ela como cozinheira e ele como copeiro, porque a mulher e a filha estavam para chegar da França. A babá Eliza falava em alemão e servia de intérprete. Aurélia e Anton trabalharam nessa casa por três anos, até que o sr. Pierre resolveu mudar-se, com a família, para o Rio de

Janeiro, e os empregados preferiram continuar em São Paulo. Foi, então, que o casal Müller empregou-se na casa do barão João Koranyi, onde permaneceram por mais três anos. Assim, tendo casa e comida, Anton e Aurélia puderam guardar seus salários. Graças a isso, conseguiram comprar uma casa em São Caetano do Sul em 1953.

Residindo em São Caetano do Sul, o sr. Anton passou a trabalhar em uma firma de irrigação, na Lapa, enquanto a esposa cuidava da casa e da filha. Em 1956, nasceu o segundo filho do casal, Richard.

Com a falência da firma em que trabalhava, Anton transferiu-se para o escritório de uma grande construtora (empresa que construiu a Ponte da Amizade), depois para um estacionamento com elevadores na Rua Riachuelo, e finalmente, já aposentado, foi encarregado da metalúrgica de um amigo, em Suzano, SP.

Atualmente, dona Aurélia Müller, tendo enviuvado no dia primeiro de maio de 1989, continua morando em sua casa na Rua Pindorama, 65, orgulhando-se de conhecer cada casa e cada morador de seu bairro (Bairro Olímpico), onde vive há 50 anos.

Ainda bastante ativa, dona Aurelia tem muitos amigos e acompanha, com interesse, a vida de seus dois filhos: Monika (casada, residente em Santa Catarina) e Richard (casado, residente em São Caetano do Sul). Dona Aurélia fala, com carinho, dos cinco netos e cinco bisnetos.

Concluindo, nossa entrevistada declara-se brasileira e sancaetana ardorosa, embora trazendo, no coração, todas as lembranças de seu passado.

(*) Yolanda Ascencio é professora, pedagoga, advogada e escritora



Família Müller

Pais de Aurélia, Genoveva e João Lerch, por volta de 1945, Iugoslávia



Família Müller

Da esquerda para a direita: Carlos Lerch, Aurélia Müller e Leontina Lerch. Iugoslávia, 1924.

Três gerações, um único lar

No Bairro São José, as irmãs Pierina e Michelina criaram os filhos e recebem os netos na casa em que moram juntas desde a juventude

Alexandre Toler RUSSO (*)

Pierina Dattilio dos Santos e Michelina Dattilio Moreira, irmãs, foram duas das primeiras moradoras do Bairro São José. Vieram, com a família, de Presidente Epitácio, na divisa entre São Paulo e Mato Grosso do Sul, e se instalaram na Rua José de França Dias. Antes disso, porém, moraram em Ribeirão Preto, local em que Antônio Dattilio e Maria Paulina Dattilio, os pais, fixaram residência após o casamento.

O relato de Pierina e Michelina divide-se em duas partes: infância e adolescência em Ribeirão Preto e Presidente Epitácio, e maturidade em São Caetano. De ambas as fases guardam muitas lembranças alegres e poucas tristes. Especialmente gratas são as recordações de Presidente Epitácio. Tão vivas estão na memória das duas que chegam a obscurecer as histórias do período passado em Ribeirão Preto. Assim, o primeiro momento da entrevista é uma volta à adolescência, com uma ou outra escala na infância. No segundo, todavia, São Caetano é o ponto de referência e a vida madura o conteúdo principal.

Eu nasci em quatro de Agosto de 1929, em Ribeirão Preto, diz Pierina, e lá fiquei até a idade de 11 anos.

Antônio e Maria Paulina Dattilio tiveram três filhas em Ribeirão Preto (Michelina,

Pierina e Adelina) e um filho em Guaxupé (Ludovico, o primogênito), Minas Gerais. Imigrantes italianos, não chegaram juntos ao Brasil, todavia, dirigiram-se à cidade mineira e lá se conheceram. Anos depois, casados, mudaram-se para Ribeirão Preto.

Era uma fazenda muito grande onde eu nasci. Chamava-se Guatapará. Nós morava numa seção que era meio retirada, mas a fazenda mesmo, onde que fica a sede, onde que tava o administrador, era quase que nem uma cidade. Tinha açougue, farmácia, venda, igreja, sorveteria (...) Tinha até uma estação de trem que passava berando essa sede aí (...) Tinha também o cemitério e até um salãozinho de baile, onde a turma fazia festa.

Em Ribeirão Preto, a casa dos Dattilios ficava um pouco distante da sede da fazenda. Possuía três cômodos, porém, foi ampliada para melhor abrigar a família. *Depois meu pai pediu pra ampliar, porque nós já tava meio grandinho e dormia tudo no mesmo quarto. Aí o fiscal aprovou e foi um pedreiro lá para construir mais dois cômodos.*

Quase tudo o que se consumia no lar era nele mesmo produzido. Verduras, frutas, legumes e outros alimentos provinham da horta da família. Até sabão faziam por conta própria:

- Sabe como é que faz sabão? Quando matava um porco, toda aquela rebarba, aque-

las coisas que a gente não comia, ia pondo tudo numa lata (...) Aí, depois, minha mãe pegava soda, breu, mamão verde, picava tudo ali e cozinhava tudo aquilo (...) Aquilo lá ia apurando, apurando, cozinhando, cozinhando... até dá aquele ponto certo. Quando dava o ponto certo, ela tirava do fogo e deixava esfriar. Então ela virava de bruço o panelão, punha um saco de estopa no chão, e colocava ali(...) Quando tava bem "friinho", já enxutinho, ela cortava. Primeiro aquelas barras grandes, depois ia cortando os pedaços pequenos pra gente pegá na mão.

Havia, contudo, coisas que só podiam ser compradas em vendas.

- Como nós ia fazê sal!? Como nós ia fazê óleo!? Essas coisas tinha que comprar (...) Meu pai ia na cidade, comprava, e trazia pra cá (...) Quando ele ia comprar açúcar, comprava de saco de 60 quilos. Então dava para três, quatro meses (...) O sal ele comprava de saquinho. Às vezes tinha cinco quilo, dez quilo (...) O óleo era uma lata só, pra pôr na salada, porque pra comida e tudo as coisas a gente aproveitava a gordura do porco.

As roupas eram um meio-termo entre o que se podia fazer em casa e o que só era possível conseguir fora dela:

Meu pai comprava riscado (tecido xadrez) para fazer vestido para nós. Ele comprava uma peça só (...) Minha mãe

fazia a roupa a máquina (...) Nós punha a máquina na mesa, punha uma cadeira ali, sentava, e costurava (...) A gente fazia isso de domingo (...) Pro domingo, meu pai comprava chita, pra fazê um vestido mais bonito (...) Lá o dinheiro era tudo na mão do meu pai. Nós só trabalhava.

Desde muito novas as meninas começaram a trabalhar. Em Ribeirão Preto, a grande quantidade de afazeres dos pais exigia o auxílio dos filhos, a fim de que todo o serviço pudesse ser cumprido. Pierina explica que, em razão disso, não pôde completar os estudos.

Eu estudei só o primeiro ano, um pouquinho (...) Depois eu ia levar o almoço e meu pai falava: "Ah, hoje nós tâmo muito atrasado. Precisa acabar aqui porque ainda tem que ir carpir aquele feijão que tá no mato! Hoje cê num vai pra escola, cê fica!" No outro dia era a mesma coisa. Aí foi indo, foi indo, e ele me tirô (...) Depois eu aprendi um pouco mais sozinha, porque meu pai pagava um rapaz pra ensinar o meu irmão e eu pegava um caderno e um lápis e sentava perto. Então eu aprendi bastante ali (...) Catava o livro do meu irmão, fazia cópia.

Apesar do trabalho, havia momentos de lazer, principalmente quando as meninas eram bem pequenas e não podiam ajudar o pai. Em realidade, as garotas começaram a trabalhar em função de algumas travessuras que faziam.

Eu comecei a trabalhar porque eu e mais a Michelina, nós era muito danada. Minha mãe ia na roça ajudar meu pai e deixava nós duas em casa pra olhá os pequenos (...) Mais

nóis brincava muito (...) Então, sabe o que o meu pai fez? Ele deixava a Michelina, que era mais grandinha, em casa, pra olhá os pequenos, e me levava pra roça (...) Pra separar nós duas, senão nós ficava brincando.

A despeito de algumas broncas, o relacionamento com os pais era bom.

A gente conversava, sim (...) Meu pai ensinava a gente a cantar em italiano, a rezar em italiano (...) Mas, apesar disso, ele queria que nós falasse em brasileiro (...) Italiano eles falava entre eles dois, mais com nós ele não gostava, porque eles queria aprender a falar e achava falta de muita coisa que eles num sabia explicar em português, comentou Michelina Dattilio, iniciando sua participação na conversa, pois acabara de chegar à casa da irmã.

Outras ocasiões em que pais e filhos se aproximavam eram festas como Natal, Ano Novo, Páscoa e batismos. Aniversários, Dia dos Pais ou Dia das Mães, entretanto, eram datas relegadas a segundo plano. Meus pais, acrescentou Michelina, num costumava fazê festa de aniversário. Sabe o que eles fazia? Eles vinha perto da gente e dava um puxão de orelha! (...) Eles fazia festa sabe quando? Quando tinha batizado, casamento (...) É, aí matava até leitoa (...) Também festejava o Natal, o Dia de Ano, a Páscoa. Apesar de respeitar e apreciar acontecimentos sociais como batizados e casamentos, os Dattilios não tinham o hábito de se reunir com parentes ou conhecidos:

- Lá não era assim que nem aqui, que o pessoal vai na casa

dos parentes (...) Bom, nós nunca moramos junto com parente. Nós morava mais sozinho (...) Só em Ribeirão Preto nós morêmo uns ano junto com a família do meu pai, com a minha vó (...) Mas não junto na mesma casa (...) Nós não passava o Natal junto (...) Nem tinha muito esse negócio de dá presente (...) Só quando casava é que levava presente pros noivo (...) Quando nascia nenê, a gente também dava um presentinho pra ele!

Presente, para elas, só no dia do pagamento geral da fazenda: *Pagamento geral tem presente!* Segundo Pierina, o pagamento geral era feito no fim do ano e os colonos recebiam pelo ano trabalhado. *Meu pai não ia receber dinheiro da fazenda. Ele só ia no dia do pagamento geral (...) Não precisava, tinha tudo lá em casa (...) Meu pai e minha mãe criavam muita galinha. Cada vez que ele ia na cidade, no sábado, ele vendia uns quatro, cinco frango, uma cesta de ovos, e aí, com os troquinho, ele comprava o que precisava.*

Esse comentário a respeito do pagamento já diz respeito à vida das adolescentes em Presidente Epitácio. Antônio Dattilio convencera-se de que era hora de deixar Ribeirão Preto e começar vida nova em outro local.

Aí meu pai resolveu ir pro sertão de Mato Grosso (...) Não era bem Mato Grosso, ali ainda era São Paulo (...) A cidade chamava Presidente Epitácio (...) Só trem ia pra lá, porque naquele tempo não tinha esses negócio de rodoviária, essas coisa (...) Nós morava lá no fim da linha (...) Era só mato, comentou Mi-

chelina.

Presidente Epitácio foi o local em que as irmãs passaram a adolescência. Da cidade só possuem boas lembranças. A única tristeza foi dela ter saído.

Lá em Mato Grosso (assim dizem elas) meu pai num deixava nós ir na outra colônia, recordou Pierina, com ar brincalhão. Mas, de vez em quando, nós escapava! Michelina ajuntou: Nós fugia, mas ia um cachorro atrás de nós. Então, onde que nós ia o meu pai sabia. Ele via o cachorro e falava: “As menina tá lá!” (...) Nós ia brincar de roda e nós num podia cantar e nem as menina falá o nosso nome, senão meu pai ia saber que nós tava lá (...) Meu pai num chamava, ele só subiava, e nós tinha que vir.

Durante os sete anos passados em Presidente Epitácio, o cotidiano era bastante semelhante ao de Ribeirão Preto, com a ressalva de que as meninas, maiores, tinham de trabalhar mais. Pierina relatou:

- Nós ia pegar animal de manhã cedo no pasto, ajudar o meu pai a pegar os animal no pasto. De manhã tava... assim... com o orvalho, o capim molhado, e nós se molhava tudo pra correr atrás dos animal (...) Olha, nós já trabalhâmo tanto, tanto (...) É ... mais... era bacana, né!? Era bom, era melhor do que aqui (...) Ah, era gostoso! A gente trabalhava assim, sei lá, a gente trabalhava tranqüilo.

O trabalho começava cedo. Mal o sol raiava, todos já estavam de pé.

Meu pai tirava nós da cama, nós já lavava o rosto, dava uma penteada no cabelo,

amarrava um lenço, punha um chapéu de palha na cabeça (...) Nós até pegava aquele saco de açúcar, que é meio grossinho, e fazia um casaquinho, tipo uma blusinha, assim, com a manguinha comprida, pra pôr por cima pro sol não queimá muito (...) Também colocava um lenço na cabeça e o chapéu por cima, porque só o chapéu não protegia muito do sol.

O trabalho na fazenda era grande. Michelina lembrou que cada membro da família cuidava de mil pés de café. Ao todo, 4.600 pés de café estavam a cargo dos Dattílios.

Sabe como era a fazenda lá? Cê tocava mil pés de café da fazenda e eles te dava alguns alqueires de terra pra você ter roça, plantar o que quiser (...) Então nós tocava quase 4.600 pés de café e nós tinha quase 30 alqueires de terra pra plantar o que nós queria (...) Não pagava renda nem nada.

As tarefas eram divididas. Na colheita do café, dois membros da família, Michelina e o pai, trabalhavam para a fazenda. Os demais se ocupavam da terra que lhes pertencia e em que plantavam o que queriam.

Na hora de colhê o café, colônia era só eu e meu pai. Nós ia apanhá café na fazenda, e a Pierina, o meu irmão, a minha mãe e as catadora de algodão era por conta do meu pai (...) Nós tinha obrigação com o fazendeiro de colhê o café na fazenda. Nós tinha obrigação de tocar duas ruas de café (...) E nós tinha as mulher que catava algodão. Meu pai pagava elas (...) Nós tinha dois alqueires e meio de algodão plantado (...) Nós sozinho não

dava conta (...) Tinha que ir até de domingo!

Aos domingos, às vezes se trabalhava, às vezes não. Quando não, as meninas, junto com o irmão, iam à missa em Presidente Venceslau, cidade vizinha. *Nós andava uma hora até chegar lá (...) Mas nós pegava atalho e chegava mais rápido... Uns 20 minutos (...) Nós ia descalço mesmo. Quando chegava lá perto, a gente limpava o pé e punha os carçados.*

Em tais ocasiões, o pai lhes dava 50 centavos para que comprassem pão. *Naquele tempo, com 50 centavos cê comprava quase a padaria (...) E aí nós comprava um monte de sorvete, doce, pão (...) Meu pai e minha mãe não iam (...) Minha mãe ficava fazendo o armoço e meu pai ficava atrás da criação.* Aos domingos, almoçava-se mais tarde. Em razão disso, os irmãos retornavam para casa por volta das dez horas. Nunca se esqueciam de trazer uma garrafa de vinho para agradecer o pai.

O cardápio do dia de descanso diferia do menu cotidiano. Lasanha, nhoque, frango, macarrão e outras iguarias deleitavam as meninas. A berinjela napolitana foi lembrada com gosto:

Berinjela napolitana! Com molho... Enchia a berinjela de tempero, carne moída, queijo ralado, azeitona picada (...) Depois do almoço eu ia brincar de casinha, observou Pierina. Sabe que eu tinha 18 anos e num sabia o que era namorar? Eu nem pensava em namorar (...) Queria brincar de casinha, de boneca.

O pai não queria que as filhas namorassem. Amante de

bailes, levava as moças a festas na cidade, porém, ficava de olho nos rapazes que se aproximavam demais.

Às vezes meu pai levava nós nos baile (...) Meu pai era alegre, gostava de dançar, mas era bravo quando a coisa era séria (...) Ele não gostava que nós namorava lá nos baile dos sítio em volta da fazenda (...) Mesmo sem namorar era divertido, alegre.

Triste, entretanto, foi sair de Presidente Epitácio. Com pesar, as irmãs contaram como o avô apareceu na cidade e convenceu Antônio Dattilio a deixar o local.

O meu avô um dia apareceu lá. Não sei como ele achô nós (...) Toda a família do meu pai e da minha mãe tava em São Caetano (...) Mais lá nós tava melhor que eles (...) Então meu avô falou pro meu pai: "Você tem que ir pra lá, porque só tá vocês aqui perdido. Que é que você tá fazendo aqui nessa lonjura, no meio desse mato?" (...) Como o meu avô tava bem velhinho, o meu pai veio trazer ele de volta (...) Aqui em São Caetano meu avô morava na Rua Padre Mororó (...) Aí tinha esse terreno em que eu moro hoje e eles trouxeram meu pai pra ver (...) Era 1050 metros de terra e não tinha nenhuma casa aqui no quarteirão.

SÃO CAETANO - O terreno situava-se na hoje Rua José de França Dias e nele foi erguida uma pequena casa. Antônio Dattilio contou com a ajuda do pai e do irmão mais novo, ambos moradores da cidade, para levantar a residência.

Então construíram quatro cômodos nesse terreno (...)

Quando nós viémo tava pronto só as parede e o telhado (...) Faltava pôr o piso, o vitrô da cozinha (...) Mas logo ficou pronto, frisou Pierina.

O Bairro São José, na época, possuía poucos moradores e quase nenhum estabelecimento comercial. Michelina descreveu o ambiente:

Nesse quarteirão daí da frente só tinha duas casas. Fora isso era tudo mato (...) E depois tinha um pedaço do cemitério, que não era nem a metade do que é hoje (...) Lá onde é o aéreo (Parque do Aeromodelismo, parte do Espaço Verde Chico Mendes) era uma cerâmica que chama-va Tupan.

Assim que se instalou na nova casa, Antônio Dattilio empregou-se na Cerâmica Tupan. Os filhos também foram se arrumando: Ludovico foi para a GM, Michelina entrou nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Pierina na Cerâmica São Caetano e Adelina na Fábrica de Botões Aliberti.

O Matarazzo pagava melhor que a Cerâmica, lembrou Michelina. Lá no Matarazzo eu era retorcadeira (...) Eu enchia aqueles carretel de linha.

Apesar de ter trabalhado nas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, as principais lembranças de Michelina referem-se ao período em que esteve na Cerâmica São Caetano. Pierina também prestou serviços a essa fábrica, de modo que o relato a respeito da indústria cerâmica foi bastante rico em detalhes.

Na Cerâmica São Caetano tinha bastante mulher! (...) Era duas turma: uma de manhã e outra à noite. Uma das cinco até uma e meia e outra

da uma e meia até às dez e meia. Era trocado: a turma que ia de manhã numa semana, na outra ia à tarde, disse Michelina. A irmã ajuntou: A Cerâmica era a mãe do povo. Era uma firma muito boa. Não sei por que essa firma faliu ... Vai ver que foi por isso (...) A Cerâmica tinha um laboratório. Ia todo mundo lá (...) Tinha médico, enfermeiro, farmácia (...) Se era um caso de cirurgia, caso grave, ela tinha o Hospital São Jorge, em São Paulo (...) Eles levava tudo pra lá.

Michelina viveu drama familiar em função de um acidente ocorrido na Cerâmica São Caetano. Seu marido, Sebastião Moreira, machucou uma das mãos durante o trabalho. Uma máquina prensou-a, esmagando-a. Levaram-no ao hospital e submeteram-no a uma cirurgia, a fim de evitar a amputação. Foi feito um enxerto, mas o corpo rejeitou. *Naquele tempo a medicina não tava muito adiantada, então não deu certo e ele acabou perdendo a mão.*

A maioria das lembranças relacionadas à Cerâmica, entretanto, é boa. As duas recordam-se com alegria, por exemplo, da rotina de, logo ao sair da fábrica, comprar pão na Padaria Santo Antônio.

Nóis saía às quatro horas da tarde e já passava na Padaria Santo Antônio, lá na Rua Espírito Santo (...) Meus tio fazia isso e nós passâmo a fazê também (...) Essa padaria era da família do Moretto (...) Só que tinha semana que num dava pra ir na padaria, então meu pai mandou trazer o pão em casa (...) Um homem, numa carrocinha com cavalo, vinha

trazer o pão.

Um pouco para baixo da panificadora, segundo as irmãs, ficava a Venda do Chicão, local em que se adquiriam diversos alimentos que, junto com o pão, compunham a mesa dos Dattílios.

A Venda do Chicão era meio grandinha e nós comprava muita coisa ali. O Chicão era o pai do Massei, elucidou Pierina.

Oswaldo Samuel Massei, duas vezes prefeito do município, promoveu muitas melhorias no Bairro São José. Luz elétrica, asfalto e água encanada foram levados aos moradores por intermédio do político.

Não tinha luz, não tinha guia, não tinha rua asfaltada. Era rua de terra (...) Asfaltada era só a avenida (Avenida Engenheiro Armando de Arruda Pereira). Sabe quem asfaltou a rua depois? Foi aquele prefeito Oswaldo Massei. Ele arrumou tudo nessa Vila São José (...) Ele que fez as guias, o asfalto, e num cobrou nada do pessoal aqui.

Até 1950 e mesmo durante os mandatos dos primeiros prefeitos e vereadores, os lares de São Caetano lembravam muito os do interior. A casa dos Dattílios, por exemplo, era desprovida de água, esgoto e luz elétrica. A mobília era modesta e o fogão a lenha.

Naquele tempo não tinha fogão a gás. Era fogão que punha lenha (...) Tinha aquela chapa, assim ... Tinha também esses fogão de carvão. Depois de um tempo inventaram aquele de querosene (...) Fogão a querosene (...) Foi só depois de 1950 que foi chegando esse negócio de fogão a gás.

A cidade, no geral, se pare-

cia muito com o campo. Havia mais vacas, burros e cavalos do que automóveis. Pastos, em vez de avenidas, predominavam na paisagem.

Ninguém tinha carro (...) Só um português, que todo mundo chamava de Batata-Assada, tinha um carro lá pra alugar (...) Quando o pessoal precisava ir pra algum lugar, pro médico, pra tudo, então ele levava, concluiu Pierina.

O que tinha mesmo era pasto, emendou Michelina. Quando minha filha nasceu, um ano depois que eu casei, a Pierina ia comprar leite pra ela lá pra baixo da Candelária. Lá tinha umas vacas e nós comprava leite lá.

A Igreja Nossa Senhora da Candelária era uma das mais freqüentadas pelas irmãs, também assíduas visitantes da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, no Bairro São José, e da Igreja Sagrada Família (Matriz Nova), na Praça Cardeal Arcoverde. Nesta última estava sediada a irmandade Filhas de Maria, da qual Pierina fazia parte.

Eu ia muito na igreja (...) Filhas de Maria é uma irmandade que só tinha moça. Depois que casava não podia mais ser Filha de Maria, porque a moça tinha que ser virgem (...) A gente orava, tinha uniforme (...) Quando eu entrei eles me deram uma fita azul e uma medalha pequena. Aí fiquei seis meses de aspirante (...) Depois de seis meses fiz uma prova e recebi uma fita verde, mais longuinha, e uma medalha maior. Depois recebi uma fita azul longa, uma medalha bem grande e uma faixa bem larga, que vinha até o joelho (...) O vestido era todo

branco, com a manga comprida (...) A gente usava ainda um véu branco na cabeça (...) Eu era lá da Sagrada Família, no centro da cidade, na Praça Cardeal Arcoverde.

A Igreja Sagrada Família também foi importante para Michelina, que lá se casou em 1953. *Conheci meu marido na Cerâmica, namorei um pouco e casei aí na Matriz Nova. Depois nós viémo morá aqui no quintal do terreno do meu pai.*

De fato, os irmãos Michelina, Pierina, Ludovico e Adelina vieram morar, com os cônjuges, no terreno de Antônio Dattílio. Quando ele morreu, foi preciso dividir a área no intuito de acomodar quatro novas famílias.

Demorou pra resolver isso. Ninguém queria ficar no fundo. Então foi dividido assim: de dois eles fizeram quatro lotes. Ficou um lote pra cada irmão, mas quem ficou na frente teve que deixar uma rua pra quem ficou atrás.

Pierina criou os sete filhos no pedaço de terra que lhe coube, na parte da frente do terreno. Janete, Ivete, Ivonete, Marco Francisco, Elizete, Márcio e Arlete cresceram na Rua José de França Dias. Michelina também viu os filhos Hélio, Mílton, Marlene e Fátima amadurecerem no Bairro São José. Ludovico teve apenas uma filha, assim como Adelina, e ambas foram criadas com os primos.

Pierina e Michelina, cercadas pelos netos, ainda vivem na casa erguida por Antônio Dattílio.

(*) Alexandre Toler Russo é jornalista

Instruções para a remessa de artigos

A revista *Raízes*, desde o seu lançamento até os dias de hoje, já contou com a colaboração de 130 articulistas, com trabalhos publicados em 720 artigos, sob os mais diferentes pontos de vista mas sempre com o objetivo de resgatar a nossa história a nossa memória, enfim, as nossas raízes.

A partir do nº 28, a ser lançado em Dezembro de 2003, um espaço ainda maior para quem desejar enviar artigos e sugestões será aberto.

No intuito de esclarecer eventuais dúvidas sobre o envio de artigos, estabelecemos algumas normas. →

O endereço para postagem é:

**FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
DE SÃO CAETANO DO SUL**

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255

09541-520 São Caetano do Sul-São Paulo

Fones: 4221-9008 e 4221-7420

raizes@fpm.org.br

❶ - A revista está aberta à colaboração de pesquisadores e memorialistas da História do ABC paulista vinculados ou não a instituições públicas e privadas;

❷ - Os artigos devem ser enviados à Fundação Pró-Memória, e serão apreciados e selecionados pelo Conselho Editorial da Revista *Raízes*;

❸ - Em artigos de caráter histórico, deverá constar no próprio corpo do texto, ou em notas de rodapé, a bibliografia utilizada;

❹ - A Fundação Pró-Memória se reserva o direito de revisar os artigos, quando necessário, para adequá-los ao nosso estilo de publicidade;

❺ - A Fundação Pró-Memória se reserva o direito de escolher imagens quando não houver sugestão ou remessa por parte do articulista ou quando as imagens sugeridas não puderem ser utilizadas por problemas de origem etc.;

❻ - Originais encaminhados à revista não serão devolvidos, com exceção de fotografias.

❼ - Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores, e não refletem, necessariamente, a opinião da revista;

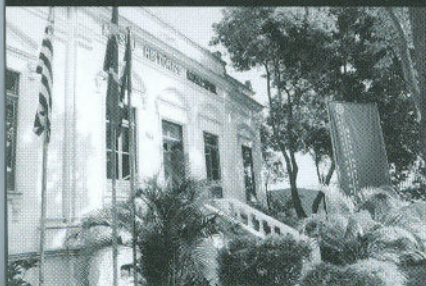
❽ - Os autores de artigos selecionados terão seu texto publicado na Revista *Raízes* e receberão cinco exemplares do número em que seus trabalhos forem publicados;

❾ - Os artigos selecionados podem ser publicados em qualquer número da Revista *Raízes* com notificação prévia aos autores;

Museu Histórico Municipal

Rua Maximiliano
Lorenzini, 122 -
Fundação

Telefone: 4229-1988

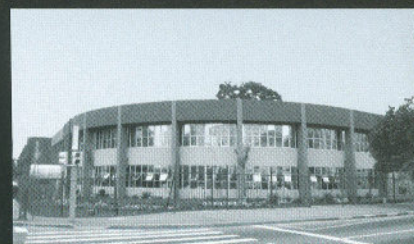


*“Aquele que
conhece o
passado,
sabe o que quer
no presente,
e o que
pretende no
futuro”*



Fundação Pró-Memória

São Caetano do Sul



Sede Administrativa

**Centro de
Documentação
Histórica**

**Pinacoteca
Municipal**

Av. Dr. Augusto de
Toledo, 255 - Santa
Paula

Telefones: 4221-9008

